



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Natália Filipa Lima Pontes

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Educação Financeira: uma abordagem da poupança com alunos
do 4.º ano de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Lina Fonseca

novembro de 2016

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas, pessoas mudam o mundo.”

Paulo Freire

Agradecimentos

À Professora Doutra Lina Fonseca pela excelente coordenação e dedicação a todos os assuntos respeitantes ao mestrado por si coordenado, mas sobretudo pela constante preocupação e empenho no trabalho desenvolvido enquanto orientadora do presente relatório. Foi, sem dúvida, um suporte essencial neste processo educativo. A sua partilha de saberes, incentivo, e desafio constante contribuíram decisivamente no meu desenvolvimento tanto a nível profissional como a nível pessoal.

Ao meu pare pedagógico, Daniela Rodrigues, por todos os momentos de partilha que um estágio em conjunto é capaz de proporcionar. Pela partilha de ideias, de situações mais difíceis e de momentos felizes, de incentivo e estímulo, de ajuda e colaboração, de aprendizagens e companheirismo e sobretudo pela amizade que se fortaleceu.

Aos meus pais e irmão pelo apoio incondicional ao longo da vida, e em todas as minhas decisões. Apesar de muitas vezes ausentes fisicamente sempre foram e serão as pessoas com quem mais conto e sei que poderei contar. Porque o amor que nos une não se mede pela distância física.

Ao meu avô materno que esteve desde o início do percurso ao meu lado, mas que infelizmente não pôde esperar para o ver terminar. E à minha avó materna que também esteve sempre presente. Ambos contribuíram muito para o meu crescimento e formação como pessoa.

À Luísa pelos momentos partilhados, impulso e encorajamento mesmo nos momentos em que a força para terminar parecia faltar.

Ao Rui pelo carinho e incentivo de que todos os sonhos são possíveis com persistência e empenho.

Ao professor e educadora cooperantes deste processo formativo pelo profissionalismo, instigação e partilha de conhecimentos que contribuiu para o enriquecimento da minha formação.

“Mesmo que a palavra “obrigado” signifique tanto, não expressará por inteiro o quanto o seu gesto atencioso e dedicado foi importante para mim”
(Lesley Pearse)

Resumo

Vivemos numa sociedade de consumo onde todos os cidadãos, e cada vez mais jovens, são confrontados com situações que exigem destreza nas questões financeiras e têm impacto considerável na forma como as crianças compreendem o mundo. Os jovens são constantemente solicitados e influenciados pelo apelo ao consumo e o dinheiro torna-se um assunto presente no quotidiano das famílias e as crianças não são alheias a este tema. Por isso, é pertinente capacitar desde muito cedo as crianças em questões financeiras para que se tornem cidadãos informados, autónomos e responsáveis no exercício das funções financeiras. A Educação Financeira torna-se, portanto, uma ferramenta imprescindível e necessária para fazer face a essa necessidade cada vez mais presente na sociedade global em que vivemos.

Devido à importância da Educação Financeira, da intenção de introduzir o tema no leque de aprendizagens das crianças, e numa perspetiva da necessidade da poupança, esta investigação desenvolveu-se em torno da seguinte questão orientadora: se as crianças não têm a oportunidade de aprender a usar o dinheiro, como irão então aprender livremente a optar pela poupança?, tendo como objetivos: 1) identificar o conhecimento prévio dos alunos relativamente a aspetos financeiros básicos; 2) desenvolver a capacidade de resolver problemas envolvendo dinheiro, tomando decisões justificadas; 3) identificar dificuldades dos alunos face às tarefas propostas e 4) desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança.

O estudo foi realizado no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada II (PES II) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico numa turma de 4º ano de escolaridade e com a participação de vinte e três alunos. A recolha de dados concretizou-se através de observação participante, meios audiovisuais, questionários e documentos produzidos pelos alunos. Os dados foram analisados e interpretados a partir de categorias que tiveram por base a revisão da literatura, os objetivos definidos e as tarefas desenvolvidas na investigação.

Os resultados deste estudo revelaram que os alunos apresentaram razoáveis ideias prévias adequadas sobre o dinheiro, mas evidenciaram terem desenvolvido conhecimentos matemáticos e financeiros de forma acentuada principalmente na consciencialização para a importância da poupança. O trabalho desenvolvido no mestrado profissionalizante foi fundamental para o meu crescimento enquanto profissional de educação.

Palavras chave: Educação Financeira, Poupança, Matemática e Proposta didática

Abstract

We live in a consumer society where all citizens, and increasingly young people, are confronted with situations that require dexterity in financial matters and have a considerable impact on the way children understand the world. Young people are constantly urged and influenced by the appeal to consumption and money becomes a subject in the daily lives of families and children are not unrelated to this topic. It is therefore appropriate to enable children at an early stage in financial matters to become informed, autonomous and accountable citizens in the exercise of their financial functions. Financial Education therefore becomes an indispensable and necessary tool to face this need that is increasingly present in the global society in which we live.

Due to the importance of Financial Education, the intention of introducing the theme in the range of children's learning, and a perspective of the need for savings, this research has developed around the following guiding question: if children do not have the opportunity to learn the To use money, how will they then freely learn to opt for savings ?, aiming at: 1) identifying students' prior knowledge of basic financial aspects; 2) develop the ability to solve problems involving money, making justified decisions; 3) to identify students' difficulties in the face of proposed tasks and 4) to design, implement, reflect and evaluate a didactic proposal for the exploitation of contents related to savings.

The study was carried out under the Supervised Pedagogical Practice II (PES II) of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education in a class of 4th year of schooling and with the participation of twenty-three students. The data collection was accomplished through participant observation, audiovisual media, questionnaires and documents produced by the students. The data were analyzed and interpreted from categories based on the literature review, the defined objectives and the tasks developed in the research.

The results of this study revealed that students presented adequate reasonable prior ideas about money, but they evidenced that they developed mathematical and financial knowledge in a major way, mainly in the awareness of the importance of saving. The work developed in the professional master's degree was fundamental for my growth as an education professional.

Keywords: Financial Education, Savings, Mathematics and Didactic Proposal

Índice

Agradecimentos	I
Resumo.....	III
Abstract	V
Índice de figuras	XI
Índice de tabelas.....	XIII
Índice de quadros	XV
Lista de abreviatura.....	XVI
Introdução	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO II.....	3
Caraterização do contexto educativo.....	5
Caraterização do meio envolvente.....	5
Caraterização da instituição	6
Caraterização da sala de aula	7
Caraterização da turma	8
Áreas de intervenção.....	11
CAPÍTULO II- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	15
Projeto de investigação	17
Pertinência do estudo	17
Definição do problema e objetivos de investigação	19
Revisão de literatura	21
Educação Financeira e literacia Financeira	21
O papel da escola na Educação Financeira.....	25
Áreas curriculares fundamentais para a Educação Financeira.....	28
Educação Financeira e a matemática.....	29
A necessidade da poupança nos dias de hoje.....	32
Estudos empíricos	33
Metodologia	37

Opções metodológicas	37
Participantes.....	39
Recolha de dados	40
Observação.....	40
Questionário.....	41
Meios audiovisuais	42
Documentos dos alunos	43
Intervenção educativa.....	44
Tarefa 1.....	47
Tarefa 2.....	47
Tarefa 3.....	48
Tarefa 4.....	50
Tarefa 5.....	50
Tarefa 6.....	50
Tarefa 7.....	50
Tarefa 8.....	51
Procedimentos de análise dos dados.....	51
Calendarização	52
Análise dos dados e interpretação dos resultados	55
Questionários iniciais	55
Tarefa 1.....	64
Tarefa 2.....	71
Tarefa 3.....	75
Tarefa 4.....	78
Tarefa 5.....	81
Tarefa 6.....	83
Tarefa 7.....	87
Tarefa 8.....	96

Questionários finais.....	99
Comparação dos questionários.....	110
Conclusões.....	119
Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.....	123
CAPÍTULO III-REFLEXÃO GLOBAL NO ÂMBITO DE PES I E PES II	125
Reflexão final da PES I e PES II.....	127
Referências bibliográficas.....	131
Anexos	137
Anexos 1- Planificação de referencia	139
Anexo 2 – Questionário Inicial.....	149
Anexo 3- Questionário Final.....	151
Anexo 4- Autorização	153
Anexo 5 - História “EuRico e a porquinha Poupança” (1ª parte)	154
Anexo 6 - História “EuRico e a porquinha Poupança” (parte 2).....	159

Índice de figuras

Figura 1- Vista aérea da cidade de Viana do Castelo	6
Figura 2 - Planta da sala de aula	8
Figura 3- Dimensão espacial e temporal da Educação financeira (CONEF, 2013, P.2) ..	24
Figura 4- Imagem ilustrativa da ferramenta digital: Guito – gerir e poupar	49
Figura 5 - Excerto do texto escrito pelo aluno 18	65
Figura 6 - Excerto do texto escrito pelo aluno 2	65
Figura 7 - Excerto do texto escrito pelo aluno 17.....	66
Figura 8 - Excerto do texto escrito pelo aluno 3	66
Figura 9 - Excerto do texto escrito pelo aluno 22	68
Figura 10 - Excerto do texto escrito pelo aluno 9	68
Figura 11 - Evidencia do aluno 16 sobre a importância do dinheiro.....	70
Figura 12- Evidencia do aluno 4 sobre a importância do dinheiro.....	70
Figura 13- Evidencia do aluno 7 sobre a importância do dinheiro.....	70
Figura 14- Evidencia do aluno 11 sobre a importância do dinheiro.....	70
Figura 15- Evidencia do aluno 19	71
Figura 16 - Resposta do aluno 1 sobre a tarefa 2.....	72
Figura 17 - Resposta do aluno 8 sobre a tarefa 2	73
Figura 18 - Resposta do aluno 7 sobre a tarefa 2.....	73
Figura 19 – Resposta do aluno 19 sobre a tarefa 2	73
Figura 20 - Imagem ilustrativa da ferramenta digital: Guito – gerir e poupar	77
Figura 21 - Resolução da tarefa 4 do aluno 23.....	79
Figura 22 - Resolução da tarefa 4 do aluno 4	79
Figura 23 - Resolução da tarefa 4 do aluno 1.....	80
Figura 24 - Resolução da tarefa 4 do aluno 11.....	80
Figura 25- Resolução da Tarefa 4 do aluno 16	80
Figura 26 - Resolução da tarefa 4 do aluno 8.....	81
Figura 27 - Resolução da tarefa 5 do aluno 4.....	82
Figura 28 - Resolução da tarefa 5 do aluno 8.....	82
Figura 29 - Resolução da tarefa 5 do aluno 12.....	82
Figura 30 - Resolução da tarefa 5 do aluno 11.....	83
Figura 31 - Representação de moedas de cêntimo pelo aluno 1.....	84
Figura 32 - Evidencia do aluno 16 na interpretação da tarefa 6	85

Figura 33 - Evidencia do aluno 6 na organização dos dados da tarefa 6	85
Figura 34 - Resolução nº1 do aluno 13 à tarefa 6	86
Figura 35 - Resolução nº2 do aluno 13 à tarefa 6	86
Figura 36 - Resolução nº3 do aluno 13 à tarefa 6	86
Figura 37 - Resolução do aluno 18 à tarefa 6	87
Figura 38 - Resolução do aluno 14 à tarefa 6	87
Figura 39 - Recurso utilizado para a tarefa 7.....	89
Figura 40 - Identificação das fontes de rendimento e respetivo valor pelo aluno 8	90
Figura 41 - cálculo do tempo que é necessário poupar para conseguir o objetivo pelo aluno 8.....	91
Figura 42 - Cálculo do tempo que é necessário poupar para atingir o objetivo pelo aluno 7.....	91
Figura 43 - Resolução do aluno 10 à tarefa 7	92
Figura 44 - Resolução do aluno 19 à tarefa 7	93
Figura 45 - Identificação das fontes de rendimento e respetivo valor pelo aluno 12 ...	93
Figura 46 - Cálculo do tempo que é necessário poupar para atingir o objetivo pelo aluno 12.....	94
Figura 47 - Resolução do aluno 14 à tarefa 7	95
Figura 48 - Evidencia da opinião do aluno 10.....	98
Figura 49 - Cartaz com palavras que podem mudar o mundo	98

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Representação das habilitações académicas dos pais.....	10
Gráfico 2 – Análise da questão: em que gastas o teu dinheiro	56
Gráfico 3 – Análise da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro	56
Gráfico 4 – Análise da questão: Porque é que gasto o meu dinheiro	57
Gráfico 5 - Exemplos do que é necessário comprar	58
Gráfico 6 - Exemplos do que é desnecessário comprar	59
Gráfico 7 - Conhecimento de países com outra moeda oficial para além do euro.....	60
Gráfico 8 - Opinião dos alunos acerca de se poder enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro	61
Gráfico 9 - Importância de se aprender a usar o dinheiro	62
Gráfico 10 -Análise da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro	99
Gráfico 11 - Exemplos de despesas necessárias.....	101
Gráfico 12 - Exemplos de despesas desnecessárias.....	102
Gráfico 13 - Conhecimento de países com outra moeda oficial para além do euro....	104
Gráfico 14 – Análise comparativa da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro	110
Gráfico 15 – Análise comparativa da questão: porque é que gasto o meu dinheiro...	111
Gráfico 16 – Análise comparativa dos exemplos de despesas necessárias	113
Gráfico 17 – Análise comparativa dos exemplos de despesas desnecessárias.....	113

Índice de quadros

Quadro 1 - Temas do Referencial de Educação Financeira (REF) desenvolvidos nas diferentes tarefas (T) da proposta didática.....	45
Quadro 2 - calendarização do estudo	53
Quadro 3 - Análise das justificações dos alunos à questão 5.....	57
Quadro 4 - Análise das justificações dos alunos à questão 12.....	61
Quadro 5 - Análise das justificações dos alunos à questão 13.....	61
Quadro 6 - Motivos dos alunos para a importância da poupança.....	74
Quadro 7 - Opiniões dos alunos sobre a atitude de uma personagem da história.....	97
Quadro 8 - Análise à questão: Compras tudo o que tens vontade? Porquê?.....	100
Quadro 9 - Importância da aprendizagem do uso do dinheiro.....	106
Quadro 10 - Aprendizagens dos alunos em função do tema do REF.....	107
Quadro 11 - Análise comparativa dos questionários à questão: comparas tudo o que tens vontade?.....	111
Quadro 12 - O que é poupar?.....	114
Quadro 13 – Motivos dos alunos para poupar.....	115

Índice de tabelas

Tabela 1 - O que é poupar?	102
Tabela 2 - Porquê que se deve poupar?.....	103
Tabela 3 – Opinião dos alunos em relação a poder-se enganar ou mentir para se ganhar dinheiro	105
Tabela 4 – O que é a Educação Financeira	107

Lista de abreviatura

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

CGD – Caixa Geral de Depósitos

CNSF – Conselho Nacional de Supervisores Financeiras

CONEF – Comité Nacional de Educação Financeira

DGE – Direção Geral de Educação

INFE – International Network on Financial Education

MEC – Ministério da Educação e Ciência

OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNFF – Plano Nacional da Formação Financeira

REF- Referencial de Educação Financeira

UC – Unidade Curricular

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada II, inserida no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico.

O relatório está organizado em três capítulos.

O primeiro referente ao Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada II, onde se caracteriza o contexto educativo, o meio que o envolve, a instituição, a sala e da turma. Seguindo-se ainda as áreas de intervenção em que se evidencia o trabalho realizado com o grupo e os conteúdos abordados.

O segundo capítulo refere-se ao Trabalho de Investigação realizado no âmbito da Educação Financeira e está dividido em cinco secções. A primeira refere-se à pertinência do estudo, definição do problema e questões de investigação. A segunda secção aborda a revisão de literatura onde se faz um enquadramento teórico e se fundamenta o presente estudo investigativo. Neste segmento pretendeu-se relacionar e aprofundar o conhecimento relativo à teoria existente sobre o tema. A terceira secção diz respeito às opções metodológicas, os participantes, as técnicas de recolha de dados, a descrição das tarefas realizadas na intervenção educativa e os procedimentos e a calendarização do estudo. A quarta secção refere-se à análise dos dados e interpretação dos resultados. Primeiramente através da análise dos questionários iniciais, das tarefas desenvolvidas, dos questionários finais e finalmente da comparação entre os mesmos. A quinta, e última, secção remete para as conclusões e limitações do estudo e recomendação para futuras investigações.

No terceiro capítulo é apresentada a reflexão crítica global no âmbito da PES I e PES II e evidencia as aprendizagens realizadas como profissional de educação.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO

SUPERVISIONADO II

Caraterização do contexto educativo

O presente capítulo pretende, de forma sucinta, apresentar a caracterização do contexto educativo em que a Prática de Ensino Supervisionada II se desenvolveu. Primeiramente será apresentada a caraterização do meio em termos geográficos, socioeconómicos e culturais do distrito de Viana do Castelo, distrito a que pertence o estabelecimento educativo em causa. Seguidamente, é feita uma caracterização da instituição sendo referidas as características ligadas aos recursos humanos, estruturais e físicos do mesmo. Posteriormente será efetuada a caraterização da sala de aula e do grupo de alunos que colaboraram no presente estudo investigativo. Por último, é feita uma abordagem às áreas de intervenção trabalhadas no contexto educativo.

Caraterização do meio envolvente

Viana do Castelo é uma cidade costeira a norte de Portugal. É um distrito com trezentos e catorze km² e com orla costeira de vinte e quatro quilómetros, com aproximadamente quatrocentos mil habitantes. Segundo informações fornecidas pelo site da Camara Municipal de Viana do Castelo, pertencem vinte e sete freguesias sendo que se separam pelo rio Lima. Cidade com espaços únicos devido à proximidade do mar, do monte e do rio Lima sendo, um local propício para usufruir de um clima agradável e momentos de descanso num meio tranquilo e sereno. Esta cidade oferece praias de qualidade e a proximidade do rio faz desenvolver diversos setores ligados ao desporto aquático oferecendo uma conjuntura propícia de receção a barcos de recreio.

Viana do Castelo, para além das caraterísticas geográficas apresentadas, é ainda uma região com outros atributos. A cidade possui Edifícios do século XVI ao XVIII, usufrui de vários pontos de interesse histórico, sendo o Navio-Hospital Gil Eannes, um *ex-libris* do município, que anualmente recebe aproximadamente quarenta mil visitas. A riqueza do seu património natural, monumental e histórico e, ainda, a aposta em diversas estruturas culturais, desportivas e sociais fazem de Viana do Castelo um distrito forte nessas vertentes que potencializam o enriquecimento cultural a moradores e visitantes. Em termos etnográficos, esta cidade detém ainda uma riqueza ímpar no que refere ao folclore português, ao artesanato, aos bordados e aos trajes vienenses, e à frequente animação cultural, particularidades que fazem da região local extremamente atrativa para o turismo e momentos de lazer.

As romarias e as festividades são frequentes nas várias freguesias da cidade, sendo a principal a Romaria da Senhora d'Agonia. Esta festa realiza-se anualmente no mês de agosto e caracteriza-se pela procissão e enfeite das ruas com os tapetes de flores, símbolos do profundo apego religioso da comunidade. É visível o potencial etnográfico desta região nos desfiles do Cortejo Etnográfico e na Festa do Traje, onde são apresentados os trajes minhotos, que ostentam autênticas obras de arte em ouro, a filigrana. A oferta cultural própria da região e o crescente desenvolvimento hoteleiro têm desenvolvido o turismo e as condições oferecidas pela cidade incentivam a receção de visitantes.



Figura 1- Vista aérea da cidade de Viana do Castelo

Caraterização da instituição

O estabelecimento de ensino no qual decorreu a investigação foi construído recentemente. Neste estabelecimento de ensino são ministrados o 1º Ciclo do Ensino Básico e a Educação Pré-Escolar.

Ao nível das infraestruturas a escola está dividida em dois pisos: rés do chão e 1º piso ao qual se pode aceder por escadas ou através do elevador, que é usado unicamente pelos alunos portadores de deficiência motora, impossibilitados de usar as escadas e pelos demais em situações que o justifiquem. As oitos salas de aula destinadas ao 1º CEB encontram-se no piso superior. No piso inferior localiza-se a sala de atividades do pré-escolar e os espaços comuns aos dois contextos educativos: secretaria, cozinha, refeitório e gabinete de primeiros socorros, sala de professores/trabalho, sala para atendimento a encarregados de educação e sala polivalente; A biblioteca escolar permite a consulta de materiais impressos, audiovisuais, informativos e o empréstimo de livros, oferecendo ainda outros serviços no âmbito da animação cultural e pode ser utilizada por todos os alunos, professores, funcionários, encarregados de educação e todos os autorizados pela Direção e/ou pela equipa de professores responsável.

O espaço exterior tem dimensões bastante consideráveis, com muitos espaços verdes, árvores, relvado, um campo de jogos pavimentado, espaço com parque infantil e diversas zonas ajardinadas. A entrada e saída da escola são feitas unicamente pelo portão principal. Aos alunos não é permitida a saída do recinto escolar durante o horário de funcionamento das atividades, salvo com autorização escrita e assinada pelo encarregado de educação.

A instituição dispõe de material didático específico que está distribuído e organizado por salas, arrecadações e armários. Existem também *placards* para afixação de informação através de cartazes, panfletos, avisos ou outros. A informação relativa ao pessoal docente é afixada na sala de professores; A informação geral é afixada no *placard* exterior junto do portão de entrada; A informação aos encarregados de educação é afixada nos *placards* da entrada do edifício escolar; As informações internas dirigidas a alunos são lidas nas respetivas turmas e afixadas no local próprio.

A correspondência entre a escola e as famílias faz-se, privilegiadamente, através da caderneta escolar do aluno e o atendimento aos encarregados de educação processa-se de acordo com a calendarização afixada no *placard*.

Ao nível de recursos humanos, fazem parte do Conselho de docentes do Estabelecimento todos os educadores/professores titulares de grupo/turma, docentes de educação especial ou de apoio educativo e por outros docentes desde que exerçam funções exclusivamente na instituição. O funcionamento da escola inclui: Atividades Curriculares que são orientadas por sete professores titulares, um dos quais o Coordenador de Estabelecimento; Atividades de Apoio às Famílias; Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) orientadas por treze professores diferentes nomeadamente nas áreas de Oficina de Leitura e Escrita Criativa, de Matemática, das Ciências, de Expressão Plástica e Música, Atividade Física Desportiva e, ainda, Inglês. A vigilância dos recreios, enquanto componente letiva é feita por professores e por assistentes operacionais. E o apoio às salas de aula e áreas de circulação e recreio é efetuado pelos mesmos assistentes.

Caraterização da sala de aula

Nos últimos anos tivemos de reconhecer que o professor é a chave derradeira para a mudança na educação e para a melhoria da escola. (...) É aquilo que os professores pensam, aquilo em que creem e aquilo que fazem ao nível da sala de aula que em última análise define o tipo de aprendizagem feita pelos jovens (Hargreaves, 1994, p.11).

Neste sentido, é importante caraterizar a sala de aula tanto ao nível dos recursos disponíveis, como a organização do espaço e das rotinas implementadas.

Relativamente à organização dos recursos, a sala apresenta-se equipada com recursos multimédia, tem um quadro interativo com todas as funções operacionais e computador com ligação à internet e impressora. Tem um quadro branco, armários para os materiais comuns (cartolinas, resmas de papel branco e papel colorido) uma variedade de livros e recursos de apoio ao professor como geoplanos, pentaminós, sólidos geométricos etc. Cada aluno tem ainda uma parte do armário para guardar o seu material de expressão plástica e uma pasta arquivadora individual para guardar fichas e trabalhos realizados ao longo das aulas. A sala possui, também, um *placard* de corticite, destinado à colocação de trabalhos realizados pelos alunos e exposição de materiais que merecem destaque. Dele fazem parte a secção fixa, intitulada “texto da semana”. Neste espaço é colocado semanalmente um texto da autoria de cada aluno. Existe, ainda, um espaço com água corrente que é utilizado sempre que necessário.

Segundo Arends (2008) a organização espacial e disposição dos materiais, carteiras e alunos, é um recurso importante que é planificado e gerido pelos professores e contribui para a dinâmica da sala. A forma como o espaço é utilizado interfere no ambiente da sala de aula, influência o diálogo e a comunicação e tem efeitos emocionais e cognitivos importantes nos alunos. No contexto onde foi desenvolvida a PES II, e no sentido de procurar favorecer a aquisição de aprendizagens, as mesas apresentaram-se dispostas em U, mas com quatro mesas no seu interior, devido à dimensão limitada da sala (figura 2).



Figura 2 - Planta da sala de aula

Caraterização da turma

A turma era constituída por vinte e três alunos que frequentavam o 4º ano de escolaridade, onze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Vinte e dois transitaram da

turma do ano anterior e apenas um aluno veio transferido de outro estabelecimento de ensino. Não existe nenhum aluno com Necessidades Educativas especiais e apenas um tem uma retenção no 2º ano de escolaridade, no entanto, todos nascidos no mesmo ano.

Relativamente a nível comportamental, os alunos conheciam as regras tanto dentro da sala, de aula como nos outros espaços que usufruem na escola. No entanto, alguns apresentavam dificuldades no cumprimento dessas regras. Aconteciam por vezes situações de algum incumprimento em que foi necessário a intervenção do adulto. Essas situações foram conversadas e solucionadas através do diálogo entre as partes no sentido da consciencialização da conduta dos intervenientes. Tratou-se de um grupo bastante entusiasmado em participar e colaborar nas atividades e tarefas propostas, mas nem sempre intervieram de forma pertinente e adequada. Revelaram dificuldade em regular a participação oral no seio do grande grupo.

Dos alunos que integraram a turma há algumas particularidades a destacar. Três das crianças manifestam mais dificuldades nas áreas do Português e Matemática e usufruíram, por isso, de apoio educativo. Uma dessas crianças apresentou bastantes dificuldades a nível da linguagem, o que condicionava a leitura e interpretação de textos e enunciados. Embora já tenha frequentado terapia da fala, e necessitasse nitidamente de um acompanhamento profissional a este nível, na altura não frequentava as sessões por motivos pessoais.

Com base no Projeto Curricular de Turma em 100% dos casos o Encarregado de Educação era a Mãe e as idades variavam entre os 30 e os 50 anos de idade: vinte e um casos entre os 30 e 40 anos e dois entre os 40 e 50 anos. Os agregados familiares das crianças obedeciam a constituições diferentes. Três dos alunos tinham um agregado familiar monoparental; cinco um agregado biparental; quinze elementos tinham o agregado biparental acrescido de irmãos ou avós.

O nível económico das famílias poderá ser considerado médio, visto que nenhuma beneficiava de nenhum tipo de apoio económico da Segurança Social, embora houvesse três encarregados de educação desempregados. O maior número de Pais/Encarregados de Educação era trabalhador por conta de outrem no setor terciário. Em relação às habilitações, as mães têm formação mais elevada que os pais.

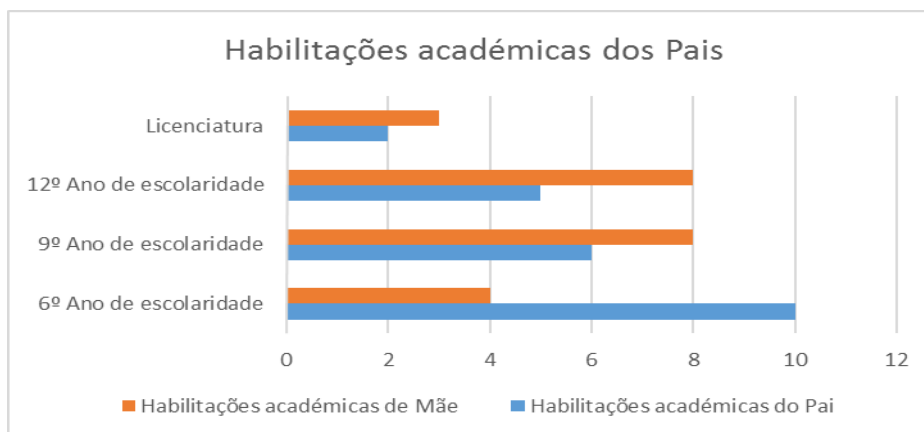


Gráfico 1 – Representação das habilitações académicas dos pais

O grupo revelou, em termos gerais, bastante interesse e motivação para aprender. Os alunos relacionavam-se bastante bem, demonstravam atitudes de companheirismo, amizade e compreensão, manifestavam interesse em cooperarem uns com os outros e eram bastante solidários com os problemas de cada um. Todos assumiam gostar de estudar e gostar da escola.

Relativamente à aquisição e consolidação de conteúdos a turma revelou, de forma geral dominá-los razoavelmente. A área curricular de Estudo do Meio era onde os alunos revelavam maiores facilidades e melhores resultados. A área curricular de Matemática, era a que suscitava maiores dificuldades, nomeadamente na resolução de problemas, especialmente na identificação do objetivo e da informação relevante para a sua resolução, pois os alunos mostraram algumas dificuldades na interpretação. Na área de Português foi também ao nível da interpretação que se constatou maiores lacunas. No domínio da oralidade, de modo geral, a turma obteve resultados satisfatórios. Notou-se evolução na expressão oral ao nível da articulação de ideias, expressividade e criatividade, designadamente na produção de textos.

Áreas de intervenção

A prática de ensino supervisionada decorreu num período de quinze semanas. As três primeiras semanas destinaram-se à observação, período onde se pretendia conhecer o grupo, os seus interesses, motivações, dificuldades e rotinas e o professor titular de turma, na forma como interagia com o grupo, as estratégias que usa e as metodologias que segue. Este período destacou-se pela oportunidade de conhecer melhor o contexto de intervenção assim como o trabalho que se desenvolve numa turma de 4º ano de escolaridade. Cada elemento do par interveio durante cinco semanas, sendo que, quatro decorreram de segunda a quarta feira e uma foi uma semana intensiva de regência. A última semana, foi partilhada entre o par. Durante os dias de segunda-feira a turma estava condicionada por duas atividades que faziam parte das suas rotinas, das onze horas ao meio dia com aulas de natação e das quinze às dezasseis horas com aula de programação. Ambas as atividades decorriam fora da escola o que condicionava esse primeiro dia da semana pois, quebrava muitas vezes o trabalho que se estava a desenvolver.

O trabalho colaborativo desenvolvido pelo par foi uma constante durante todo o período de intervenção. Apesar de em cada semana, alternadamente, cada elemento do par intervir sozinha, todo o trabalho de planificação e construção dos vários recursos foi realizado entre o par com o contributo do professor cooperante e os professores supervisores das várias áreas curriculares.

O Programa Curricular para o Ensino Básico do 1º Ciclo (MEC, 2013 a) define os conteúdos que devem ser abordados neste contexto e serviu de suporte para lecionar as diferentes áreas curriculares tendo em conta a carga horária para cada área, sendo a matemática e o português as que mais horas têm destinadas. Em todos os momentos se tentou interligar os conteúdos das diferentes áreas de forma coerente e diversificada.

Na área curricular de matemática foram abordados principalmente os domínios de conteúdo, Números e Operações (NO) e Geometria e Medida (GM). No conteúdo NO foram desenvolvidas atividades para abordar o conteúdo dos números naturais, divisão inteira nomeadamente com a introdução do algoritmo da divisão, sendo o quociente um número de dois algarismos, números racionais não negativos, multiplicação e divisão de números racionais não negativos. Desenvolvendo-se atividades de leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números até um milhão; as frações; os múltiplos; os divisores; o produto e o quociente de um número por 10, 100 e 1000; resolução de problemas e tabuadas.

No domínio da GM foram trabalhados a Localização e orientação no espaço, as figuras geométricas com a abordagem aos ângulos e propriedades geométricas. A medida foi abordada

através da área, e a resolução de problemas com vários passos relacionando medidas de diferentes grandezas. Algumas das atividades relacionaram-se com as figuras geométricas e as suas propriedades; identificação de eixos de simetria; a decomposição de áreas; identificação de ângulos; identificação de retas, segmentos de retas e semirretas.

Atendendo a dificuldade dos alunos no cálculo mental e à necessidade de se investir diariamente no desenvolvimento desse tema, as mestrandas criaram o jogo “quem quer ser matemático?” realizado todos os dias. O jogo consistia em desafiar cada criança a uma tarefa de cálculo mental que tinha de resolver em trinta segundos e eleger um vencedor da semana. Verificou-se uma significativa melhoria ao longo de cada semana na capacidade do grupo em cálculo mental. Nas últimas semanas foi notória a evolução dos alunos.

Na área curricular do português foram abordados quatro domínios de referência: Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática. No domínio da Oralidade foram desenvolvidos os conteúdos de interação discursiva, compreensão e expressão, o registo de língua formal e informal e produção de discurso oral. No domínio da Leitura e Escrita foi abordada a fluência de leitura, compreensão de texto, pesquisa e registo de informação, ortografia e pontuação e produção de diferentes tipos de textos (narrativo, poético, convite, banda desenhada). No domínio da Educação Literária foram trabalhadas a leitura e audição de obras de literatura para a infância e a compreensão e compressão de textos. No domínio da Gramática foram abordadas a classe de palavras (pronomes, determinantes, verbos...), a morfologia e lexicologia (família de palavras, campo lexical, flexão nominal, adjetival e pronominal e verbal), e a sintaxe (Funções sintáticas e os tipos de frase).

Na área curricular de Estudo do Meio foram abordados conteúdos relativos aos quatro primeiros blocos. No Bloco 1 – À descoberta de si mesmo, foram trabalhados aspetos relacionados com o corpo humano, os cuidados com o sol e as regras de prevenção de incêndios, e de segurança em caso de sismo. No Bloco 2 – À descoberta dos outros e instituições, foram abordados os aspetos relacionados com o passado do meio local e o passado nacional com a introdução à História, e reconhecimento dos símbolos nacionais. No Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural, foram tratados aspetos físicos do meio. No Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços, localizaram Portugal no mapa da Europa, reconheceram a fronteira terrestre com Espanha).

Esta área curricular revelou-se sempre motivadora para os alunos devido, não só, ao facto de se relacionar com o mundo que os rodeia e já possuírem um conjunto de vivências e saberes que foram acumulados ao longo da sua vida, mas também com o caráter prático que esteve sempre que possível presente. Neste sentido, foram realizadas várias experiências em sala de aula, utilizadas as novas tecnologias para a realização de jogos e visualização de vídeos.

A área curricular de Expressões, divide-se em Expressão físico-motora, Expressão plástica, Expressão dramática e Expressão musical. Na expressão físico-motora os alunos já tinham parte da semana ocupada com aulas de natação semanalmente, e de atletismo quinzenalmente, por essa razão não sobrava muito tempo destinado à motricidade dirigida pelas mestrandas. As sessões realizadas incidiram sobretudo no Bloco 4 – Jogos, em que se desenvolveu a cooperação entre colegas e o cumprimento das regras e dos objetivos dos jogos. Foram tidos em conta os momentos de atividade física, mas também o período de aquecimento e relaxamento e a utilização de música durante as aulas conferiu-lhes mais dinâmica.

Na Expressão dramática, desenvolveram-se atividades sobretudo no que remete para o no Bloco 2 – Jogos Dramáticos. Realizámos a representação da Lenda de São Martinho e alguns jogos de mímica em grande grupo. Os alunos recebiam estas atividades com bastante satisfação embora para alguns inicialmente fosse mais difícil desinibir-se. Estes momentos foram sempre encarados com bastante satisfação e os resultados obtidos em termos de interpretação e expressão física foram muito bons.

Em Expressão musical o momento mais trabalhado foi a aprendizagem de uma música para a festa de natal em que foram realizados alguns ensaios com o grupo. Os alunos familiarizaram-se com a letra, exploraram o texto, o ritmo, o canto e o resultado foi o desejável.

Na Expressão plástica o trabalho relacionou-se mais com Bloco 3 – Exploração de Técnicas diversas de expressão. Realizaram-se atividade de pintura, recorte, colagem e desenho. Os momentos destinados às áreas artísticas não foram muito longos, mas realizavam-se com frequência e à semelhança das diversas áreas sempre numa perspetiva de articulação.

A articulação entre as diferentes áreas curriculares foi uma constante preocupação ao longo deste processo de prática pedagógica e teve início aquando da planificação das aulas.

A forma como essa articulação foi alcançada é visível na planificação de referência (Anexo 1) e tentou sempre ter em conta os interesses e os conhecimentos prévios dos alunos. Pois, segundo Arends (2008) a planificação deve ser

multifacetada e está[r] relacionada com três fases do ensino: a fase anterior à instrução - no qual são tomadas as decisões sobre o conteúdo a duração do que deve ser ensinado; a fase de instrução - no qual tomam decisões sobre as questões a colocar, o tempo de espera e as orientações específicas; a fase posterior à instrução - no qual se tomam decisões sobre a avaliação dos progressos do aluno e o tipo de informação avaliativa a propiciar (p. 67).

Assim sendo, é importante planificar, implementar e avaliar a prática sempre numa perspetiva reflexiva para que resultem melhores práticas. O estágio forneceu a oportunidade de contato com o contexto real, permitindo o desenvolvimento de um desempenho profissional adequado e cada vez mais capacitado. Como refere Formosinho (2009) “a prática pedagógica é

a fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz” (p. 105).

CAPÍTULO II- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Projeto de investigação

O presente capítulo pretende apresentar e descrever o trabalho investigativo realizado ao longo do estudo. Está dividido em cinco partes, primeiramente será apresentada a pertinência do estudo, de seguida a definição do problema e questões de investigação, revisão da literatura, metodologia, análise e interpretação de dados e conclusões respetivamente.

Pertinência do estudo

A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE) é uma organização internacional e intergovernamental que desde 2003, abrange a temática da Educação Financeira como tema relevante a ser discutido e debatido pelos seus membros (Silva e Powell, 2013). Segundo Laboul, Presidente da International Network on Financial Education (INFE) e diretor do departamento dos assuntos financeiros da OCDE (2013) inquéritos recentes mostram que o nível de literacia financeira é baixo na maioria dos países, incluindo países considerados desenvolvidos.

No âmbito nacional, o Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa revela que a população apresenta um nível de literacia financeira acima da média, embora, o número de respostas incorretas possa indicar a sobreavaliação dos seus conhecimentos (Banco de Portugal, 2010). A mesma fonte revela que muitas lacunas foram verificadas, nomeadamente na compreensão de conceitos básicos, no conhecimento de fontes de informação e na perceção financeira, o que complica a tomada de escolhas adequadas e aumenta os riscos do consumismo.

No contexto em que vivemos é cada vez mais importante a formação de cidadãos e futuros profissionais capacitados financeiramente, para que se alterem comportamentos. Segundo resultados do mesmo inquérito (Banco de Portugal, 2010) só metade dos entrevistados considera “muito importante” planear o orçamento familiar, 48% afirma não fazer poupanças, e apenas um quinto dos inquiridos revelam poupar numa perspetiva de médio e longo prazo. Recentes Relatórios Económicos da OCDE, revelam que em Portugal o panorama em relação ao sistema económico depara-se com uma crise que despoletou graves consequências e que conduziu a dificuldades consideráveis, nomeadamente a elevada taxa de desemprego e dívida pública (OCDE,2014). Estes fatores contribuem para a criação de desigualdades e pobreza do país associada ainda à sobrecarga das medidas tomadas politicamente para diminuir a dívida pública contraída. Nesta medida, a formação no âmbito financeiro é, não só importante para a

classe empresarial, mas essencial para dotar os cidadãos de conhecimentos e saberes no sentido de melhorar o equilíbrio os seus orçamentos (OCDE, 2013) e da importância de poupar aprendendo a diferenciar o que é essencial de supérfluo. Tendo a família o papel crucial de promover a aprendizagens das crianças a lidar com o dinheiro (D’Aquino, 2008), a escola não se pode alhear a esta questão. Muitas vezes as famílias não conseguem satisfazer esta necessidade. Por esta razão cabe à escola, que é responsável pela formação académica dos alunos, incluir a formação no âmbito das habilitações financeiras.

A preocupação com a formação financeira tem, portanto, merecido a atenção de diversos governos e organizações a nível nacional e internacional. Portugal, como membro pertencente à OCDE e, tendo em conta a relevância do tema para a comunidade nacional, também tem se mostrado interessado em ações que promovam desenvolvimento e avanço no que se refere à literacia e educação financeira. É inequívoco que “as decisões sobre questões financeiras estão presentes na vida quotidiana de todos” (Banco de Portugal, 2010, p.4), sendo importante a formação de cidadãos capazes, informados, autónomos e responsáveis a esse nível.

As crianças também integram a mesma sociedade e as questões financeiras e económicas estão diariamente presentes e têm impacto considerável na forma como compreendem o mundo. Para além disso, as crianças e jovens tornam-se consumidores cada vez mais cedo, e vivem numa sociedade em que as solicitações ao consumo, influenciadas pela publicidade e pelas ações de *marketing*, são constantes. A par do intensivo e desmedido apelo ao consumismo por parte dos media, tendo em conta a atual crise económica que se atravessa, a capacidade de absorção das crianças das vivências familiares, e a constante difusão das dificuldades económicas, o dinheiro é um assunto constantemente presente e que deve ser abordado desde muito cedo. A Educação financeira é, portanto, uma ferramenta necessária para fazer face ao aumento da complexidade dos produtos e serviços financeiros (OCDE, 2013). Estas razões aliadas à análise de um texto produzido pelos alunos do 4º ano de escolaridade, em contexto de aula, em que foi identificado que vários mencionaram o dinheiro como recurso indispensável ao bem-estar contribuiu para aumentar e reforçar a pertinência desta investigação.

A propósito da data comemorativa do 5 de outubro e da exploração da diferença entre um regime republicano e o regime monárquico, distinguindo as características de cada regime e salientando a distinção dos poderes conferidos a um monarca e a um chefe de estado, o grupo foi desafiado a produzir um texto intitulado: “Se eu mandasse”, onde tiveram que expor o que fariam nesse caso. Esta atividade desenvolveu-se ainda em período de observação da prática de intervenção. Esperada ou inesperadamente a verdade é que muitos dos elementos da turma

mencionaram o dinheiro como recurso às mudanças pretendidas. Neste sentido, e pelas razões referidas anteriormente, tornou-se pertinente o aprofundamento do tema e o planeamento de um estudo exploratório no âmbito da educação financeira, na perspetiva da importância da poupança. Pretendendo-se conhecer com maior profundidade o que os alunos de uma turma do 4º ano conhecem sobre educação financeira numa perspetiva da importância da poupança. E para que se tenha consciência dessa necessidade é fundamental desenvolver competências financeiras elencadas no Referencial da Educação Financeira. Do ponto de vista deste estudo é importante que os alunos reconheçam a necessidade do Planeamento e Gestão do Orçamento, os Sistemas e produtos Financeiros Básicos e a responsabilidade Ética nas questões financeiras para despertarem para a necessidade da Poupança.

Definição do problema e objetivos de investigação

Em função ao explanado e face à importância da Educação Financeira, e numa perspetiva da necessidade da poupança, esta investigação desenvolveu-se em torno da seguinte questão orientadora: se as crianças não têm a oportunidade de aprender a usar o dinheiro, como irão então aprender livremente a optar pela poupança?

A investigação tem como objetivos:

- 1- Identificar o conhecimento prévio dos alunos relativamente a aspetos financeiros básicos;
- 2- Desenvolver a capacidade de resolver problemas envolvendo dinheiro, tomando decisões justificadas;
- 3- Identificar dificuldades dos alunos face às tarefas propostas;
- 4- desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança.

Revisão de literatura

Educação Financeira e literacia Financeira

A moeda como hoje a conhecemos é fruto de alterações ao longo da História. Desde o início das civilizações que as pessoas comercializavam bens e serviços. No entanto, inicialmente não havia o conceito de dinheiro, mas sim o conceito de mercadoria ou bens de conveniência (Carrilho, 2008). Não havendo moeda comercializava-se através da simples troca de mercadoria por mercadoria. Algumas mercadorias como o sal, o gado, o tabaco e o cacau pela sua utilidade e procura assumiram a função de moeda e circulavam como elemento de troca de mercadorias. Contudo, a sua utilização não era prática, traziam dificuldade de transporte, de armazenamento e conservação (Carrilho, 2008). Mais tarde surgiram os metais que foram introduzidos como objetos de troca e assim foi criado o conceito de dinheiro cerca de 5.000 anos antes de Cristo (Carrilho, 2008). Entretanto os metais receberam marca indicativa de valor em função do seu peso e da sua forma e preciosidade. Começaram-se a cunhar as primeiras moedas, mais tarde surgiu o dinheiro em papel e assim foi crescendo e desenvolvendo a economia financeira como hoje a conhecemos. Mais recentemente surgiram os conceitos de Educação Financeira e Literacia Financeira, muito ouvidos ultimamente.

Frequentemente utilizam-se os termos Educação Financeira e Literacia Financeira como se se tratassem de sinónimos dada a relação contígua que existe entre os dois conceitos. Trata-se de dois termos diferentes com significados intimamente relacionados, visto que, Educação Financeira possibilita e potencializa a literacia financeira de cada indivíduo. Para que isso se torne mais claro é necessário distinguir ambos os termos. Na literatura são várias as definições apresentadas para explicar os dois conceitos.

Literacia segundo o dicionário de Língua Portuguesa (Porto Editora, 2003) significa “a capacidade de ler e escrever”. Está associada à alfabetização como forma de adquirir conhecimento e desenvolver potencialidades, permitindo ao cidadão a participação ativa na sociedade (Porto Editora, 2003). No entanto, o conceito alargou-se e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) define Literacia como capacidade de “identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e usar as novas tecnologias, de acordo com os diversos contextos” (UNESCO, 2005, P.21). Envolvendo um processo constante de aprendizagem que habilita o indivíduo a alcançar os seus objetivos e desejos, a aumentar os seus potenciais e o seu conhecimento, para que participe de forma completa na sociedade de que faz parte (UNESCO, 2005).

Segundo a definição introduzida por Schagen (1997) a literacia financeira é a capacidade tomar decisões informadas tendo em conta a gestão do dinheiro. No entanto, vários autores e organizações internacionais, ao longo dos últimos anos, introduziram novas nuances. Vitt, Anderson, Kent, Lyler, Siegenthaler & Ward (2000) citado por Banco de Portugal (2011) defendem que literacia financeira é “a capacidade de leitura, análise e comunicação dos diversos problemas financeiros que se colocam diariamente ao nível do bem-estar material dos cidadãos” (p.17). Moore (2003), citado pela mesma fonte define literacia financeira como “compreensão sobre os princípios de mercado, instrumentos, organizações e regulação” (p.17); Mandel (2007) acrescenta que a literacia financeira “é a capacidade de avaliar novos e complexos instrumentos financeiros e tomar decisões informadas à seleção e utilização desses instrumentos de modo a melhor satisfazer objetivos a longo prazo” (p.17). A OCDE (2013) mais recentemente define o mesmo conceito como “o conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros e competência, motivação, confiança para aplicar esses conhecimentos, com o objetivo de tomar decisões concretas (...) e melhorar o bem estar financeiro dos indivíduos e da sociedade” (p.144).

Se por um lado, a literacia financeira é a capacidade de compreender e saber aplicar conhecimentos tendo em conta os objetivos a atingir, por outro lado educação financeira é a responsável por essa destreza na aplicação do conhecimento. É através do desenvolvimento de atividades e da aquisição da informação através da educação que se alcança a compreensão e se promovem as boas práticas relacionadas o bom uso do dinheiro dos serviços e produtos financeiros.

Vivemos numa sociedade de consumo e informação, em que os centros comerciais e os meios de comunicação cruzam estímulos e encenações para contagiar os consumidores quase convertendo as relações humanas em relações comerciais (Santos, 2006). E para que a população adquira competências no sentido de fazer face a esta necessidade é importante a educação financeira, pois, é “um processo de transmissão de conhecimento que permite o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos, para que eles possam tomar decisões fundamentadas e seguras, melhorando o gerenciamento das suas finanças pessoais” (Savoia, Saito, & Santana, 2007 p. 1122). Sendo uma preocupação progressiva em diferentes países torna-se mais emergente o aprofundamento de estudos sobre o tema (Savoia, Saito, & Santana, 2007, p. 1123). Uma das razões que levou à crescente preocupação com o tema foi o contexto de crise económica que se tem vivido em termos mundiais. Desencadeando um alerta para as atitudes e comportamentos dos cidadãos. Segundo Rahmandoust, Shah, Norouzi, Hakimpoor & Khani (2011) a atual economia mundial poderia ser prevenida através do aumento da educação e literacia financeira pública.

No entanto, “o bem-estar e a segurança atual e futura das populações, a qualidade das democracias da vida coletiva das nações, a estabilidade e fiabilidade das instituições, a competitividade das empresas e das economias” (Pina & Ferreira, 2014, p.9) e o desenvolvimento são alguns dos principais valores que caracterizam o progresso civilizacional e a modernização do mundo global em que vivemos (Pina & Ferreira, 2014). A educação financeira da população pode contribuir para a promoção desse progresso desejado.

A Organização das Nações Unidas (ONU) ao longo da sua História, tem desempenhado um papel de destaque na união e promoção do desenvolvimento das nações, conceito esse que foi evoluindo ao longo do tempo e sendo cada vez mais abrangente e amplo. Esta organização tem como objetivo promover a paz em todo mundo e trabalhar conjuntamente com os seus elementos no sentido de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da sociedade nos âmbitos social, ambiental e económico contribuindo para resolução dos diferentes problemas internacionais. Nesta perspetiva, a ONU definiu, em setembro de 2015, dezassete objetivos de Desenvolvimento Sustentável a alcançar até ao ano de 2030 e tendo por base os progressos alcançados com os objetivos do Desenvolvimento do Milénio, desenvolvidos entre 2000 e 2015. Esta ação pressupõe a integração de esforços por parte das várias instituições e todos os cidadãos no sentido de promover a prosperidade e o bem-estar das populações e que diretamente se relaciona com a educação financeira.

Vivemos numa sociedade em contante transformação onde cada um é “cidadão-consumidor” ativo (Santos, 2006, p.18) sustentando as suas decisões em “critérios sociais, económicos, éticos e ambientais” (Santos, 2006, p.18). Assim sendo, é importante salientar, e desde muito cedo promover, a importância da contribuição de cada cidadão num mundo sustentável.

Pretende-se com os objetivos definidos recentemente pela ONU que os indivíduos alterem práticas tendo em vista a poupança de recursos e a conseqüente melhoria da equidade das condições de vida das pessoas. Muitos dos objetivos elencados pela referida organização relacionam-se diretamente com o âmbito económico compartilhando conceitos comuns e diretamente relacionados entre si. A capacidade de repensar hábitos de consumo e descarte reduzindo o consumo desnecessário, reciclar e reutilizar o máximo antes de descartar (Domingos, 2013) são conceitos basilares pois, podem contribuir em muito para o desenvolvimento sustentável e para a poupança de recursos financeiros das famílias.

A educação financeira é, portanto, um processo com a finalidade de promover a formação de consumidores responsáveis e conscientes, e contribui para uma sociedade civil crítica, dinâmica, esclarecida e interventiva. Este conhecimento crítico de como gerir e poupar recursos económicos relaciona-se simultaneamente com a necessidade da promoção do

Desenvolvimento Sustentável tão emergente atualmente. Torna-se crucial aprender a gerir e utilizar o dinheiro no ato da decisão do consumo, seja de serviços ou bens, tendo em conta o equilíbrio entre a satisfação pessoal e os seus rendimentos, mas também considerando as consequências ambientais e os efeitos sociais de tal decisão. Assim, se torna visível a relação entre a educação financeira e a destacada necessidade de uma sociedade mais preocupada com o desenvolvimento sustentável e necessariamente a poupança de recursos que é transversal aos dois temas.

As decisões que se tomam no presente têm implicações no futuro e o que se faz a nível individual trás consequências universais. Vivemos num mundo global em que a educação financeira compromete o quotidiano de todos e esse quotidiano acontece inevitavelmente num determinado tempo e espaço, é por isso, importante compreender a dimensão espacial e temporal desse facto (CNEF, 2013). Quando relacionamos a importância da poupança e do aumento dos conhecimentos financeiros e os benefícios que a evolução desses saberes acarreta verifica-se que as consequências positivas ou negativas não são unicamente para o indivíduo, mas sim para a sociedade global. Na mesma perspetiva, as atitudes tomadas no passado têm implicações no presente e consequentemente no futuro. A figura 3 pretende demonstrar a relação a nível espacial e temporal da educação financeira entre si.

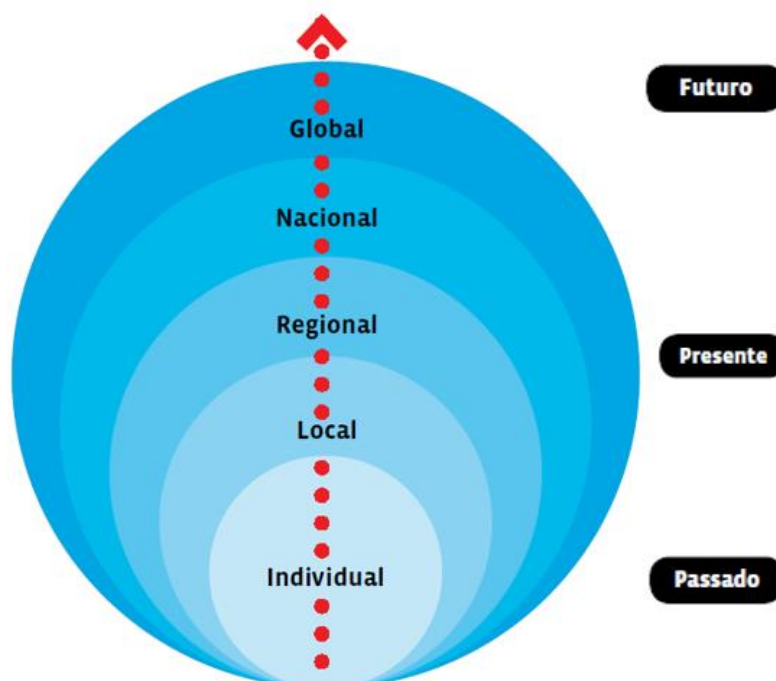


Figura 3- Dimensão espacial e temporal da Educação financeira (CONEF, 2013, P.2)

O papel da escola na Educação Financeira

Ao longo dos séculos o ensino, nomeadamente, em Portugal sofreu alterações no sentido evolutivo. Pelo que se sabe, essa evolução não resultou de um plano, mas das várias circunstâncias que derivaram de conjunturas de natureza política, social ou religiosa e que conseqüentemente, condicionaram a evolução do ensino e determinaram o papel da escola na sociedade (Carneiro, 2003).

Antes de findar o século XIII, já o rei D. Dinis, primeiro monarca a manifestar interesse pela educação promoveu a criação de *Estudos Gerais* que compreendia todos os graus de ensino. Esta iniciativa foi incentivada pelos membros da Igreja, que à semelhança do que tinha vindo a acontecer com o escasso ensino até à época, era quem controlava todo o ensino em Portugal (Carneiro, 2003). Ao longo dos séculos seguintes a igreja continuou a promover e a controlar o ensino no país e nem todas as classes sociais tinham acesso à educação, entrando-se no século XVI sem que a instrução pública fosse assumida como prioridade ou necessidade. Com a posterior entrada do movimento iluminista em Portugal clarificaram teorias e práticas educativas no país (Carneiro, 2003). Este movimento caracterizou-se pela preocupação de limitar os poderes da Igreja em áreas de interesse social, nomeadamente o ensino, o que levou a que a sua preponderância se fosse esbatendo. A revolução de 1820 proporcionou a criação da primeira Constituição Política de 1822, reconhecendo-se que todo o indivíduo tem direito à educação escolar. No entanto, o clima de agitação política contribuiu para que não fosse tomada nenhuma medida substancial.

O conceito de Estado-Nação nos séculos XVIII e XIX, originou a criação e o aprimoramento de órgãos estatais com a finalidade de propor uma base cultural unificadora e geradora de consensos para se criar homogeneidade e identidade. Nesse sentido, a escola foi um dos instrumentos na construção do pilar da Modernidade em Portugal defendendo-se uma escola controlada pelo estado, obrigatória e laica que só na segunda metade do século XX foi posta em prática e em que o objetivo era a alfabetização da população (Carneiro, 2003).

No entanto, o sistema educativo tem atravessado nas últimas décadas diversas mudanças. A escola deixou de servir predominantemente uma parte da sociedade convertendo-se numa instituição ao serviço de todos. Sendo este, “um direito democrático que urge efetivar, mas também um elemento indispensável ao próprio equilíbrio social e ao desenvolvimento económico das sociedades” (Marques & Roldão, 1999). Neste sentido, é importante que a escola cumpra a sua função tendo em conta o contexto e diversidade que caracteriza as sociedades atuais integrando no currículo diferentes conteúdos de aprendizagem. Segundo Roldão (1999) esse leque de conteúdos compreende-se “no domínio de saberes de referência (...) na ativação

e consolidação de processos autônomos de construção do saber, (...) no domínio de instrumentos de acesso ao conhecimento” (p.36), mas também, “no desenvolvimento de atitudes e competências sociais (...) e desenvolvimento de mecanismos de progresso individual e melhoria de qualidade de vida” (p.36). Nestes últimos dois tópicos podemos introduzir a Educação Financeira como tema essencial a ser tratado nas escolas, visto que este é uma das linhas orientadoras da educação para a cidadania, enquanto processo educativo já previsto.

A escola é um contexto relevante para a aprendizagem e o exercício da cidadania onde se refletem inquietações transversais à sociedade nas diferentes dimensões umas das quais a educação financeira (MEC, Decreto de Lei nº 139/2012 art nº 15). E torna-se, portanto, um local privilegiado para a prática da cidadania e conseqüentemente para a criação de bases para uma futura atuação na sociedade (Thomaz & Oliveira, 2009). Contudo, para que tal aconteça é necessário que a escola se estruture de forma dinâmica, direcionada para o contexto real das situações e que envolva os alunos no contexto social e real em que vivem.

O Decreto de Lei 139/2012 legitima a Educação para a cidadania enquanto área transversal a todas as áreas curriculares. Não se trata de uma disciplina única obrigatória, mas a possibilidade de proporcionar às escolas a decisão de como a pode concretizar desenvolvendo projetos, atividades e propostas para a formação pessoal e social dos alunos nomeadamente a educação financeira (MEC, Decreto-Lei n.º 139/2012 artigo 15º). Para além das áreas disciplinares e disciplinas definidas pelo currículo cabe aos agrupamentos de escolas concretizar ações de formação no âmbito da educação para a cidadania com objetivo de aumentar a participação do aluno na comunidade e a sua interpretação.

Enquanto processo educativo a educação para a cidadania pretende promover a formação de cidadãos responsáveis, autônomos, conhecedores dos seus direitos e deveres e com certeza que cidadãos letrados financeiramente tomarão decisões mais conscientes e terão uma atitude mais crítica e ativa na sociedade.

Pretende-se das escolas que respondam às solicitações e questões sociais que envolvem a instituição educativa na formação pessoal, social e ética, dos alunos com a função explícita e um papel interventivo na formação da pessoa e do cidadão no sentido de o preparar para o futuro, pois, o papel da escola tem que acompanhar as mudanças da sociedade e a globalização.

A base daquilo que são as escolas e o seu funcionamento sustenta-se no currículo nacional definido para cada ano de escolaridade. Ao longo dos anos o currículo nacional tem vindo a sofrer alterações progressivas introduzidas pelo Ministério da Educação e Ciência com vista a melhorar os conhecimentos e capacidades dos alunos (MEC, Decreto-Lei n.º 176/2014) no sentido de acompanhar as necessidades do mundo atual.

Tendo em conta o contexto económico e social em que se vive é importante salientar a necessidade do desenvolvimento da Educação Financeira nas escolas o seu contributo no papel dos indivíduos como cidadãos responsáveis e conscientes.

Neste sentido, o professor tem o papel crucial nesta matéria. Cabe ao professor ensinar, e este conceito significa “fazer aprender” (Roldão, 1999, p.114) potencializando a educação crítica em que os alunos troquem experiências da sua vivência e construam o conhecimento através da interatividade. Segundo Alarcão (2001) uma escola participada e democrática onde se valoriza o envolvimento de todos no trabalho é “um imperativo e uma riqueza” (p.20) pois a escola deve ser vinculada na realidade dos seus participantes, e deve ser um local de promoção da cidadania. Desta forma a educação financeira é um assunto de relevo, pois as condições económicas controversas das famílias atualmente são uma realidade também para as crianças. Assim, a escola não deve negar a responsabilidade que tem na sociedade. Deve preocupar-se como a aprendizagem do conhecimento nas diferentes áreas e domínios do currículo, mas também incorporar os vários temas da Educação para a cidadania, nomeadamente a educação financeira como assunto integrante. São várias as identidades que revelam uma preocupação crescente relativa à importância da educação financeira desde tenras idades. As escolas podem contribuir significativamente ao educar os alunos neste âmbito porque “quanto mais cedo for apresentado às crianças as questões pertinentes à educação financeira, maior será a possibilidade de que a mesma vivencie um futuro menos endividado e mais organizado” (Silva & Bustamante, 2009, p.2).

A importância da educação financeira é salientada pela OCDE em 2004 ao afirmar que alguns fatores de ordem económica, política e social tornaram a educação financeira um tema de relevância nos dias que correm, afirmando que:

Educação Financeira sempre foi importante para os consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros e das mudanças demográficas, económicas e políticas (OCDE, 2004, p.223).

Essa relevância veio também a notar-se na definição de Educação financeira adotada pela OCDE que faz transparecer a pertinência do desenvolvimento e incremento de práticas que promovam e façam aumentar a literacia financeira. Em 2005 a OCDE define educação financeira da seguinte forma:

A Educação Financeira é o processo segundo o qual consumidores e investidores financeiros aumentam a sua compreensão sobre produtos financeiros, conceitos e riscos e através da informação, instrução e/ou conselho objetivo, desenvolvem as capacidades e a confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos financeiros e oportunidades para tomar decisões

informadas, para saber onde se dirigir par obter ajuda e para tomar outras ações efetivas para melhorar o seu bem estar financeiro (OCDE, 2005, p.4)

A baixa literacia financeira do indivíduo pode comprometer o “exercício pleno da cidadania” pois abrange “todas as esferas governamentais do país” interferindo no “rumo de uma nação de forma responsável” (Banco central do Brasil, 2014). A entrada da educação financeira no currículo escolar através de documentos reguladores e orientadores para o efeito ajuda os alunos a descobrir “as chaves da organização social” em função do mundo financeiro (Banco central do Brasil, 2014) que faz parte da realidade atual.

A nível nacional têm-se desenvolvido esforços, em particular, por parte do Conselho Nacional de Supervisores Financeiros e pelo Ministério da Educação e Ciência em torno da formação financeira nas escolas. A organização Child and Youth Finance International (CYFI) atribuiu ao Plano Nacional de Formação Financeira o Prémio País 2014 para a Europa, este prémio foi atribuído como reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas entidades responsáveis no âmbito da formação financeira nas escolas.

Áreas curriculares fundamentais para a Educação Financeira

No panorama da Educação para a Cidadania o Ministério da Educação e Ciência (MEC) associou-se ao Plano Nacional da Formação Financeira (PNFF), uma ação iniciada pelo Conselho Nacional de Supervisores Financeiras (CNSF) em 2011 e está a operacionalizar uma estratégia interventiva no âmbito da educação financeira no sistema educativo. Esta iniciativa visa promover o aumento dos conhecimentos a nível financeiro junto dos jovens em idade escolar no sentido de contribuir para a adoção de comportamentos adequados.

Neste sentido, o MEC através da Direção Geral de Educação (DGE) e o Ensino Profissional, I.P. (ANQEP) em parceria com a Agência Nacional para a Qualificação e com o Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (CNSF), entidades relevantes na área, elaboraram o Referencial de Educação Financeira (REF). Este documento orientou o desenvolvimento do presente estudo e que tem como finalidade exatamente nortear a implementação da educação financeira em contexto educativo e formativo (MEC, 2013 b) nomeadamente no contexto do 1º CEB, onde de realizou a investigação. Desta forma, a Direção-Geral da Educação, está a concretizar uma estratégia de intervenção para a educação financeira no sistema educativo, junto da população em idade escolar, promovendo o domínio da educação financeira no âmbito da área transversal da Educação para a Cidadania, de acordo com os princípios reconhecidos no Decreto de Lei nº 139/2012, de 5 de julho. O artigo 5º do despacho normativo do mesmo documento refere que os conteúdos abordados serão os

definidos nos programas tendo como referência as metas curriculares em vigor para as diversas áreas disciplinares e não disciplinares. E que a aprendizagem relacionada com as componentes do currículo de caráter transversal designadamente no campo de ação da Educação para Cidadania deverá ser transversal a todas as áreas disciplinares e disciplinas (MEC, Decreto Lei 139/2012).

Assim sendo, o Decreto de lei nº 139/2012 valoriza a autonomia pedagógica das escolas visto que devem desenvolver projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e social dos alunos, designadamente a educação financeira entre outras referidas no decreto anteriormente mencionado. O mesmo documento assegura “que a educação para a cidadania enquanto área transversal seja passível de ser abordada em todas as áreas curriculares, não sendo imposta como uma disciplina isolada obrigatória, mas possibilitando às escolas a decisão da sua oferta nos termos da sua materialização disciplinar autónoma” (MEC, Decreto Lei 139/2012, p. 3476), no sentido de melhorar a qualidade do ensino nomeadamente da educação financeira. A OCDE refere que "incluir a educação financeira no currículo escolar será a chave para fazer no nosso futuro gerações financeiramente alfabetizadas " (OCDE, 2012, p. 1)

Educação Financeira e a matemática

Sendo a Educação Financeira um tema abordado no âmbito da Educação para a Cidadania deve ser tratado transversalmente nas diferentes áreas do currículo como legitimam os documentos orientadores. No entanto, a área da Matemática é sem dúvida muito fértil para o desenvolvimento de conhecimentos sobre educação financeira, em paralelo com o desenvolvimento das capacidades inerentes à aprendizagem de conceitos da própria área.

Segundo o Programa e Metas Curriculares de Matemática (MEC, 2013 a) o ensino da matemática no ensino básico tem três grandes finalidades: a estruturação do pensamento, a análise do mundo natural e a interpretação da sociedade.

No que remete para a primeira finalidade, Piaget referido por Smith, Cowie & Blades (2001) sugere que “a criança percorre uma série de fases ao longo do processo de estruturação do seu pensamento, e que cada um desses períodos corresponde a uma transformação significativa na estrutura ou lógica do pensamento” (p.386). Nestas fases são construídas operações mentais que possibilitam que as estruturas se desenvolvam e se transformem de uma fase para a outra (Smith, Cowie & Blades, 2001). À medida que a o pensamento é estimulado, as estruturas tornam-se mais elaboradas e conseqüentemente a organização do pensamento apresentará maior complexidade. A apreensão dos conceitos matemáticos e a importância do

exercício do raciocínio matemático, da comunicação matemática e da resolução de problemas têm um papel de destaque na estruturação do pensamento.

Analisando as Metas Curriculares para o 1º CEB é visível esta articulação, no final do 1º CEB, a área de matemática prevê três domínios que devem ser desenvolvidos: Números e Operações; Geometria e Medida; e Organização e Tratamento de Dados. No primeiro domínio são mencionados dois subdomínios que facilmente são relacionáveis com o tema de educação financeira: Números naturais e Números racionais não negativos. Os seus descritores estão intimamente relacionados com a contagem, a efetuação dos algoritmos das quatro operações básicas, o recurso ao cálculo mental, e a resolução de problemas. Saber utilizar o dinheiro, prende-se com as capacidades desenvolvidas neste tópico. Saber administrar as finanças pessoais pressupõe um domínio considerável dos conhecimentos matemáticos. Pode ler-se no REF que

a concretização da Educação Financeira permite aos jovens a aquisição de conhecimentos e capacidades fundamentais para as decisões que, no futuro, terão que tomar sobre as suas finanças pessoais, além de se gerar um efeito multiplicador de informação e de formação junto das famílias” (MEC, 2013 b, p. 5).

Sendo a matemática um bom ponto de partida para esse desenvolvimento pessoal e social.

Também são domínios férteis na promoção da educação financeira o domínio da Geometria e Medida onde é mencionada a contagem do dinheiro e a resolução de problemas envolvendo medidas de diferentes grandezas. Relativamente ao domínio Organização e Tratamento de Dados a capacidade de recolher, tratar, interpretar e representar conjuntos de dados também pode ser interligada com o tema da educação financeira.

Desta forma é perceptível a relação simbiótica que se pode construir com as três finalidades do programa de matemática e a educação financeira. Depois da evidente potencialidade da educação financeira na organização e estruturação do pensamento, pretende-se apresentar a sua relação com as duas últimas finalidades do Programa de Matemática: análise do mundo natural e a interpretação da sociedade (MEC, 2013 a).

O mundo que nos rodeia está repleto de fenómenos relacionados com a matemática, que muitas vezes serve de base a estudos de outras áreas do saber. A área da Física, Química, Ciências da Natureza, Geografia, entre outras servem-se de ferramentas matemáticas para refletirem sobre os seus objetos de estudo (MEC, 2013 a). Por este motivo, “Não há nenhum ramo da matemática, por mais abstrata que seja, que não possa vir a ser aplicado, mais cedo ou mais tarde, aos fenómenos do mundo real” (Lobachevsky, referido por Boyer, 1974, p.387). Desta forma a matemática torna-se fundamental na análise do mundo a que pertencemos, mas também contribui particularmente para a interpretação da sociedade. Tanto as aprendizagens

que são objeto de avaliação durante o percurso acadêmico, como tudo o que contribui para a compreensão e interpretação do meio social, podem relacionar-se com a matemática. Porque “a matemática não é apenas outra linguagem: é uma linguagem mais o raciocínio; é uma linguagem mais a lógica; é um instrumento para raciocinar” (Feynman referido por Sapunaru, Santiago & Vieira, 2014, p.89) que nos faz pensar e aprender a pensar.

A aceção que cada um faz da economia global, da evolução demográfica e da forma como compreende a sociedade, que em muito se relaciona com a matemática, favorece o exercício pleno e responsável da cidadania que envolve frequentemente aspetos relacionados com educação financeira.

São vários os pensadores que têm vindo a defender a importância da matemática na compreensão da natureza e de todos os fenómenos que fazem parte da essência humana e da sua sociedade. Galileu destacou-se nesse sentido afirmando que “o Universo (...) nunca poderá ser compreendido a não ser que se aprenda primeiro a entender a sua linguagem e a interpretar os signos em que se encontra escrito. Encontra-se expresso na linguagem da matemática” (Galileu, referido por Pappas, 1998, para.2).

Em suma, o domínio de conceitos e elementos matemáticos são necessários para a melhor interpretação do mundo, permitindo uma conceção mais profunda da realidade. Diariamente os indivíduos são confrontados com a necessidade de calcular, de resolver problemas, de deduzir, de contabilizar e de raciocinar matematicamente. Ao desenvolvermos a educação financeira estamos, também, a desenvolver capacidades matemáticas. Machado refere:

Acredito que a matemática deveria ser utilizada como uma disciplina mais diretamente relacionada ao mundo no qual vivemos. Sua associação com os conceitos da educação financeira, adequados para crianças de diferentes faixas etárias, poderia facilitar muito esse trabalho. Para tanto poderiam ser feitos projetos através dos quais se simulassem ou se dramatizassem situações do cotidiano e ainda, em que se fizessem visitas a estabelecimentos comerciais com o intuito de educar as crianças para o consumo consciente e o equilíbrio das finanças (2006, p. 4).

Nesta perspectiva, será conveniente a interligação dos conteúdos de matemática e de educação financeira a cada nível de ensino. O Referencial de Educação Financeira (MEC, 2013 b) é o documento que sustenta e orienta essa temática e está organizado, precisamente, por ciclos de ensino.

A necessidade da poupança nos dias de hoje

O reconhecimento da importância da educação e formação financeira levou à criação do Plano Nacional de Formação Financeira (PNFF), instrumento que define os objetivos gerais que devem orientar a sua promoção a nível nacional. Este recurso tem como missão:

contribuir para elevar o nível de conhecimentos financeiros da população e promover a adoção de comportamentos financeiros adequados, através de uma visão integrada de projetos de formação financeira e pela junção de esforços das partes interessadas, concorrendo para aumentar o bem-estar da população e para a estabilidade do sistema financeiro (CNSF, 2011, P.3).

Segundo o mesmo documento, e atendendo aos indicadores do Inquérito à literacia financeira realizado pelo Banco de Portugal em 2010, foram diagnosticadas algumas necessidades relevantes. “Em particular os resultados do inquérito mostraram a necessidade de sensibilizar a população para a importância da poupança, como forma de acumulação de riqueza necessária para a obtenção de objetivos de médio e longo prazo” (CNSF, 2011, p. 7). Neste sentido, um dos cinco objetivos deste instrumento é precisamente “Desenvolver hábitos de poupança” (p.11). Neste objetivo salientam-se três tópicos a desenvolver: “Sensibilizar para a importância da poupança como forma de capacitar as famílias a reforçar o seu património e fazer face às despesas” (p.11), “sensibilizar para as crescentes responsabilidades individuais na poupança para a reforma e a saúde” (p.11) e, finalmente, “estimular a população a efetuar escolhas adequadas na aplicação das suas poupanças” (p.12).

Este último tópico toma destaque uma vez que o nível de endividamento da população portuguesa ter vindo a registar valores crescentes nos últimos anos e ainda o facto de apenas cerca de metade dos indivíduos da população nacional fazer poupanças (Banco de Portugal, 2011). No entanto, poupar revela-se de extrema importância na gestão de um orçamento a vários níveis. Segundo a Caixa Geral de Depósitos (CGD), existem três grandes motivos para que os consumidores efetuem poupanças. É de extrema relevância poupar para fazer face a situações imprevistas do dia a dia; para acautelar o futuro e para que seja possível a realização de sonhos que envolvam dinheiro (Marques, 2014). São frequentes os imprevistos quotidianos que implicam um gasto maior do orçamento previsto, logo o recurso a dinheiro poupado pode evitar o endividamento das famílias, assim como o seu recurso em casos de emergências que o futuro possa trazer. No entanto, poupar não tem de estar associado a uma ideia negativa, pode estar relacionado com a concretização de um objetivo, a realização de um sonho, o alcance de um desejo.... Devemos, portanto, encarar a poupança como algo absolutamente necessário para o equilíbrio das finanças pessoais e consequentemente uma forma de precaver percalços

financeiros. Segundo Carrilho (2008) é importante perceber que para se ter dinheiro o que importa não é quanto dinheiro se gasta, mas sim quanto dinheiro se conserva. O ato de poupar é de tal forma importante que anualmente se comemora “O dia Mundial da Poupança” a 31 de outubro, data que, apesar de só nos últimos anos ser mais conhecida, já é celebrada desde 1924 (Marques, 2014).

Para além do objetivo referido, o PNFF tem também como finalidades “Melhorar os conhecimentos e atitudes financeiras” (p.11) no sentido de dar a conhecer a importância da sua formação, e contribuir na compreensão da informação no planeamento do orçamento de cada um; “Apoiar a inclusão financeira” (p.11) na perspectiva de divulgação dos serviços e produtos financeiros básicos; “Promover o recurso responsável ao crédito” (p. 12) na tentativa de melhorar hábitos e alertar para os riscos de endividamento; e “Criar hábitos de precaução” (p.12) no que remete a situações relacionadas com o dinheiro nomeadamente práticas fraudulentas.

Neste sentido, a criação do REF (MEC, 2013 b) veio orientar a implementação da educação financeira no contexto escolar e educativo e está dividido por níveis de educação e ciclos de ensino para sustentar o trabalho a ser realizado ao longo do processo educativo. Cada tema do Referencial está intimamente ligado com os objetivos elencados no PNFF. Pretende-se, então, que esses objetivos se façam concretizar através da abordagem ao REF, que se apresentam através de uma estrutura organizada por temas. Cada tema integra subtemas que, por sua vez, estabelece objetivos que são especificados em descritores de desempenho.

Para se aprender a poupar não só é necessário perceber a importância desse ato, como também, é relevante compreender a planear e gerir um orçamento, ter conhecimento do sistema e dos produtos financeiros e ser responsável no que toca às questões financeiras, sempre cientes dos seus direitos e deveres enquanto consumidor.

Estudos empíricos

Atendendo a que se trata de um estudo exploratório, poucas são as investigações realizadas e conhecidas sobre Educação Financeira no âmbito do ensino básico em Portugal e mesmo a nível internacional. No entanto, a relevância do tema tem suscitado o interesse por parte de algumas entidades e existem alguns trabalhos investigativos.

Existem poucos estudos realizados sobre educação e literacia financeira em Portugal e grande parte são dirigidos à população adulta. Os empresários são um grupo alvo por se considerar serem motores da economia de cada sociedade, e a sua taxa de sucesso poder ser

melhorada através do aumento da literacia financeira (Rahmandoust, shah, Norouzi, Hakimpoor & Khani, 2011). A população adulta que trabalha, tem rendimentos e é consumidora, interage com o sistema e os produtos financeiros é vista como um grupo de intervenção urgente. Mesmo que esta faixa etária tenha atingido a independência financeira pode não significar que as competências a esse nível tenham sido desenvolvidas. Estudos mostram que a falta de preparação e de baixo nível de alfabetização financeira entre as pessoas ao redor do mundo leva à atual crise económica (Rahmandoust, shah, Norouzi, Hakimpoor & Khani, 2011) tornando-se realmente emergente educá-los financeiramente. Desta forma, e à medida do que tem sido explanado até aqui, é unânime entre os países pertencentes à OCED que “a Educação financeira deve começar na escola” e que “as pessoas devem ser educadas sobre assuntos financeiros tão cedo quanto possível nas suas vidas” (OCDE, 2005, p.5),

Por este motivo, vão surgindo alguns estudos empíricos no âmbito da Educação Financeira nas escolas nomeadamente no contexto do ensino básico à semelhança da presente investigação.

Ferreira (2015) na sequência do mestrado profissionalizante em educação pré-escolar e 1º CEB na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria desenvolveu um estudo de caso intitulado Educação Financeira e a Matemática. O seu principal objetivo foi incrementar a literacia financeira nos alunos no sentido de desenvolver competências matemáticas através da compreensão de conceitos matemáticos.

A investigadora definiu duas questões orientadoras: “que competências matemáticas são utilizadas pelos alunos na resolução de problemas financeiros? De que modo a educação financeira pode potenciar o desenvolvimento de competências matemáticas?”. Foi adotada a metodologia qualitativa no sentido de obter uma descrição, análise e interpretação detalhada dos dados recolhidos. O método utilizado para esse estudo foi o estudo de caso, sendo selecionados seis alunos da turma para constituir dois grupos com 3 elementos. Para poder responder às questões aplicou oito fichas de trabalho que envolviam conceitos financeiros e a resolução de problemas financeiros. Segundo a investigadora, a análise dos dados revelou que foi incrementada literacia financeira nos alunos acerca de onde vem o dinheiro, como o gerir e como o poupar, e foram desenvolvidas competências matemáticas nomeadamente nos domínios de Números e Operações e Organização e Tratamento de Dados através da educação financeira. As dificuldades mencionadas relacionaram-se com a resolução dos problemas a dificuldades de interpretação.

Outro estudo desenvolvido no âmbito da educação financeira no ensino básico intitulou-se Educação Financeira no Ensino da Matemática: um estudo de caso do Ensino Básico. Esta dissertação decorreu no âmbito da obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Matemática no

3º ciclo do Ensino Básico e no Secundário e foi levada a cabo por Nascimento (2015) na faculdade de Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa. O objetivo da investigação foi consciencializar os alunos para a utilidade dos conceitos da Matemática em questões da área da Educação Financeira proporcionando-lhes conhecimentos e capacidade crítica para a tomada de decisões financeiras, partindo de conhecimentos matemáticos. Foi adotada a metodologia qualitativa e o método foi o estudo de caso constituído por três grupos de dois alunos cada. Em conclusão a investigadora salientou que os alunos evoluíram no que se refere aos conhecimentos de matemática nomeadamente, na capacidade comunicativa, argumentação de ideias, raciocínio e pensamento matemático o que fez com que a sua capacidade critica também aumentasse e promovesse a literacia financeira.

Também a nível internacional têm-se desenvolvidos estudos neste contexto. Prado (2013) no âmbito da obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia Plena, no Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, desenvolveu uma dissertação intitulada Educação Financeira no Ensino Fundamental I (que equivale aos cinco primeiros anos de escolarização). O estudo adotou uma metodologia qualitativa e um método exploratório de pesquisa com o objetivo investigar a Educação Financeira nos seus aspetos funcionais e pesquisar quais as políticas governamentais que a promovem no currículo escolar no dito contexto. Visa também analisar junto dos professores, opiniões sobre a inserção e a importância da Educação Financeira no currículo escolar e junto dos alunos explorar conceitos da Educação Financeira para despertar o uso ciente do dinheiro. Concluiu-se que os professores reconhecem a necessidade do ensino da educação financeira e, as estratégias implementadas junto dos alunos os fizeram pensar, praticar o raciocínio e alertá-los para a importância do consumo consciente e planeado pois, o uso do dinheiro corretamente precisa fazer parte das suas aprendizagens.

Campos (2012) desenvolveu um estudo intitulado “Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados” no âmbito do mestrado em Educação Matemática. O referido estudo teve por objetivo investigar a produção de significados de estudantes para tarefas de Educação Financeira. A investigação caracterizou-se por uma abordagem qualitativa e adota como base teórica o Modelo dos Campos Semânticos como possibilidade de análise da produção de significados dos estudantes para as tarefas propostas. O produto resultante do estudo constituiu-se num texto direcionado a professores de matemática apresentando o conjunto de tarefas utilizadas na pesquisa de campo, numa proposta de inserção da Educação Financeira na formação matemática dos estudantes do 6º ano. As conclusões relacionam-se com a capacidade da abordagem da Educação como um tema transversal em Matemática ao longo da Educação Básica. Os estudantes utilizaram diferentes

lógicas na busca de soluções. A diversidade de significados produzidos a partir das diferentes possibilidades de tomadas de decisões financeiras têm importantes contribuições a oferecer aos estudantes do ponto de vista das tomadas de decisões financeiras, da aprendizagem matemática e da formação da sua cidadania.

Metodologia

Esta secção pretende evidenciar as opções metodológicas do estudo, a caracterização dos participantes, bem como dos instrumentos e técnicas utilizadas na recolha de dados. Posteriormente segue-se a descrição da intervenção educativa com a relação das diferentes tarefas desenvolvidas, as categorias de análise recolhidas ao longo de todo o estudo. Finalmente é apresentada a calendarização do mesmo.

Opções metodológicas

A investigação pressupõe “um processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e contribui para compreender os fenómenos sociais” (Coutinho, 2015, p.7) quando nos referimos ao estudo em Ciências Sociais e Humanas. O ato de investigar possibilita a reflexão, origina o debate sobre os problemas e desencadeia a criação de novas ideias. É o paradigma da investigação que compõe o conjunto de pressupostos e valores que orientam o estudo que determinam as opções do investigador. Face ao problema apresentado e atendendo ao carácter interpretativo de que este estudo se reveste, optou-se pelo paradigma interpretativo visto que ele pressupõe as noções científicas de “compreensão, significado e ação” (Coutinho, 2015, p.17) onde o investigador “postula uma variedade das relações entre as formas de comportamento e os significados que os atores lhes atribuem através das suas interações sociais (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005, p.39). Erickson (1986) defende que uma investigação de carácter interpretativo é própria de uma investigação em educação e em que se expõe a organização própria do ensino e da aprendizagem no contexto de aula e, ao mesmo tempo, a realidade de fatores externos que influenciam essa organização, daí a necessidade de interpretar ou seja, de dar sentido.

Eleger um paradigma “significa um compromisso implícito de investigadores com um quadro teórico e metodológico preciso, e, conseqüentemente, uma partilha de experiências e uma concordância quanto à natureza da investigação e à conceção do conhecimento” (Pacheco, 1993, referido por Coutinho, 2015, p. 9). Sendo, o paradigma um integrado de “princípios, crenças e valores que orienta a metodologia (Coutinho, 2015, p.25) leva a que se adote uma metodologia qualitativa de cariz interpretativo no presente estudo.

A investigação em educação é cada vez mais marcada pela influência dos métodos qualitativos nos seus estudos pois “privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan e Biklen, 1994,

p.16). Segundo os mesmos autores, os investigadores qualitativos convivem com o contexto por pensarem que as ações são melhor compreendidas, e a recolha de dados mais focada quando observadas no seu ambiente natural de ocorrência. Sendo esta uma das características defendida pelos autores no que refere a este método, também o carácter assumidamente descritivo é sua característica. “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para (...) uma compreensão mais esclarecida do nosso objeto de estudo.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.49) é, portanto, uma investigação “descritiva” (p.48) na medida em que “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (p.48). Os resultados escritos da pesquisa contêm citações alicerçadas nos dados recolhidos através dos vários instrumentos “para ilustrar e substanciar a [sua] apresentação” (p.48).

Do ponto de vista de Coutinho (2015) em termos conceptuais o objeto de estudo desta metodologia são as intenções e situações, tratando-se de “investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva autores intervenientes no processo” (p.28). A investigação de cariz qualitativo baseia-se no método indutivo e tenta “compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado, (Mertens, 1998, p.160 referido por Coutinho, 2015, p.28) em que o que “interessa é o estudo de sujeitos que agem em situações, pois os significados que compartilham são significados-em-ação” (Pacheco, 1993, p.28, referido por Coutinho, 2015, p.29). Na perspectiva de Bogdan e Taylor (1986) na metodologia qualitativa

O investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, permitindo a sua expressão livre e ouvir os participantes sobre o que lhes vai na mente, vendo os documentos que produzem e assim obtêm um conhecimento direto da vida social deles, sem ser filtrado por conceitos, definições operacionais ou escalas de classificação (p.20).

Tendo como propósito a compreensão total desses fenómenos, não esquecendo o contexto em que muitas vezes ocorrem, o foco do problema só é conhecido aquando do trabalho no terreno (Coutinho, 2015). Estas razões e os motivos apresentados anteriormente são reveladoras da adoção da metodologia qualitativa.

Nesta abordagem qualitativa da pesquisa, o método adotado foi o método exploratório devido ao pouco conhecimento do tema, e com o intuito de procurar um saber mais aprofundado sobre a temática a ser abordada (Beuren, 2003).

Educação Financeira, como já foi salientado no enquadramento teórico deste capítulo, é ainda um tema pouco explorado em termos de investigação. São muito reduzidos os estudos feitos neste âmbito e quase inexistentes as investigações realizadas em contexto do 1º CEB. Por estas razões, se usou o método exploratório, com objetivo descritivo e interpretativo.

Os estudos exploratórios são utilizados quando se pretende “examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado” (Hernández Sampieri, 2006, p. 99). “O objetivo da pesquisa exploratória é situar-se em um problema sobre o qual o pesquisador não tem informações ou conhecimentos suficientes para elaborar hipóteses pertinentes ou para traçar estratégias mais sofisticadas que permitam atingir objetivos precisos” (Migueles, 2004, p. 135). Segundo Gil (2008) o referido método de estudo tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos (...) para estudos posteriores” (p.27).

Participantes

O estudo contou com a participação de uma turma de 4º ano de escolaridade de uma das escolas do distrito de Viana do Castelo. O grupo era constituído por vinte e três elementos e todos participaram no processo investigativo.

Em termos gerais tratou-se de uma turma muito participativa e interessada nas tarefas realizadas e bastante interessada em novos desafios. Destacavam-se alguns elementos do grupo nas várias áreas do conhecimento, sendo a área das expressões e de estudo do meio em que se obtinham melhores resultados, em termos gerais, seguidos de português e matemática.

Uma das grandes dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos relacionava-se com a interpretação de enunciados. A sua dificuldade prendia-se em identificar o que era pedido e seleccionar o essencial para poderem obter a resposta. Este constrangimento surgia transversalmente nas diferentes áreas embora na matemática fosse mais visível, notando-se ainda algumas fragilidades no cálculo mental.

No que remete ao tema da literacia financeira os alunos, espontaneamente, mencionavam aspetos relacionados com o dinheiro. Em conversas ou em textos escritos referiam que muitos dos seus desejos se podiam concretizar com o dinheiro. Mostravam compreender que o desemprego de alguns dos elementos do seu agregado familiar podia comprometer a compra de alguns pertences. Revelavam a importância da necessidade de os adultos trabalharem para poderem usufruir dos benefícios de ter um salário e de o ter que gerir. Muitos alunos revelaram, através do inquérito inicial, o contacto com o dinheiro e que tinham um mealheiro, mas não lhes é dada a possibilidade de o gastar, de o poder gerir e de optar conscientemente pela poupança. Este facto torna mais emergente a abordagem à educação financeira elencada nos vários temas do REF, numa perspetiva da importância do ato de poupar conscientemente.

Recolha de dados

Definido o problema e os objetivos do estudo, a metodologia assim como o método adotado, torna-se indispensável a eleição de técnicas ou fontes que promovam obtenção da informação pretendida. Pois, “a qualidade informativa de tais dados vai, parcialmente, depender da qualidade dos instrumentos usados nessa recolha e, daí a importância que a questão dos instrumentos tem na investigação” (Almeida & Freire, 2000, p.117).

Neste sentido, surgiram no estudo várias técnicas de recolhas de dados típicas de estudos qualitativos. Para Coutinho (2015) os dados obtidos a partir desses instrumentos têm um aspeto semelhante: o olhar interpretativo do investigador que influencia a sua análise.

Para Moreira (2007), “Observar, perguntar e ler são as três ações fundamentais que estão na base das técnicas de recolha de dados” (p. 153). Nesta investigação estas ações foram levadas a cabo através de diferentes técnicas: observação participante, recurso a meios audiovisuais, documentos produzidos pelos alunos e questionários.

O recurso a diferentes técnicas interrelacionadas possibilita a triangulação de dados, que permite uma compreensão mais profunda do fenómeno em causa. A triangulação dos dados recolhidos através de distintas ferramentas é crucial visto que quando se cruzam os eventos ou factos do estudo estes são apoiados por mais de uma fonte de evidência e assegura a validade dos dados (Yin, 2009).

De acordo com McMillan & Schumacher (2010) a triangulação é a validação cruzada entre os dados recolhidos, as estratégias de recolha e os esquemas teóricos, no sentido, de encontrar regularidades através da comparação, intersecção das diferentes fontes de recolha de informação. Os autores salientam ainda a triangulação como uma forma de poder interpretar os dados através de várias perspetivas através de múltiplas fontes e assim ampliar a compreensão do fenómeno de interesse.

Segue-se a apresentação das técnicas de recolha de dados utilizadas.

Observação

A observação desempenhou uma das técnicas de extrema relevância no processo da recolha de dados. Para além da “Observação de situações educativas continuar a ser um dos pilares da formação de professores” (Estrela, 1990, p. 57) é também através dela que “o investigador consegue documentar, atividades, comportamentos e características físicas sem ter de depender da vontade e capacidade de terceiras pessoas” (Coutinho, 2015, p. 136). Segundo Blanchet, Ghiglione, Massonnat e Trognon (1989) a observação é um método privilegiado para

o estudo da dinâmica, dos comportamentos e da conduta humana no seu contexto. Sendo, assim, um “modo de enfoque específico da atividade humana” (p.32) e um “método adotado na evolução da investigação das ciências humanas e sociais” (p.33). Tornando-se uma técnica de recolha de dados fundamental na investigação em ciências da educação entre outras áreas do conhecimento (Coutinho, 2015).

Na perspetiva de Blanchet et al. (1989) a observação mantém cinco grandes significados. O significado da observação como contexto institucional onde se realiza o diagnóstico; como estratégia de ação do sujeito que observa a partir do conjunto de atos que contribuem para as observações; como etapa das técnicas de recolha de dados de investigação; como associação do produto e resultado da ação de observar; e como processo e conjunto de operações enquanto ato de observação. Visto que a observação desempenha um papel fulcral na prática, constitui naturalmente a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada nomeadamente na investigação (Estrela, 1990).

Estrela (1990) refere a existência de várias formas de observação e toma como um dos critérios a situação ou atitude do observador. No que remete a este critério esta investigação considera-se participante, naturalista e intencional. Trata-se de observação participante quando o observador participa ativamente no quotidiano do grupo em estudo, naturalista quando é realizada no seu meio natural e intencional quando se estabelece de forma orientada (Estrela, 1990). Na perspetiva do autor primeiro observa-se o grupo para permitir a sua descrição comportamental. Depois o observador intervém no trabalho realizado pelo aluno no sentido de esclarecer o que está a ser feito, sendo levantadas pistas através da observação direta na tentativa de se obter explicações. É a participação na vida do grupo e nas suas atividades diárias que se pode aceder a dados de observação difíceis ou quase impossíveis de se obter se se mantive como observador externo (Lessard-Hébert, 1996). Segundo Lessard-Hébert (1996), as notas no terreno são instrumentos privilegiados para o registo dos dados recolhidos e podem ser úteis no momento da avaliação.

Questionário

O questionário é uma técnica bastante utilizada na recolha de informação “possivelmente a ferramenta mais utilizada para coletar os dados” (Hernández Sampier, 2006, p.325). É um instrumento de recolha de informação “constituído por um conjunto de enunciados ou de questões que permitem avaliar as atitudes, e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto dos mesmos” (Freixo, 2009, p.196) desde que “interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 190). O questionário é composto por um grupo

ordenado de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a assistência do entrevistador (Marconi & Lakatos, 2002).

Esta técnica de recolha de dados tem como vantagem a “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 191) e pressupõe não um acumular de questões, mas sim um conteúdo que deve corresponder ao problema da investigação. Freixo (2009) propõe que quanto ao conteúdo do questionário se pode distinguir duas categorias de questões: aquelas que se prendem com os “factos” e que as recaem sobre “opiniões, atitudes, preferências”; e quanto à forma em que se podem distinguir entre: “perguntas abertas” e “perguntas fechadas”. Os factos são as informações que são suscetíveis de serem conhecidas tanto através de questionário como de outro instrumento. As questões de opinião cuidam de assuntos impossíveis de se conhecerem de outra forma, dado a sua natureza mais subjetiva. As perguntas abertas são aquelas em que os sujeitos respondem utilizando as suas próprias palavras, fazendo comentários que consideram pertinentes o que possibilita investigações mais profundas e precisas. No entanto, pode ter o inconveniente de dificultar o tratamento e interpretação dos dados tornando-a mais complexa e demorada. As perguntas fechadas têm as respostas limitadas às opções possíveis.

O questionário aplicado à turma abrangeu as diferentes questões ligadas ao conteúdo e à forma o que permitiu um estudo mais profundo e claro das opiniões dos participantes. Antes da aplicação do questionário aos participantes da investigação testou-se com dois elementos de uma turma da mesma faixa etária e do mesmo ano de escolaridade, no sentido de proceder à validação e retificar falhas existentes.

Primeiramente, foi administrado o questionário inicial (Anexo 2) antes da abordagem ao estudo com o objetivo de se obter informações acerca dos conhecimentos sobre educação financeira dos participantes, e as suas opiniões, atitudes e preferências em relação ao tema. No final do estudo, o questionário final (Anexo 3) foi novamente ministrado no sentido de perceber se houve alguma mudança de opinião e atitude. Foram retidas as primeiras duas questões e acrescentadas duas perguntas no sentido de perceber o que consideram ter aprendido com a abordagem ao tema.

Meios audiovisuais

Os meios audiovisuais são especialmente úteis por várias razões. Para além de poderem fornecer um registo permanente, documentam o comportamento verbal e não-verbal dos

participantes (McMillan & Schumacher, 2010) permitindo documentar interações dos intervenientes em ambiente natural.

A vídeo gravação é um dos instrumentos mais utilizados atualmente e tem a capacidade única de capturar fenómenos visíveis aparentemente objetivos, mas sempre a partir da perspetiva de quem grava. É importante decidir o que focar durante a gravação e, em seguida, como interpretar os seus dados. A investigação recorrendo ao filme requer a documentação do tempo, lugar, e sujeito das filmagens, assim como a intenção e os interesses de quem grava. É, portanto, uma grande riqueza de informação visual em todos os episódios naturais. Esta técnica de recolha de dados permite “observar, analisar, parar, voltar atrás, rever” (Sousa, 2009, p.200), possibilitando uma “compreensão mais concreta da ação sucedida” (Sousa, 2009, p.200). Isto acontece porque um professor, e nomeadamente um professor-investigador, está muito envolvido na situação e torna-se difícil a capacidade de perceção de todos os comportamentos dos alunos, sobretudo quando há tanta informação simultânea (Sousa, 2009).

Outro dos instrumentos utilizados é a fotografia que pode ser usada para a recolha de dados e para a organização, interpretação, e validação de investigação qualitativa (Szto, Furman, & Langer, 2005).

Atualmente, a investigação tem à sua disposição uma série de inovações tecnológicas que, quando usada criteriosamente pode fazer trabalho de campo mais eficiente e abrangente (Patton, 2011).

Documentos dos alunos

As técnicas de recolha de dados apresentadas anteriormente baseiam-se em instrumentos em que os investigadores têm um papel de destaque (Bodgan & Biklen, 1994). No entanto, os documentos escritos e produzidos pelos alunos foram também um instrumento muito relevante aquando da recolha de dados. Foram várias as tarefas realizadas que implicaram o diálogo e o registo por palavras através das outras técnicas, porém, a realização das tarefas quase sempre envolveu o registo escrito dos alunos. E, por isso, esta investigação baseia-se essencialmente na análise e interpretação desses documentos que são indicadores das opiniões, atitudes e aprendizagens dos alunos. Visto que a investigação se realizou a partir da observação participante é natural que os dados produzidos pelos alunos sejam integrados no estudo realizado (Bodgan & Biklen, 1994).

Intervenção educativa

A intervenção educativa decorreu no contexto educativo aquando da PES II e num período de catorze semanas. Foram realizadas oito tarefas previamente pensadas e elaboradas tendo em conta o Referencial da Educação Financeira e o contexto educativo em causa. Previamente, os encarregados de educação dos alunos foram informados sobre a realização do estudo e foi-lhes solicitada a autorização, por escrito (Anexo 4), para se poderem efetuar gravações áudio e vídeo dos momentos da concretização das tarefas. As sessões visavam de forma global abordar e aprofundar conteúdos no âmbito da educação financeira que estão elencados no REF (MEC, 2013 b) e articulá-los com as várias áreas do currículo do 1º CEB.

As tarefas propostas foram delineadas e traçadas tendo em conta os conhecimentos obtidos no processo de observação e intervenção com o grupo de participantes nas sessões precedentes à sua implementação. À medida que se concretizavam as tarefas foram pertinentes alguns reajustes em função das necessidades dos alunos e das suas próprias sugestões e dúvidas resultantes da interação do grupo. Todos estes momentos foram desenhados e implementados com o intuito de desenvolver nos participantes conhecimentos e habilidades financeiras básicas que contribuíssem para dotar os alunos de um pensamento crítico, refletido, e informado em relação ao dinheiro e a importância da poupança. Uma das preocupações da proposta didática foi a interligação entre os objetivos que se pretendem desenvolver no REF e os conteúdos obrigatórios elencados nos programas do 1º CEB.

No Quadro 1 é possível ter uma visão global das tarefas apresentadas o tema, objetivo e descritores de desempenho do referencial que se pretendeu desenvolver em cada uma das tarefas. Numa fase posterior procede-se à apresentação, descrição e caracterização de cada tarefa efetuada no contexto investigativo.

Listagem das tarefas:

- T1- Análise grupal das expressões produzidas pelos alunos no texto “Se eu mandasse ...”
- T2- História “EuRico e a porquinha Poupança” (1ª parte)
- T3- Guito: gerir e poupar
- T4- Promoções na pizzeria
- T5- O mealheiro que duplica
- T6- A nota de 100 €
- T7- Vou atingir o meu objetivo
- T8- História “EuRico e a porquinha Poupança” (2ª parte)

Quadro 1 - Temas do Referencial de Educação Financeira (REF) desenvolvidos nas diferentes tarefas (T) da proposta didática

Temas do REF	Objetivos do REF	Descritores de Desempenho do REF	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	
Planeamento e Gestão do Orçamento	Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo	Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”.	■								
		Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas.	■	■							
		3. Distinguir as necessidades de longo prazo das de curto prazo.	■								
		4. Distinguir exemplificando consumos que proporcionam uma satisfação imediata e consumos cuja satisfação é mais duradoura.	■								
		5. Compreender que gastar mais do que necessário pode comprometer a satisfação de necessidades no futuro, exemplificando situações.		■							
		6. Reconhecer criticamente a compra por impulso.	■								
		7. Viver de acordo com os “seus meios”.	■	■							
	Relacionar despesas e rendimentos	1. Compreender a noção de rendimento.						■		■	
		2. Enunciar fontes de rendimento.	■							■	
		3. Distinguir e exemplificar despesas realizadas com o rendimento familiar e com a mesada/semanada.	■							■	
		4. Estabelecer a relação entre rendimento e despesas, evidenciando a noção de saldo.								■	
		5. Elaborar um orçamento, identificando rendimentos e despesas e apurando o respetivo saldo.								■	
		6. Tomar decisões tendo em conta que o rendimento é limitado.				■				■	

Sistemas e Produtos Financeiros Básicos	Caraterizar meios de pagamento	1. Compreender a moeda enquanto meio de pagamento.	■		■			■			
		2. Simular pagamentos e efetuar trocos com notas e moedas.	■		■			■			
		3. Saber que o euro é a moeda oficial de Portugal e de outros países da europa e que existem outras moedas, identificando-as com os respetivos países.			■						
		4. Reconhecer a importância de notas e moedas para adquirir bens.	■		■			■			
		5. Compreender a evolução histórica da moeda.			■						
	Indicar características do sistema financeiro	1. Saber o que é um banco.	■		■						
Poupança	Saber o que é a poupança e quais os seus objetivos	1. Entender a poupança como forma de alcançar objetivos de longo prazo.	■	■			■		■		
		2. Calcular a necessidade de poupança para comprar determinado bem ou para acumular património num determinado período de tempo.	■	■			■		■		
		3. Entender a função da poupança como precaução contra o risco, fazendo face a oscilações previstas e imprevistas de rendimento ou despesa.		■			■				
Ética	Compreender a importância da ética nas questões financeiras	1. Perceber a gravidade inerente a um comportamento enganador ou fraudulento nas questões financeiras.	■							■	
		2. Identificar comportamentos corretos relacionados com o dinheiro.	■							■	

Tarefa 1

Análise grupal das expressões produzidas pelos alunos no texto “Se eu mandasse ...”

Esta tarefa pretende dar início à abordagem do tema da educação financeira partindo de expressões produzidas anteriormente pelos alunos, numa atividade relacionada com a data comemorativa de 5 de outubro. Foram várias as expressões que fizeram referência a situações relativas a dinheiro e isso levou a que o estudo partisse da discussão grupal dessas frases.

Foram selecionadas as expressões relacionadas com o tema e, aleatoriamente um aluno leu a frase projetada e de seguida explorou-se o seu conteúdo com o objetivo de perceber as possíveis interpretações e as conceções do grupo acerca do dinheiro em função do que estava a ser projetado. O questionamento foi conduzido à medida da leitura dos textos e das afirmações e reflexões dos alunos.

A partir das frases surgem questões como:

- O que é algo necessário?
- O que podemos comprar com 20 euros?
- Será que ter muito dinheiro é importante? Para quê?
- Dar dinheiro às pessoas resolve as situações de falta de dinheiro?
- O que é poupar? É necessário poupar?
- É importante baixar os preços destas coisas (gasolina, supermercados, carros, rendas e outros bens materiais)? São essenciais? Que outros bens materiais são necessários? E supérfluos?

Depois da exploração das diferentes frases cada aluno escreveu numa folha o que pensa sobre o dinheiro e qual a sua importância. Para que no momento seguinte se lesse para o grupo no sentido de partilhar opiniões.

Tarefa 2

História “Eu Rico e a porquinha Poupança” (1ª parte)

A Abordagem à primeira parte da História “Eu Rico e a Porquinha Poupança” (Anexo 4). adaptada de “Zequinha e a Porquinha Poupança” de Álvaro Modernell (2010) realizou-se no sentido de evidenciar a importância da poupança

Inicialmente foi projetada a capa da história para que os alunos lessem o título, visualizassem a ilustração e fossem surgindo opiniões sobre o possível assunto da história.

Posteriormente foi realizada a leitura da história por alguns dos alunos e no fim foi solicitado o seu relato.

O texto foi explorado em duas vertentes. A vertente de interpretação e análise do seu conteúdo, direcionando-a para a exploração do tema “a poupança” em que os alunos responderam às seguintes questões:

1. EuRico tinha um sonho. Qual era?
2. Com que finalidade os pais lhe deram o presente?
3. Que conselhos deu o pai ao EuRico quando lhe ofereceu o presente?
4. Como é que o EuRico conseguiu que a porquinha crescesse e ficasse cada dia mais forte?
5. Completa:
 - a) Nome da personagem principal:
 - b) Nome da porquinha:
 - c) Nome do local onde se passa a história:
- 5.1. Relaciona a nome da personagem principal, o nome da porquinha e o nome do local

onde se passa a história.

Com o objetivo de articular o tema da educação financeira com as várias áreas curriculares, a história foi também o ponto de partida para a abordagem a conteúdos gramaticais tais como: as funções sintáticas, nomeadamente a identificação do sujeito e predicado nas frases; os graus dos adjetivos e os tempos verbais através de outras tarefas. E seguidamente cada um escreveu um texto sobre a importância da poupança, que foi partilhado em grande grupo.

Tarefa 3

Guito: gerir e poupar

A tarefa iniciou-se com a retoma do tema da poupança, e para aprendermos a poupar também é necessário ter conhecimentos sobre a moeda e como se deve utilizá-la. Inicialmente foram colocadas como ponto de partida 4 questões aos alunos, que foram sendo respondidas ao longo da sessão:

1. Qual é a moeda oficial de Portugal?
2. Ao longo da História o meio de pagamento foi sempre o mesmo e a moeda a mesma?
3. Que outros países têm a mesma moeda?
4. Que países têm moedas diferentes?

As perguntas foram lidas uma a uma e os alunos tentaram responder, no sentido de demonstrarem os conhecimentos que tinham sobre o assunto e que foi aprofundado em dois momentos. O primeiro com a abordagem à história do dinheiro num segundo momento com

recurso a uma ferramenta digital “Guito – gerir e poupar” que contribuiu para que os alunos aprofundassem conhecimentos acerca dos países da Europa que têm ou não a mesma moeda oficial que Portugal, os países que têm diferentes e a importância de saber gerir o dinheiro.

A evolução histórica da moeda foi abordada com recurso à visualização do excerto do vídeo “As origens do sistema monetário atual”, que teve a duração de um minuto e trinta segundos onde se apresenta a história da origem do dinheiro.

Foram visualizados alguns vídeos e realizados alguns jogos interativos que contribuíram para que o grupo descobrisse os países que tem como moeda oficial o euro, os que têm moeda diferente e qual o seu nome, utilizando a sua projeção no quadro interativo da sala. A ferramenta usada está dividida em cinco secções a explorar e que se intitulam como: O Euro: a nossa moeda; Países do Euro; Vamos aprender a gerir o dinheiro; Gere a tua semanada; e Sabes usar o dinheiro? No entanto, nesta tarefa só as três primeiras secções foram utilizadas atendendo ao tempo da investigação sendo, por isso, necessário seleccionar o que poderia ser mais pertinente para os alunos.



Figura 4- Imagem ilustrativa da ferramenta digital: Guito – gerir e poupar

A imagem da primeira secção apresentada possibilitou aos alunos responder às primeiras duas questões. Em relação à descoberta dos países que também tem como moeda oficial o Euro foi realizado um jogo que tinha como ponto de partida a identificação desses países no mapa da Europa e posteriormente identificar se o mesmo usava o Euro como moeda oficial. À medida que se seleccionava um país, em que considerassem que o euro era a moeda utilizada, tentavam identificar o seu nome.

Tarefa 4

Promoções na pizzeria

Uma pizza custa 13 Euros. A pizzeria tem duas promoções diferentes, uma às quartas-feiras outra às sextas-feiras. O senhor Zeca vai organizar uma festa e oferecer pizza aos amigos. Prevê comprar quatro pizzas. Para gastar o mínimo de dinheiro possível em que dia deve realizar a festa. Quarta-feira ou sexta-feira?

Promoções:

Quarta-feira
Desconto de 2€ em cada pizza

Sexta-feira
Leve duas pizzas por 24€

Tarefa 5

O mealheiro que duplica

O Francisco decidiu poupar. Para o motivar a mãe decidiu propor-lhe um desafio: durante um ano, no final de cada mês, guardar uma determinada quantia no mealheiro.

- A) Se no final do 1º mês guardares no teu mealheiro 1 euro, e no final de cada um dos meses seguintes lá colocares um valor igual ao que ele tiver, quanto terás no fim do ano?
- B) No final de que mês terás no mealheiro metade do valor que vais conseguir amealhar durante um ano?

Tarefa 6

A nota de 100 €

Eu tenho uma nota de 100 euros. Utilizando todas as moedas e notas menores que a minha, como posso trocar o dinheiro que tenho?

Tarefa 7

Vou atingir o meu objetivo

Foi pedido previamente aos alunos que escolhessem algo (algum objeto, algum bem) que gostassem de ter e que pesquisassem em casa o preço dele. Depois dessa pesquisa houve

um momento em grande grupo de partilha das suas opções. Pretendendo-se relacionar os diferentes valores dos objetos, perceber que tipo bens se tratava no que diz respeito à sua necessidade, que benefício lhes traria, mas acima de tudo o que teriam que fazer para o conseguirem, salientando a importância da poupança.

Posteriormente foi distribuído aos alunos uma folha onde tiveram que individualmente escrever o objeto que escolheram, o preço que pesquisaram, as tarefas que poderiam realizar afim de obterem rendimentos e por último preverem o tempo que demorariam a poupar para o referido objeto.

Tarefa 8

História “EuRico e a porquinha Poupança” (2ª parte)

A última tarefa foi a abordagem à segunda parte da história “EuRico e a porquinha Poupança (Anexo 6). Esta parte da história remete para o tema de Ética e o objetivo de compreender a sua importância nas questões financeiras do REF.

Pretendeu-se com esta tarefa que os participantes se pronunciassem acerca de uma atitude incorreta por parte de uma personagem da história. Os alunos começaram por reler a primeira parte do texto abordado na primeira tarefa desta proposta didática e assim concluir a obra, lendo-a na íntegra para terem presente todos os seus momentos.

Depois disso cada aluno escreveu um pequeno texto individual em que explicasse a sua opinião acerca do comportamento daquela personagem na história.

Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados “É o processo de busca de organização sistemática de transcrições de (...) materiais que se foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205). Trata-se de uma investigação que assenta numa metodologia qualitativa num contexto que visa a “relação teoria-prática” (Coutinho, 2015, p.30), e por isso, pretende contribuir para a descrição e compreensão de situações específicas e concretas (Coutinho, 2015) utilizando procedimentos descritivos da realidade estudada. A sua apresentação consiste numa estruturação do conjunto de informações que permitem a reflexão e a interpretação dos dados que, por sua vez, possibilitam a retirada de conclusões.

Para a análise de dados recorreu-se aos dados recolhidos por todos os métodos de recolha: análise dos questionários; transcrições das gravações áudio visuais dos momentos de tarefa; e recurso aos documentos escritos pelos alunos. Os dados foram interpretados a partir de categorias ponderadas e elaboradas que tiveram por base a revisão da literatura, os objetivos definidos e as tarefas desenvolvidas na investigação. Foram, deste modo, organizadas quatro categorias de análise:

- Conhecimentos prévios relativos a aspetos financeiros básicos;
- Estratégias e resolução de problemas;
- Dificuldades dos alunos;
- Importância da poupança.

Calendarização

Esta investigação teve início no mês de outubro de 2015, em que se deu início à pesquisa sobre o tema: Educação Financeira e desenrolou-se até ao mês de novembro de 2016 em que foi terminada a redação da investigação. Não obstante, várias fases foram necessárias até atingir o resultado final. A primeira etapa, já referida, foi a da pesquisa acerca do tema. Educação Financeira revelava-se desde logo um tema bastante atual e pertinente a ser desenvolvido. Aquando da observação do contexto o tema manifestou ainda mais conveniência e começou-se a desenrolar a orientação para o problema e para as questões de investigação, assim como as opções metodológicas adotadas. Simultaneamente a redação do primeiro capítulo referente à caracterização do contexto educativo.

Numa fase posterior foi construído o questionário e efetivada a sua validação com a realização do mesmo por parte de dois participantes de outra turma, do mesmo ano de escolaridade. Pretendendo-se com esta execução assinalar as dificuldades encontradas, as incompreensões e possíveis falhas do questionário. Simultaneamente foi formalizado o pedido de autorização aos encarregados de educação dos alunos para a sua participação no estudo. Obteve-se a totalidade de autorizações afirmativas para que se pudesse proceder à administração dos questionários iniciais.

Seguiu-se a construção da proposta didática que integra a intervenção educativa recorrendo à revisão da literatura. Consequentemente deu-se continuidade com a concretização das tarefas que foram delineadas e pensadas no sentido de abordar a Educação Financeira através da articulação com os conteúdos das diferentes áreas do currículo. Nesta ocasião foi realizada a recolha de dados através dos vários instrumentos referidos. Na etapa seguinte foram analisados os dados e interpretados os seus resultados, retiradas as conclusões e consequentemente finalizada a redação do relatório.

Na tabela que se segue apresenta-se de forma concisa a calendarização do estudo.

Quadro 2 - calendarização do estudo

Ações \ Datas	Out. 15	Nov.15	Dez. 15	Jan. 16	Fev. 16	Mar.16	Abr. 16	Mai. 16	Jun. 16	Jul. 16	Ago.16	Set. 15	Out. 16	Nov.16
Pesquisa sobre o tema: Educação Financeira														
Observação do grupo														
Orientação para o problema														
Revisão da literatura														
Opções metodológicas														
Construção da intervenção educativa (tarefas)														
Implementação das tarefas														
Recolha de dados														
Análise de dados e interpretação dos resultados														
Redação do relatório														

Análise dos dados e interpretação dos resultados

Analisar na perspectiva de Marconi & Lakatos (2002) “é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre os fenómenos estudados e outros fatores” (p.35) e interpretar “é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos (p.35).

De acordo com Charoux (2006) “a interpretação dos dados destaca as principais descobertas da pesquisa e é a fase na qual o pesquisador deve usar a sua capacidade de relacionar os resultados com a problemática inicial (problema e hipótese) e argumentar contra ou a favor” (p.51), dado que “Os dados são o resultado final dos processos de observação e experimentação” (Vairinhos, 1996, p.21) do processo de investigação. Assim sendo, a análise e interpretação dos dados na metodologia qualitativa torna-se uma tarefa imprescindível tendo em conta a vasta diversificação de instrumentos. Nesta medida, a interpretação dos dados “é criadora de sentido” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p. 123) no que refere ao seu caráter explicativo.

Nesta secção pretende-se analisar os questionários iniciais ministrados aos participantes do estudo. Seguidamente apresentam-se as tarefas desenvolvidas e a sua análise e interpretação em função dos objetivos pretendidos. Finalmente são analisados os questionários realizados pelos alunos no fim do estudo. Foram acrescentadas duas questões no sentido de se perceber o que é a educação financeira e recolher a opinião dos alunos em relação ao que aprenderam com a abordagem ao assunto.

Questionários iniciais

Os questionários iniciais ministrados aos participantes eram constituídos por 13 questões. A questão inicial prendia-se com o facto de terem ou não mealheiro. A essa questão 100% dos alunos respondeu afirmadamente.

A questão 2 – Em que gastas o dinheiro do teu mealheiro?

Obtiveram-se respostas variadas por isso foi necessário agrupar o tipo de respostas por quatro categorias: gasto em algo necessário (ex: comida; sapatos; roupa; quando estrago algo de uma pessoa; acontece um imprevisto); gasto em algo supérfluo (brinquedos; gomas; prendas); nunca gastei o meu dinheiro (não gasto, eu junto; em nada, está no meu peteiro guardado; nunca gastei; eu não gasto o dinheiro do meu peteiro porque eu deixo para quando

for maior); doar (gasto dinheiro do meu peteiro para contribuir para causas; para ajudar a minha mãe).

Os resultados revelam que em maior número os alunos gastam o seu dinheiro em algo necessário. Segue-se um número elevado de alunos que nunca tiveram oportunidade de gastar do dinheiro do seu mealheiro. Um número menor revela gastar em algo supérfluo e apenas dois participantes mencionam doar do seu dinheiro.

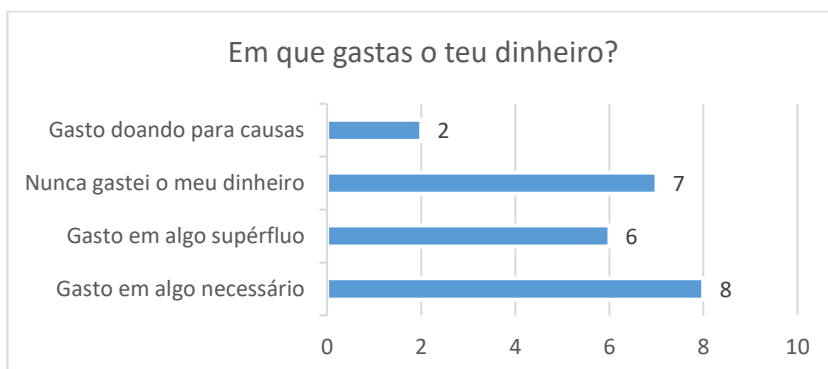


Gráfico 2 – Análise da questão: em que gastas o teu dinheiro

Na questão 3 – Como consegues arranjar o teu dinheiro?

As formas de os participantes conseguirem juntar dinheiro no seu mealheiro são diversas, mas maioritariamente conseguem-no através das contribuições dos pais e da família, que a avaliar pelas respostas ao questionário não mencionam nenhuma razão de causa. As festas de aniversário, festas como o Natal e a Páscoa também se revelam momentos de aumento do saldo do mealheiro dos alunos, seguindo-se as recompensas por trabalhos prestados à família. As restantes categorias revelam-se em minoria – bom comportamento, boas notas e mesada.

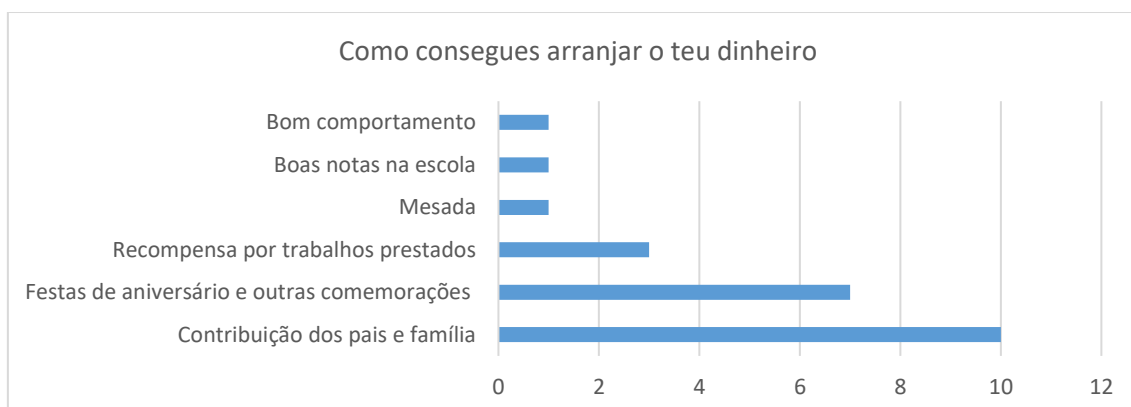


Gráfico 3 – Análise da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro

Na questão 4 – Assinala com um X a opção correta. Gastas o teu dinheiro porque:

- 1- tens necessidade, e só gastas mesmo no que precisas.
- 2- Queres ter algo, mesmo que não seja necessário.
- 3- Queres ter o mesmo que os teus amigos têm.

A grande maioria optou pela primeira opção. No entanto é importante relacionar esta questão com a questão 2 (Em que gastas o dinheiro do teu mealheiro). Pois, apenas dois dos seis participantes que referiram gastar o dinheiro em algo supérfluo escolheram a opção 2 e, só dois dos sete elementos que referiram nunca ter gastado dinheiro algum optaram por não escolher nenhuma das opções porque efetivamente nunca gastaram dinheiro.

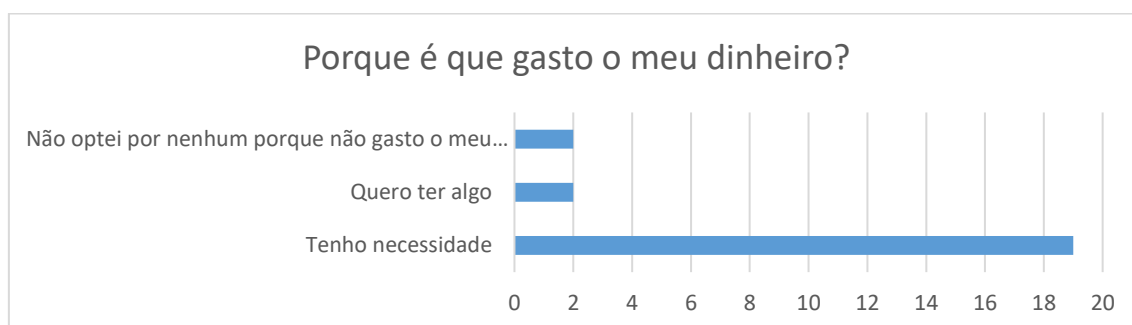


Gráfico 4 – Análise da questão: Porque é que gasto o meu dinheiro

Na questão 5- Compras tudo o que tens vontade?

Apenas um dos inquiridos respondeu que sim afirmando: “Sim porque eu quero.” e outro não respondeu nada por considerar que se não gasta o próprio dinheiro não tem que responder a esta questão.

As restantes respostas foram negativas alegando motivos diferenciados: quatro elementos referiram que os pais não lhes permitem gastar o dinheiro no que querem e os restantes por já revelarem ter algum conhecimento que não se deve gastar o dinheiro de forma inconsciente.

Quadro 3 - Análise das justificações dos alunos à questão 5

Motivação das justificações	Justificações dos alunos
Os pais não permitem	Não, com o meu dinheiro não posso comprar nada. Não, porque os meus pais não deixam. (2) A minha mãe não deixa.
Conhecimento de que não se deve gastar o dinheiro de forma inconsciente	Não, porque ninguém tem dinheiro infinito. Não, porque assim gasto todo o meu dinheiro no que não preciso. Se eu gasto todo o meu dinheiro fico sem nenhum porque tenho que poupar.

	<p>Não, porque não se ganha o dinheiro muito facilmente (aluno que revelou a realização de tarefas para conseguir obter dinheiro para o seu mealheiro).</p> <p>Não, porque no fim do mês estava com o meu mealheiro vazio.</p> <p>Não, porque ficamos pobres.</p> <p>Não, porque depois não quero as coisas e gasto sem necessidade.</p> <p>Não, porque há coisas que preciso e que não preciso.</p> <p>Não, porque se não quando for grande não tenho dinheiro para as coisas que mais preciso.</p> <p>Não. Eu tenho que poupar para coisas essenciais.</p>
--	--

Às questões 6 e 7 – Dá exemplos do que é necessário comprar; Dá exemplos do que é desnecessário comprar, respetivamente, as sugestões dos alunos foram variadas, mas só um dos alunos mencionou as gomas com algo essencial.

No que remete aos exemplos do que é necessário comprar há um consenso bem explícito nas categorias de vestuário e alimentação seguido de material escolar. As restantes surgem em minoria.



Gráfico 5 - Exemplos do que é necessário comprar

Os resultados da questão sobre os exemplos de despesas desnecessárias revelaram os brinquedos em categoria de destaque. Assumem, também, as guloseimas, coisas caras e cigarros como algo desnecessário. Apenas um aluno afirmou não saber exemplificar.



Gráfico 6 - Exemplos do que é desnecessário comprar

Na questão 8 – O que é poupar? As respostas de 18 dos alunos responderam que era:

- É comprar o que é necessário.
- É tentar gastar pouco dinheiro.
- É não gastar dinheiro a torto e a direito.
- É não gastar muito dinheiro.
- É não gastar em coisas caras.
- É juntar moedas para algumas coisas.
- É guardar.
- É só comprar coisas essenciais.

No entanto, quatro dos alunos referiram que poupar era:

Poupar é não gastar nada.

Um aluno respondeu que poupar era:

Ganhar dinheiro.

Na questão 9 - Costumas poupar? Porquê? Vinte alunos assinalaram a opção sim e as justificações apresentadas relacionavam-se em perspetivas para o futuro:

- Porque não se ganha o dinheiro facilmente.
- Porque depois não tenho dinheiro.
- Porque não compro coisas caras.
- Para ter uma vida melhor.
- Porque às vezes preciso de coisas e não tenho dinheiro para comprar.
- Eu só quero gastar em coisas importantes.
- Porque guardo o dinheiro para quando for mesmo preciso.
- Porque se não o pouparmos podemos ficar sem ele.
- Posso precisar no dinheiro outro dia.
- Porque quando crescer quero comprar um carro muito rápido.
- Sim porque assim não fico pobre.
- Porque é essencial.
- Porque preciso.

Eu mesmo que poupe não posso comprar nada e poupo para quando for grande.

Um aluno não respondeu porque considera que se nunca gastou o seu dinheiro logo não poupa de forma consciente, e isso não é poupar. Dois dos alunos responderam que não a razão é porque gastam em guloseimas.

Na questão 10 – Qual é a moeda que usamos no nosso país? Vinte respostas foram corretas mencionando o euro, um dos quais ainda representou o seu símbolo. Um aluno não respondeu, outro respondeu “O 1€” e o último afirmou “a moeda que usamos é o euro e o cêntimo”.

Na questão 11 – Conheces outro país com outra moeda oficial? Se respondeste sim qual o país e qual a moeda. Poucos alunos souberam responder a esta questão. Apenas cinco dos alunos souberam identificar um país com outra moeda oficial (Inglaterra, Estados Unidos da América e Brasil) e só quatro deles nomearam qual a moeda oficial do país que escolheu.

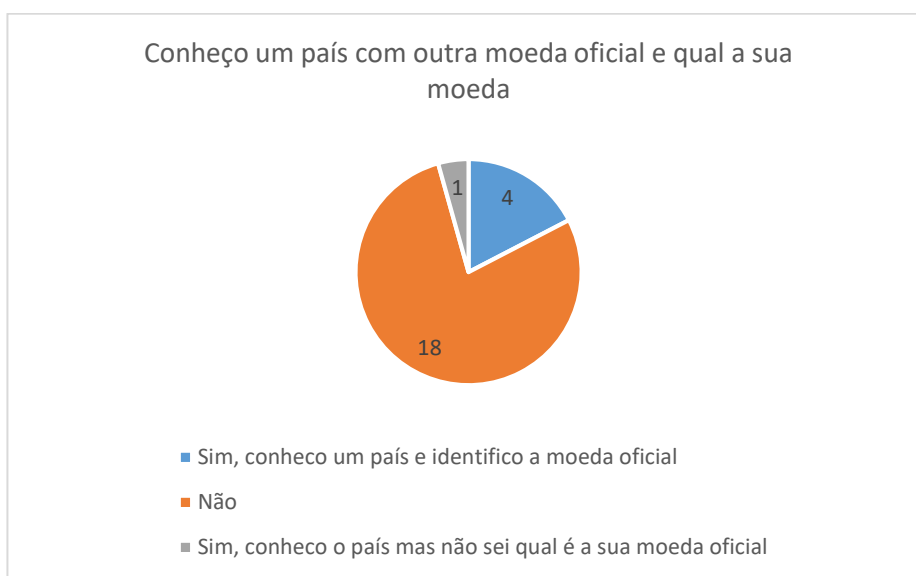


Gráfico 7 - Conhecimento de países com outra moeda oficial para além do euro

Na questão 12 – Na tua opinião pode-se enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro? Só um aluno afirmou que sim, mas justificando com “Não sei”. No entanto, seis dos vinte e dois alunos que responderam negativamente não souberam justificar. Sobrando dezasseis que mencionaram uma razão.

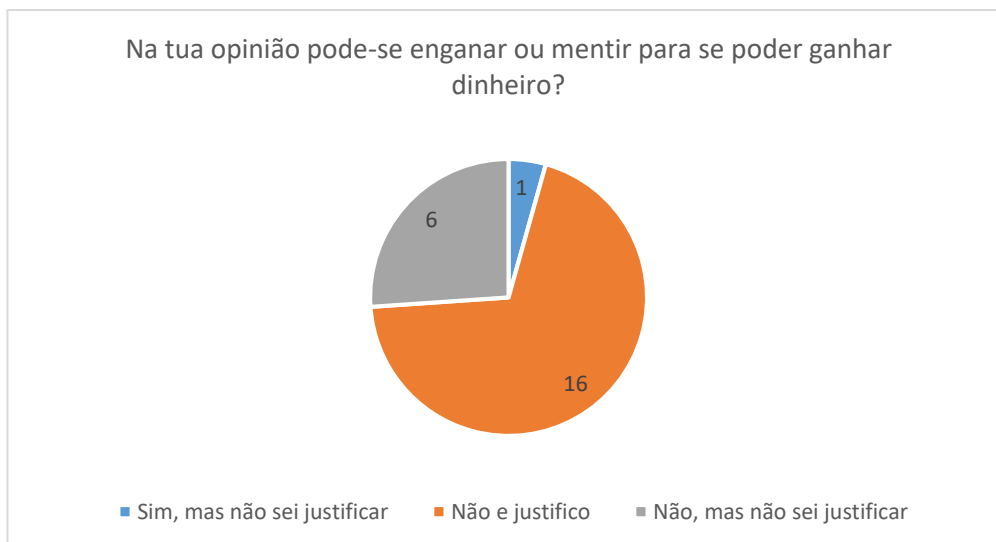


Gráfico 8 - Opinião dos alunos acerca de se poder enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro

E os dezasseis restantes fundamentaram as respostas ligando as justificações a aspetos legais e outros a aspetos morais:

Quadro 4 - Análise das justificações dos alunos à questão 12

Tipo de justificação	Justificação dos alunos
Justificações ligada a aspetos legais	Porque isso seria roubar. É crime. Porque podemos ir presos e não faz parte da lei.
Justificações ligadas a aspetos morais	Porque mentir é feio. Não porque não estamos a ajudar uns aos outros. É feio e desonesto. É errado. Porque mentir é mau.

Na questão 13 – É importante aprender a usar o dinheiro? Porquê? A esmagadora maioria respondeu afirmativamente e resultam justificações relacionadas com a preocupação com o futuro, a noção de desperdício e desconhecimento do uso do dinheiro.

Quadro 5 - Análise das justificações dos alunos à questão 13

Tipo de justificação	Justificação dos alunos
Preocupação com o futuro	Porque depois não poupamos dinheiro. Para quando formos maiores sabermos. Porque podemos precisar do dinheiro noutro dia.

	<p>Porque quando formos maiores podemos precisar Para viver.</p> <p>Porque temos de poupar.</p> <p>Porque se não o soubermos gastar mais tarde podemos ficar sem ele.</p> <p>Porque depois não se tem dinheiro.</p> <p>Porque se usarmos muito dinheiro depois não o temos.</p>
Noção de desperdício	<p>Sim porque gastamos para nada.</p> <p>Não devemos gastar em tudo o que nos aparece à frente.</p> <p>Porque se gastarmos dinheiro à toa ficamos com o mealheiro vazio.</p> <p>Porque precisamos de dinheiro para comprar comida</p> <p>Porque não podemos gastar dinheiro à toa.</p> <p>Porque não podemos gastar o dinheiro a toa, porque depois se precisarmos de algo importante não temos dinheiro.</p> <p>Para comprarmos coisas que precisamos</p> <p>Porque se não gastamos dinheiro em qualquer coisa</p> <p>Porque é importante comer e para comer precisamos de dinheiro.</p>
Desconhecimento do uso do dinheiro	<p>Porque damos um certo dinheiro e não é.</p> <p>Para comprar coisas.</p>

O aluno que respondeu não ser importante aprender a usar o dinheiro justificou “Porque não é preciso ser rico”. Dois alunos consideram importante fazer essa aprendizagem, mas não apresentam nenhum motivo.

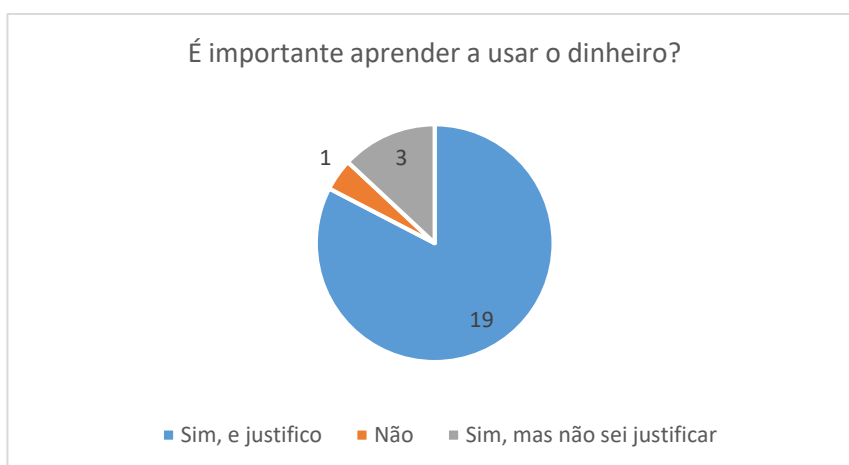


Gráfico 9 - Importância de se aprender a usar o dinheiro

A análise do primeiro questionário possibilita responder ao primeiro objetivo da presente investigação e consequente categoria de análise – conhecimentos prévios dos alunos sobre educação financeira. O facto de todos os participantes terem referido ter mealheiro pode revelar o seu contacto com o dinheiro. Porém, sete dos participantes (aproximadamente 30%) assume não ter oportunidade de poder gastar o dinheiro, não tendo ocasião de aprender a fazer opções e a justificá-las como nos demonstra a literatura.

Nesta análise também é notório que apenas três dos elementos inquiridos (aproximadamente 13%) obtêm rendimentos através da realização de tarefas. Desta forma, a grande maioria adquire dinheiro para o mealheiro sem esforço (recebe-o nas festas de aniversário, datas festivas, visitas dos familiares...) ou por motivos que se podem entender como deveres da criança (bom comportamento, boas notas). É por isso importante incutir nas crianças que o dinheiro não é algo que surge do nada, advém do esforço e do trabalho e é importante reconhecer a diferença entre o necessário e o supérfluo. Pelas suas respostas dadas quando inquiridos sobre o assunto apenas um referiu “gomas” como necessário e o mesmo mencionou não saber nenhum exemplo de algo supérfluo. Assim podemos concluir que a esmagadora maioria dos alunos tem consciência de exemplos de algo indispensável.

Foi notório o conhecimento da moeda oficial no nosso país, mas em contrapartida revelou-se reduzido o conhecimento acerca de outros países que usam a mesma moeda.

No que remete a questão ética e responsabilidade social em questões financeiras seis dos participantes (aproximadamente 26%) não conseguiram justificar o motivo pelo qual não se deve ter um comportamento enganador ou fraudulento nas questões financeiras.

Em relação à poupança o questionário revela que os alunos ainda não têm muito consciente se realmente poupam ou não. Quatro dos alunos afirma nunca ter gasto o dinheiro por falta de permissão dos pais, ou seja, não estão a optar pela poupança de forma consciente e por própria vontade. No entanto, nenhum deles assume que isso não é poupar, todos afirmam que poupam dinheiro. Isso revela a sua contradição. Dos dois inquiridos que referem não poupar, um assume que gasta em brinquedos e gomas e o outro diz não saber. Porém quando questionado sobre se compra tudo o que lhe apetece responde que sim porque tem vontade. Este participante mostra, então, ter consciência de que não poupa, mas não ter consciência de que é por comprar tudo o que quer que não consegue optar pela poupança. Apenas um participante assume diretamente nunca ter gasto o seu dinheiro e por isso considera que isso não significa que poupe, pois não o faz conscientemente. Proferindo a seguinte afirmação: “professora eu não vou responder a estas perguntas porque eu não posso gastar do meu dinheiro... e por isso também não estou a poupar porque não faço isso porque quero” (aluno 23).

No que remete à opinião dos alunos sobre a importância de aprender a usar o dinheiro apenas um não respondeu afirmadamente, o que revela a compreensão por parte de quase a totalidade dos inquiridos e percepção de que é crucial para o seu dia a dia aprender a usar o dinheiro. As respostas explicativas à questão remetem para vários tipos de preocupação em relação a essa aprendizagem.

Em suma, os alunos revelam ter razoáveis conhecimentos prévios no tema do REF Planeamento e Gestão do Orçamento e da Ética, em relação ao tema Sistemas e Produtos Financeiros Básicos os conhecimentos são mais reduzidos. No que refere ao tema Poupança revelam ter conhecimento dessa necessidade, sabem que é importante poupar, mas é crucial desenvolver nos alunos a real consciência desse ato.

Pretende-se alargar os conhecimentos dos vários temas do Referencial de Educação Financeira para que os alunos desenvolvam uma maior consciência do ato de poupar. Quando temos informação, conhecemos aprofundadamente algo, saberemos fazer opções mais corretas e mais facilmente aprendemos a optar livremente pela poupança que será essa a finalidade das tarefas desenvolvidas.

Tarefa 1

Análise grupal das expressões produzidas pelos alunos no texto “Se eu mandasse ...”

No desenrolar da prática pedagógica, e ainda em período de observação, os alunos foram desafiados a escrever um texto intitulado “Se eu mandasse...”. Esta tarefa decorreu a propósito da data comemorativa do 5 de outubro e da exploração da diferença entre o regime republicano e o regime monárquico, distinguindo os poderes concedidos a um monarca e a um chefe de estado republicano – presidente da República. Foram vários os alunos que mencionaram o dinheiro como recurso às medidas que implementariam caso tivessem o poder de mandar no país e tivessem influência na tomada de decisões do mundo onde vivem.

Constatado este facto, aproveitou-se algumas das frases escritas pelos alunos para lançar um diálogo aberto entre os elementos do grupo e partir para a abordagem ao tema da educação financeira. Primeiramente leram-se todas as frases para que os alunos sugerissem o que tinham em comum até conseguirem perceber a razão da sua exploração. Rapidamente se aperceberam que o tema relativo ao dinheiro era transversal a todas as frases ou excertos apresentados e alguns reconheceram o que tinham escrito.

Professora: O que têm em comum estas frases?

Aluno 13: São todas escritas à mão.

Professora: E o seu conteúdo o que tem em comum?

Aluno 9: Falam nos pobres e em ajudar os pobres.

Professora: E o que é ser pobre?

Aluno 13: É não ter dinheiro para comprar nada.

Professora: Todas as frases falavam nos pobres?

Aluno 19: Não. Acho que não. Mas falavam em ter dinheiro para fazer compras, para dar aos pobres e para comprar coisas.

Professora: E o que é preciso para comprarmos essas coisas?

Aluno 10: Dinheiro.

Aluno 5: Sim é preciso ter dinheiro se não, não compramos nada.

Depois da leitura geral das expressões, cada uma foi explorada individualmente. Através do questionamento e da partilha das ideias dos alunos foram surgindo noções muito importantes quando se trata de educação financeira.

Seguem-se as frases e em seguida a análise realizada com as crianças.

Figura 5 - Excerto do texto escrito pelo aluno 18

Professora: O que é ter dinheiro suficiente?

Aluno 5: É ter dinheiro para poder comprar tudo o que eu quero.

Aluno 8: E comprar tudo o que é preciso.

Professora: Mas será que precisamos de tudo o que queremos?

Aluno 7: Às vezes não... queremos ter coisas que depois nem brincamos com elas.

Aluno 22: Mas se queremos ter é porque precisamos.

Aluno 12: Eu acho que às vezes queremos, mas não devemos gastar dinheiro nisso. Por exemplo coisas que não são saudáveis.

Professora: Então há ou não diferença entre o que queremos e o que precisamos?

Aluno 13: Por exemplo eu às vezes quero que a minha mãe me de alguma coisa e ela diz que eu não preciso porque já tenho.

Aluno 3: Ou porque não precisamos de ter essa coisa.

Professora: E qual é a diferença entre querer e precisar?

Aluno 13: Precisar é quando nos faz falta por exemplo a comida, as coisas para a escola... querer é quando queremos mesmo alguma coisa, mas é só por querer.

Aluno 17: E não é preciso tê-la.

Professora: Será que podemos comprar tudo o que queremos?

Aluno 6: Não porque não se deve gastar dinheiro à toa.

Professora: Porque é tao importante ter um emprego?

Aluno 5: O emprego é que dá o dinheiro.

Professora: Se o emprego é o que nos dá dinheiro então é uma fonte de rendimento, é uma forma de se conseguir ganhar dinheiro.

Figura 6 - Excerto do texto escrito pelo aluno 2

Professora: O que significa fazer tudo o que se quer?

Aluno 8: É fazer tudo o que queremos, mas... mas sem estar a prejudicar os outros.

Professora: Mas será que conseguimos fazer tudo o que queremos, mesmo que isso não prejudique ninguém?

Aluno 7: Não porque não temos idade para algumas coisas.

Aluno 3: Eu acho que podemos, só precisamos que o pai ou a nossa mãe deixe às vezes.
 Professora: Será que poderia ter tudo o que tenho vontade se quisesse?
 Aluno 13: Depende se fosse caro ou não
 Professora: Como assim?
 Aluno 13: A professora tinha que ter dinheiro para poder comprar. E as coisas caras é preciso muito dinheiro.
 Aluno 19: Por isso, se fosse caro podia não ter o dinheiro.
 Professora: Então, seria possível comparar tudo o que tenho vontade? fazer tudo o que tenho vontade quando isso implica dinheiro?
 Aluno 17: Não, porque ninguém tem todo o dinheiro do mundo.
 Professora: Porque não se deve roubar?
 Aluno 18: Porque se não os outros ficam pobres.
 Aluno 13: Não devemos roubar porque se não as outras pessoas não têm as coisas que precisam. Ficam sem elas.
 Professora: Seria justo alguém lutar para conseguir comprar algo, trabalhar e poupar para conseguir Esse objetivo e depois alguém a roubar?
 Aluno 16: Não porque se fizéssemos isso à pessoa que nos fez ela também não ia gostar.
 Aluno 9: Não devemos roubar porque as pessoas que roubam são os ladrões. E as outras pessoas ficam sem dinheiro para pagar a luz, a água, os impostos... ficam pobres.
 Aluno 6: Professora eu sei outra. Porque é falta de educação roubar.

Figura 7 - Excerto do texto escrito pelo aluno 17

Professora: Já vimos que querer e precisar são coisas diferentes. Exemplos de algo preciso, necessário?
 Alunos: Abrigo, alimentos, vestuário, comida e bebida como diz ali.

Figura 8 - Excerto do texto escrito pelo aluno 3

Professora: Doaria deriva de que palavra?
 Alunos: Doar
 Professora: O que é doar?
 Aluno 13: É dar. Como doar sangue é dar sangue.
 Aluno 18: É como tirar do peteiro para dar a alguém que precise.
 Aluno 4: Eu não fazia isso professora.
 Professora: Então doar não é importante?
 Aluno 4: Porque não devemos dar dinheiro, mas sim ensinar a aprender a trabalhar.
 Aluno 6: Devemos dar um emprego para essa pessoa poder ganhar dinheiro.

A professora referiu ser importante ajudar a que as pessoas ganhem o seu próprio dinheiro, tenham o seu próprio rendimento, para que não dependam da solidariedade de ninguém. No entanto, questionou os alunos se haverá ocasiões em que também seja importante doar, em que situações já doaram do dinheiro do próprio mealheiro. Lembrando que na época

do natal são mais visíveis essas campanhas de solidariedade e se não se recordavam de algum exemplo.

Aluno 11: Nos supermercados eles dão-nos uns sacos para pormos coisas lá dentro.

Aluno 20: Ahhh é o banco alimentar

Aluno 14: Às vezes também nos pedem roupa, brinquedos, que nós já não usamos e podemos dar.

Professora: Quando doamos algo estamos a dar, a dispor de algo em benefício de uma pessoa ou uma instituição. Muitas instituições vivem das doações das pessoas. Por exemplo instituições de crianças ou pessoas com deficiência que não podem trabalhar muitas vezes sobrevivem daquilo que lhes é doado. Nesse caso não é importante que quem tenha possibilidade de ajudar o faça?

Aluno 17: Sim. Às vezes quando vou a Viana nas ruas vejo pessoas a pedirem e eu levo a minha bolsa com a minha carteira e dou nem que seja um euro.

Professora: Mais alguém quer partilhar situações em que doou do próprio dinheiro?

Aluno 6: No Halloween deste ano eu fui pedir rebuçados às casas, e fui à porta de uma senhora e ela disse que era pobre e então não tinha nada, e o que eu fiz: como eu já tinha ido a casas em que as pessoas não tinham rebuçados, mas tinham dado dinheiro eu dei todo o dinheiro que tinha a essa pessoa, ajudei essa pessoa, e continuei a pedir rebuçados.

Aluno 13: Um dia, na associação de pais, fizeram lá o feirão e eu levei dinheiro do meu peteiro, havia lá algumas coisas que eu queria, outras que eu não queria, mas às vezes comprava para ajudar a associação de pais.

Aluno 18: Eu quando fui ao Halloween as pessoas que não tinham rebuçados também me davam 2 euros, e assim... e tinha lá uma pessoa que era do Halloween e disse que era pobre. E eu dei lhe dois euros que tinha lá.

Aluno 5: Professora isso não era doar. Se um deu-lhe a ele, o dinheiro não era dele.

Professora: De quem é o dinheiro do teu mealheiro?

Aluno 5: É meu.

Aluno 13: Como é que o ganhaste?

Aluno 5: A minha avó deu-me.

Aluno 13: Ahh!!! Vês, alguém te deu... por isso é igual. O dinheiro já era dele sim. Por isso é doar.

Discutiu-se como é que as crianças, que não têm emprego, podem conseguir ganhar dinheiro.

Aluno 18: Às vezes o meu avô pede-me para o ajudar a arrastar lenha e depois dá-me 5 euros.

Aluno 6: Professora o meu pai começou a trabalhar porque o meu avô não tinha dinheiro para lhe pagar os livros da escola. Então o meu pai com 15 anos saiu da escola para começar a trabalhar e ajudar os pais dele a pagar as contas de casa...

Professora: percebem então a importância do trabalho, do esforço para conseguir ganhar dinheiro?

Aluno 15: Sim sem trabalho não há dinheiro.

Professora: Para se ganhar dinheiro as pessoas têm que trabalhar, têm que se esforçar fazer sacrifícios...no entanto, uma pessoa pode trabalhar muito, esforçar-se muito e ganhar dinheiro mas há algo muito importante a fazer ao dinheiro para realmente o ter. o que é?

Aluno 13: Depositá-lo no seu banco.

Aluno 6: Guardá-lo bem seguro.

Professora: Quando estamos a guardá-lo o que estamos a fazer?

Aluno 22: Estamos a protegê-lo

Aluno13: Estamos a poupar.

Professora: E qual é a importância de poupar?

Aluno 16: Porque às vezes precisamos de compra alguma coisa e não temos dinheiro.

Aluno 10: Porque temos que guardar algum dinheiro... não gastar à toa... se não ficamos pobres.

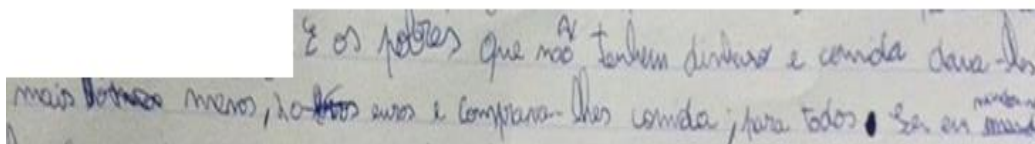


Figura 9 - Excerto do texto escrito pelo aluno 22

Professor: O autor do texto refere que dava mais ou menos 20 euros a quem não tivesse dinheiro. 20 euros é muito ou pouco dinheiro?

Alunos: Muito

Alunos: Pouco

Aluno 6: Para mim é muito.

Professora: O que podes comprar com 20 euros?

Aluno 6: Uma peça de roupa, e coisas para a nossa alimentação

Aluno 15: Acho que é muito, que podíamos comprar coisas para a saúde, arranjar comida.

Professora: E esses bens são essenciais ou supérfluos?

Alunos: O que é supérfluo?

Professora: Supérfluo é desnecessário.

Alunos: São essenciais

Aluno 18: Mas com 20 euros também podia comprar brinquedos.

Aluno 20: Professora mas isso não é essencial.

Aluno 13: É! para eles se divertirem é.

Professora: Em que que ficamos é essencial ou não?

Aluno 13: Depende se uma criança não tiver mesmo nenhum brinquedo, mesmo nenhum se calhar pode ser. Mas como quase todos as crianças têm muitos brinquedos já não precisam de mais.

Professora: Será que dar 20 euros aos pobres resolvia o problema da pobreza?

Aluno 13: Se fosse eu não lhe dava 20 euros, eu dava-lhe trabalho para essa pessoa poder ganhar dinheiro. Porque nós damos agora 20 euros e depois ele compra coisas com esses 20 euros. Conforme tem fome ele vai gastar nessas coisas, depois não tem mais nada nem dinheiro.

Professora: Então o trabalho é tão importante porquê?

Aluno 16: Porque quando as pessoas trabalham têm um salário que é o dinheiro que ganham ao trabalhar.

Professora: E já vimos que o salário é uma forma de ganhar dinheiro. E como chamamos a essas fontes de onde podemos obter o dinheiro? já vimos numa frase anterior?

Aluno 16: Fonte de rendimento.

Discutiram que outras fontes de rendimento podiam existir, e os alunos indicaram as verbas que podiam receber nas festas de aniversario, no natal ou quando ajudavam alguém e recebiam uma contribuição.

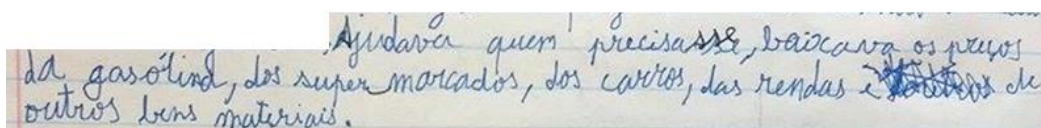


Figura 10 - Excerto do texto escrito pelo aluno 9

Para iniciar a discussão a professora questionou o porquê desta frase referir a necessidade de baixar os preços da gasolina, dos produtos de supermercado, dos carros e das rendas, entre outros.

Aluno 19: Porque são coisas que precisamos no dia a dia e se tiverem preços altos fica caro para as pessoas e depois muitas não podem compra-las.

Aluno 13: Eu acho que essas coisas são todas essenciais e por isso se baixassem os preços era bom para toda a gente.

Professora: Do que esta referido aqui é tudo igualmente necessário?

Aluno 17: As compras do supermercado e as rendas são mais necessárias.

Professora: alguém pensa diferente?

Aluno 13: Eu acho que a gasolina também é importante porque para irmos de um sitio para o outro vamos nos transportes que precisam da gasolina.

Professora: E em relação aos bens que se vendem nos supermercados?

Alunos: São essenciais.

Professora: Será que todos os bens que se vendem nos supermercados são essenciais?

Aluno 13: Ahhh não... pois não... as gomas e brinquedos e coisas que não são essenciais.

Professora: Então na vossa opinião dever-se-ia baixar o preço de todos esses produtos?

Aluno 9: Não. Só os bens que as pessoas precisam mesmo, os essenciais.

Professora: E ter um carro é essencial?

Aluno 14: Para nós não, mas para os nossos pais é.

Professora: Mas um carro é algo caro. O que precisamos fazer para o conseguir comprar?.

Aluno 13: É preciso primeiro juntar muito dinheiro.

Professora: E para se conseguir juntar o dinheiro o que é preciso fazer?

Aluno 6: Trabalhar para conseguir juntá-lo e esperar algum tempo para o conseguir.

Aluno 19: Mas também não gastar mal gasto... assim poupa-se mais.

Os excertos produzidos pelos alunos e a discussão que gerou evidenciaram muitas noções importantes que revelaram conhecimentos prévios relativos a aspetos financeiros básicos transversais aos vários temas do REF, essas noções foram também reveladas nos textos escritos, a posteriori, onde os alunos escreveram sobre a importância do dinheiro.

No tema Planeamento e Gestão do Orçamento foi notório a sensibilidade dos alunos para a compreensão da diferença entre o necessário e supérfluo, dando exemplos de bens que se podem adequar a cada grupo e de despesas necessárias e supérfluas. Reconhecendo que muitas vezes gastar mais do que o necessário pode comprometer o futuro, sendo, portanto, importante ponderar antes de comprar. Outro dos assuntos explorados relacionou-se com a importância das fontes de rendimento para a sustentabilidade financeira dos indivíduos, nomeadamente o valor do emprego e do trabalho como fonte de rendimento, o que foi evidenciado nos textos através das expressões escritas que se seguem.

O dinheiro tem muita importância
o dinheiro vale muito (é muito
valioso). O dinheiro serve para
comprar bens essenciais como por
exemplo: arroz, massa, papel higiê-
nico e etc. Devemos poupar o
dinheiro para termos quando precisa-
mos. O dinheiro também serve
para brinquedos que são os
bens supérfluos.

Figura 11 - Evidencia do aluno 16 sobre a importância do dinheiro

Para mim o dinheiro é importante
porque permitimos comprar coisas essen-
ciais, tais como remédios, casa,
comida, vestuário e outros.
Mas também coisas supérfluas,
que muitas vezes não nos serve
de nada.

Figura 12- Evidencia do aluno 4 sobre a importância do dinheiro

No tema Sistema e Produtos Financeiros Básicos os alunos revelaram compreender a moeda enquanto meio de pagamento, dando exemplos de produtos que se podem comprar com determinado valor. A questão dos bancos foi levemente abordada salientando apenas que um dos seus serviços é a captação de depósitos e que isso facilita a poupança do dinheiro dos cidadãos.

Relativamente ao tema da Poupança os alunos demonstraram perceber a sua importância quando se pretende alcançar objetivos e quando se precisa solucionar imprevistos financeiros. Embora de forma muito resumida, foi notória a abordagem ao tema da poupança e o impacto que a atitude de poupar e de saber onde poupar, pode ter nas finanças pessoais de cada um.

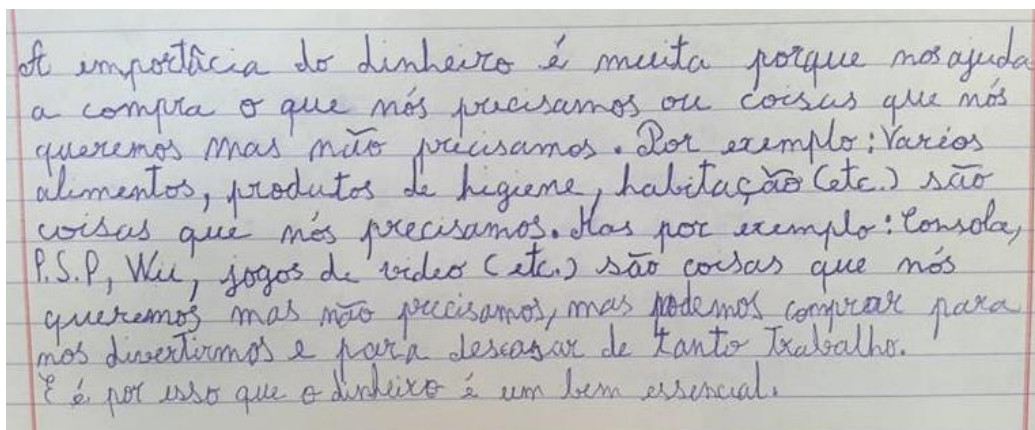
Nos textos dos alunos referente à importância do dinheiro o tema da poupança foi o mais referido, como se evidencia nas seguintes figuras.

O dinheiro às vezes faz-nos falta,
mas outras vezes não nos faz tanta.
Ele é importante para a nossa
saúde, para a nossa alimentação e
outras coisas. É isso é que nós precisamos
dele.
O dinheiro serve para nós comprar-
mos roupa, alimentação e medicamentos.
Mas não se deve gastá-lo sem necessi-
dade, porque custa a ganhá-lo, e temos
de o poupar, para não o desperdiçar-
mos, é preciso saber usá-lo.

Figura 13- Evidencia do aluno 7 sobre a importância do dinheiro

Eu acho que o dinheiro é importante
porque necessitamos dele para comprar bens
essenciais, como por exemplo comida, roupa,
medicamentos e outros. Devemos
poupar o dinheiro, não o gastando de
qualquer forma porque se um dia
tivermos alguma situação urgente
teremos sempre esse dinheiro para
poder utilizar.

Figura 14- Evidencia do aluno 11 sobre a importância do dinheiro



A importância do dinheiro é muita porque nos ajuda a compra o que nós precisamos ou coisas que nós queremos mas não precisamos. Por exemplo: Vários alimentos, produtos de higiene, habitação (etc.) são coisas que nós precisamos. Mas por exemplo: Consola, P.S.P, Vide, jogos de video (etc.) são coisas que nós queremos mas não precisamos, mas podemos comprar para nos divertirmos e para descansar de tanto trabalho. É por isso que o dinheiro é um bem essencial.

Figura 15- Evidencia do aluno 19

No que remete para o tema Ética e responsabilidade social nas questões financeiras, os alunos desde logo demonstraram consciência da gravidade inerente a comportamentos enganadores em relação ao dinheiro. A questão do roubo também foi abordada alegando razões morais reprovarem essa atitude.

Tarefa 2

História “EuRico e a porquinha Poupança” (1ª parte)

Como foi referido anteriormente, na apresentação da intervenção educativa, a abordagem à história “EuRico e a Porquinha Poupança” perspetivou-se no sentido de ressaltar a importância da poupança. O mesmo texto, numa fase posterior, foi também usado na vertente de interpretação e análise do seu conteúdo com o objetivo de articular o tema da investigação financeira com outras áreas curriculares. A história foi, assim, o ponto de partida para a abordagem a conteúdos gramaticais tais como: as funções sintáticas, nomeadamente a identificação do sujeito e predicado nas frases; os graus dos adjetivos e os tempos verbais através de outras tarefas que não estão diretamente relacionadas com o presente estudo.

Neste sentido, a abordagem ao tema da poupança iniciou-se com a projeção da capa da história. Os alunos leram o título, observaram a ilustração e foram surgindo opiniões sobre o que iam ler:

Aluno 13: É a história de um menino, que tem uma porquinha.

Aluno 1: A história deve ser numa quinta com animais.

Aluno 6: Também deve ser sobre poupança porque é o que diz ali... e aparece uma moeda no chão.

Aquando do reconto da história notou-se que os alunos destacavam a importância da personagem principal alimentar o seu animal. Vários alunos referiram o valor dos grãos no crescimento forte da porquinha.

Professora: como é que o Eurico conseguiu que a porquinha Poupança crescesse e se tornasse numa porquinha cada vez mais forte?

Aluno 13: O Eurico gostava muito dela e por isso guardava todos os grãos que encontrava. Assim ela cresceu muito porque comia muito.

Aluno 8: O Eurico consegui que a porquinha crescesse alimentando-a com os grãos.

Aluno 12: Ele conseguiu que a porquinha crescesse e ficasse cada dia mais forte apanhando grão a grão e também seguindo os conselhos do pai.

Aluno 3: Ele conseguiu alimentá-la de grão em grão.

Professora: Estas respostas até me fazem lembrar um provérbio popular. Alguém se lembra qual é?

Aluno 13: É o: grão a grão enche a galinha o papo.

Professora: E isso o que significa?

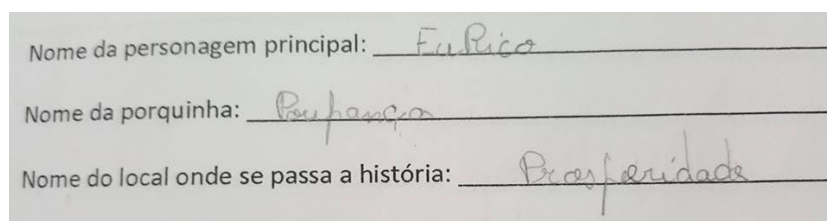
Aluno 13: Os grãos são os bocadinhos que nos conseguimos guardar, quando conseguimos guardar muitos bocadinhos ficamos com um monte maior.

Professor: Como podemos relacionar a atitude do Eurico com a atitude que podemos ter em relação ao dinheiro?

Aluno 16: Sim. O Eurico guardou todos os grãos para a porquinha para que ela cresce... nós também temos que guardar o dinheiro.

Aluno 11: Sim se guardarmos o dinheiro estamos a poupar e o peteiro vai ficando mais cheio, depois já temos mais dinheiro.

Seguiram-se algumas questões em que os alunos tiveram que responder por escrito. A primeira pedia que identificassem o nome da personagem principal (Eurico), o nome da porquinha (Poupança) e o nome do local onde se passou a história (Prosperidade). Num segundo momento, propôs-se relacionar esses três nomes. Depois de procurarem no texto todos os alunos conseguiram alcançar as respostas pretendidas.



Nome da personagem principal: Eurico

Nome da porquinha: Poupança

Nome do local onde se passa a história: Prosperidade

Figura 16 - Resposta do aluno 1 sobre a tarefa 2

No momento de relacionar os três nomes surgiram mais dificuldades para os alunos. A primeira dificuldade foi o significado da palavra prosperidade e a segunda foi a de, por escrito, conseguir relacionar as três palavras. Os alunos utilizaram o dicionário para se esclarecerem em relação ao significado da palavra referida para depois construírem uma justificação para a pergunta. Não foi muito fácil conseguir chegar ao objetivo e nem todos conseguiram, no entanto, surgiram respostas significativas.

Eu Rico é riqueza, poupança é poupar,
prosperidade é abundância então estas duas
palavras relacionam-se com o dinheiro.

Figura 17 - Resposta do aluno 8 sobre a tarefa 2

Eu Rico, Poupança e prosperidade relaciona-se
tudo com o dinheiro. Eu Rico ^{parece que} quer dizer que eu
sou rico. Poupança pode ser de poupar dinheiro e prospe-
ridade ^{podem} querer dizer riqueza. Por isso o relacionamento
com a poupança é a prosperidade. É que a poupança
Lê as frases: tem que atingir a prosperidade.

Figura 18 - Resposta do aluno 7 sobre a tarefa 2

A relação entre o nome Eu Rico, o nome Poupança
e o sítio da prosperidade tem tudo a ver com a palavra
dinheiro porque para o ganhar e para se poupar prosperidade Eu Rico
tem a haver com o dinheiro porque tem a haver com a riqueza.

Figura 19 - Resposta do aluno 19 sobre a tarefa 2

Os alunos expuseram as suas respostas e estas foram as respostas mais elaboradas e mais aproximadas ao que se pretendia: Eu Rico aponta para a riqueza e a palavra Prosperidade para o Estado de abundância, acumulação de bens que sugere fartura e tudo isso pode ser alcançado com a poupança. Esta ideia, que é através da poupança que se alcançam os objetivos, é fundamental ser desenvolvida logo desde tenras idades. Um dos objetivos deste estudo era desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança. E esta tarefa foi o ponto de partida para desenvolver uma das categorias de análise: a importância da poupança. Com esta história os alunos identificaram que definir objetivos e ter uma preocupação de poupar são fundamentais para se poderem realizar sonhos. Embora na primeira parte da História o Eu Rico ainda não tenha conseguido atingir o objetivo que tinha primeiramente, esta personagem conseguiu atingir outro objetivo, o de conseguir fazer crescer a sua porquinha. Os alunos perceberam que o presente dos seus pais (a porquinha Poupança) tinha o objetivo de o ensinar a poupar e que poupar era o meio de se atingir todos os sonhos.

Para concluir, os alunos escreveram um pequeno texto onde evidenciavam a importância da poupança e salientam motivos que revelam o seu valor. Como foi referido na

revisão teórica deste estudo, a Caixa Geral de Depósitos (Marques, 2014) defende que existem três grandes motivos para que os consumidores efetuem poupanças e os alunos conseguiram identificar essas três razões: poupar para fazer face a situações imprevistas do dia a dia; poupar para acautelar o futuro e poupar para que seja possível a realização de sonhos que envolvam dinheiro. No seguinte quadro apresenta-se as frases dos alunos que revelam motivos para a importância da poupança.

Quadro 6 - Motivos dos alunos para a importância da poupança

Motivos da importância da poupança	Expressões dos participantes
Poupar para fazer face a situações imprevistas do dia a dia	<p>A poupança é importante porque (...) se ficarmos desempregados ou se não tivermos dinheiro temos a nossa poupança.</p> <p>Se não pouparmos um dia que precisamos não temos dinheiro.</p> <p>Não devemos gastar o que não temos.</p> <p>É importante poupar porque se gastarmos o dinheiro todo, depois não temos.</p> <p>Eu acho que poupar é importante para podermos ter algumas reservas de dinheiro para alguma necessidade urgente.</p> <p>A importância de poupar é para quando ... podemos ter algum problema e dar esse dinheiro, como por exemplo: bater com o carro e ter que pagar o arranjo.</p> <p>A importância de poupar é para nós podermos viver e poder ter habitação, alimentação, higiene, e outras mais coisas.</p> <p>Se pouparmos o nosso dinheiro poderá fazer falta para algo que precisamos e essencial.</p> <p>A importância da poupança é muita porque se um dia tivermos uma despesa grande podemos pagá-la facilmente com essa poupança guardada.</p> <p>Se não dermos importância a poupar dinheiro a certa altura não vamos ter dinheiro para alguns bens essenciais.</p> <p>Temos que juntar dinheiro para as despesas domésticas.</p>
Poupar para acautelar o futuro	<p>Temos de poupar para quando formos com mais idade ter dinheiro para gastar.</p> <p>Nós não só podemos poupar dinheiro como também água e energia e outras coisas.</p> <p>Devemos poupar todo o dinheiro que podemos para um dia se ter uma poupança que nos permita viver bem.</p> <p>É importante poupar dinheiro para termos um futuro melhor.</p> <p>Se economizarmos energia, também estamos a poupar dinheiro e o meio ambiente.</p> <p>A importância de poupar é para quando formos maiores.</p> <p>Temos de poupar porque não sabemos o nosso futuro.</p> <p>Se não pouparmos também estamos arruinados, poupar é bom porque quando formos grandes temos de ter a nossa independência.</p>

<p>Poupar para que seja possível a realização de sonhos que envolvam dinheiro</p>	<p>A importância de poupar é muita porque se pouparmos podemos comprar muitas coisas como por exemplo: GTA5, filme da velocidade furiosa, pc's tablets casa, etc.</p> <p>Nós devemos poupar para os bens essenciais, só devemos gastar um bocado para os bens supérfluos.</p> <p>Só devemos comprar bens supérfluos quando precisamos.</p> <p>Também é importante poupar para aquela compra que desejamos.</p> <p>Se pouparmos teremos dinheiro suficiente para o que queremos ter.</p> <p>É importante poupar porque ... quando tiverem muita quantidade de dinheiro gastam numa coisa que elas querem, mas que não é essencial.</p> <p>Nos devemos poupar porque assim quando tivermos alguma coisa que queremos comprar porque queremos muito ou precisamos temos sempre o dinheiro que nós poupámos ao longo do tempo.</p>
---	--

Através da exploração e análise dos textos dos participantes é visível que compreenderam a importância da poupança e sem lhe ser adiantado antecipadamente os três motivos os alunos conseguiram evidenciá-los. Com esta tarefa os alunos evidenciaram alargar o conhecimento do léxico e usá-lo convenientemente. Desconheciam a palavra supérfluo na primeira atividade e nesta já a utilizaram convenientemente, assim como empregaram a palavra despesa de forma adequada.

Um dos objetivos foi desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança. Neste sentido esta proposta teve como objetivo abordar de forma específica a importância de desenvolver hábitos de poupança através da abordagem aos motivos pelos quais devemos poupar. Foi muito enriquecedor verificar através da leitura e análise dos textos em grande grupo que podemos poupar por diferentes motivos e com diferentes objetivos.

Tarefa 3

Guito: gerir e poupar

A tarefa iniciou-se com a retoma do tema da poupança, e para aprendermos a poupar também é necessário ter conhecimentos sobre a moeda e como se deve utilizá-la. Inicialmente foram colocadas como ponto de partida 4 questões aos alunos, que foram sendo respondidas ao longo da sessão:

5. Qual é a moeda oficial de Portugal?
6. Ao longo da História o meio de pagamento foi sempre o mesmo e a moeda a mesma?
7. Que outros países têm a mesma moeda?
8. Que países têm moedas diferentes?

As perguntas foram lidas uma a uma e os alunos tentaram responder. Relativamente à primeira pergunta “Qual é a moeda oficial de Portugal?” as respostas foram unânimes ao responder o euro. Quando questionados sobre países que tem a mesma moeda e moedas diferentes as respostas foram mais divergentes. Apenas alguns alunos afirmavam com rigor respostas corretas.

Aluno 13: Eu tenho família na Alemanha e lá também é Euro.

Aluno 6: Na Espanha também sei que é.

Professora: E algum país com outra moeda oficial?

Aluno 9: No Brasil é o real.

Professora: E exemplos de países na Europa com outra moeda oficial? (surgiram algumas respostas erradas porque os alunos não tinham grandes conhecimentos a esse nível.)

No que refere à segunda questão “Será que ao longo da História o meio de pagamento foi sempre o mesmo e a moeda a mesma?” os alunos conseguiram identificar o escudo como moeda anterior ao euro. No entanto, não conseguiram responder se ao longo da história o meio de pagamento foi sempre o mesmo.

Aluno 13: Antigamente usavam-se outras moedas, umas moedas velhas. Acho que o meu avô ainda tem algumas.

Aluno 6: Essas moedas são de coleção.

Professora: E qual é o nome da moeda que se usava em Portugal antes do Euro? (depois de algumas hesitações o aluno 13 lembrou-se que era o escudo. A partir daí outros alunos reconheceram o escudo com moeda anterior à atual, mas já não tinham presente na sua memória o nome).

Estes foram os conhecimentos que os alunos demonstraram já ter sobre este assunto e que foi aprofundado em dois momentos. O primeiro com a abordagem à história do dinheiro num segundo momento com recurso a uma ferramenta digital “Guito – gerir e poupar” que contribuiu para que os alunos aprofundassem conhecimentos acerca dos países da Europa que têm ou não a mesma moeda oficial que Portugal e a importância de saber gerir o dinheiro.

A evolução histórica da moeda foi abordada com recurso à visualização do excerto do vídeo “As origens do sistema monetário atual”, que teve a duração de um minuto e trinta segundos onde se apresenta a história da origem do dinheiro. Foi colocada novamente a questão “Ao longo da História o meio de pagamento foi sempre o mesmo”

Aluno 15: Não, antigamente faziam-se trocas entre bens. Já me estou a lembrar, nós já tínhamos falado nisso. Por exemplo, se eu tinha uma coisa e precisava de outra trocava com alguém porque ainda não havia dinheiro.

Professora: Que tipo de coisas eram mais utilizadas para essas trocas diretas?

Aluno 9: O cacau e pedras preciosas como vimos no vídeo.

Aluno 15: Nós quando falamos nisso no outro ano também falamos no sal. E a palavra salário vem da palavra sal. Porque o sal também era muito trocado.

Foram visualizados alguns vídeos e realizados alguns jogos interativos que contribuíram para que o grupo descobrisse os países que têm a moeda oficial o euro, utilizando a sua projeção

no quadro interativo da sala. A ferramenta usada está dividida em cinco secções a explorar e que se intitulam como: O Euro: a nossa moeda; Países do Euro; Vamos aprender a gerir o dinheiro; Gere a tua semanada; e Sabes usar o dinheiro? No entanto, nesta tarefa só as três primeiras secções foram utilizadas atendendo ao tempo da investigação sendo, por isso, necessário seleccionar o que poderia ser mais pertinente para os alunos.



Figura 20 - Imagem ilustrativa da ferramenta digital: Guito – gerir e poupar

A imagem da primeira secção apresentada possibilitou aos alunos responder às primeiras duas questões. Em relação à descoberta dos países que também têm como moeda oficial o Euro foi realizado um jogo que tinha como ponto de partida a identificação desses países no mapa da Europa e posteriormente identificar se o mesmo usava o Euro como moeda oficial. À medida que se seleccionava um país em que considerassem que o euro era a moeda utilizada tentavam identificar o seu nome.

Para se obter a solução da resposta correta avançava-se no jogo. As respostas dadas pelo próprio jogo podiam ser de três tipos: quando os países pertenciam à União Europeia e à Zona Euro era indicado o nome do país e que o mesmo tem o Euro como moeda oficial; quando os países pertenciam à união, mas usavam outra moeda oficial a mesma era indicada; e, quando o país em causa estava fora da União Europeia essa era a resposta dada sem mencionar a moeda usada nem a referencia ao seu nome. Desta forma, a tarefa também se articulou com a área do Estudo do Meio pois tornou-se pertinente esclarecer a razão pelo qual o jogo fornecia os três tipos de resposta diferentes. A partir dessa necessidade foi importante planear a abordagem ao tema “Portugal na Europa e no Mundo” que consta no programa de Estudo do Meio (MEC,

2004), no 4º ano de escolaridade. Por essa razão, proporcionou-se a antecipação da sua exploração.

Foi visível que os alunos ainda não conheciam muito bem o mapa da Europa e este jogo contribuiu para que ficassem com uma visão mais ampla do mapa. Assim se obtiveram as respostas às perguntas número três e quatro propostas inicialmente.

Tarefa 4

Promoções na pizzeria

Uma pizza custa 13 Euros. A pizzeria tem duas promoções diferentes, uma às quartas-feiras outra às sextas-feiras. O senhor Zeca vai organizar uma festa e oferecer pizza aos amigos. Prevê comprar 4 pizzas. Para gastar o mínimo dinheiro possível em que dia deve realizar a festa. Quarta-feira ou sexta-feira?

Promoções:

Quarta-feira
Desconto de 2€ em cada pizza

Sexta-feira
Leve duas pizzas por 24€

Frequentemente os alunos são despertados para as promoções através de vários meios. As promoções são hoje em dia uma forma de chamar a atenção das pessoas e é por isso importante saber calcular o valor que se pode poupar em determinadas situações. No entanto, isso implica a realização de cálculos matemáticos para se poder optar pela opção mais vantajosa.

Cada aluno recebeu o enunciado e excecionando um dos alunos verificou-se dificuldade na interpretação do enunciado. Esta é uma dificuldade transversal aos alunos da turma e que em situações matemáticas ainda se torna mais evidente. O problema fornecia muitos dados e inicialmente foi complicado seleccionar os dados que interessavam para cada passo. A dificuldade de interpretar o enunciado na totalidade pode dificultar as opções dos alunos. No seguinte exemplo (aluno 23) o aluno só se fixou no valor em euros das promoções das pizzas e no número de pizzas que o sujeito pretendia comprar. Os restantes dados não foram tidos em conta e embora o aluno tenha acertado a resposta (a festa deve ser realizada na quarta feira), o aluno não percebeu o enunciado.

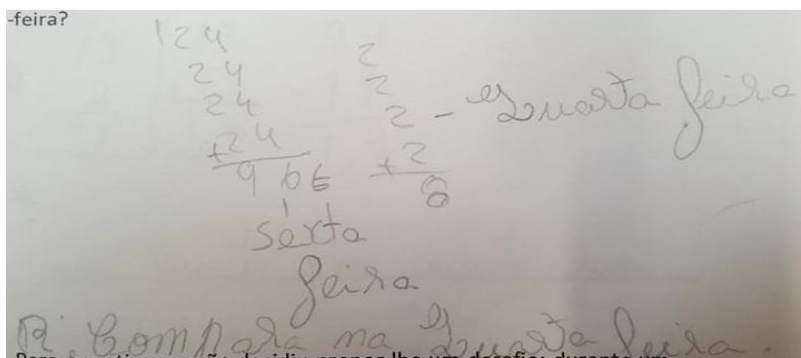


Figura 21 - Resolução da tarefa 4 do aluno 23

A interpretação dos enunciados é fundamental para estabelecer um raciocínio correto e a partir daí cada um enveredar por um método de resolução. No entanto, é preciso ler com atenção os problemas para depois os conseguir interpretar e no exemplo que se segue o aluno (aluno 4) conseguiu perceber e estabelecer o desconto realizado à quarta-feira em cada pizza (13-2=11), mas não teve em atenção o número de pizzas que o Sr. Zeca pretendia comprar. Em relação ao desconto de sexta-feira apenas se focou no preço referido na promoção (24€) e não teve em atenção que seria o preço de duas pizzas. Comparou depois o preço obtido nos dois dias e obteve uma resposta. Apesar da resposta (quarta-feira) estar correta o processo e o raciocínio não está.

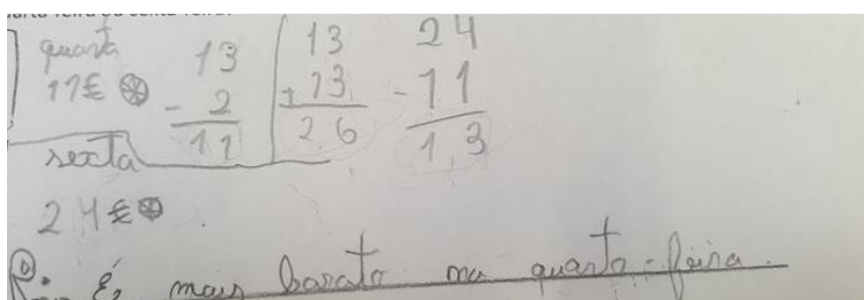


Figura 22 - Resolução da tarefa 4 do aluno 4

Estes dois exemplos mostram as dificuldades dos alunos na interpretação dos enunciados. Muitas vezes a dificuldade não se encontra na realização dos algoritmos, mas sim em conseguir perceber o que fazer com os dados revelados, de que este enunciado é um caso.

Para além das dificuldades verificadas na interpretação também foi notório as estratégias bem conseguidas para a realização da tarefa. Os alunos conseguiram alcançar a resposta correta através de diferentes estratégias que de certa forma evidenciam o seu raciocínio. O aluno 1 ao longo do período de intervenção no contexto revelou bastantes fragilidades na área da matemática optando por uma estratégia mais elementar na resolução do problema, efetuando apenas adições.

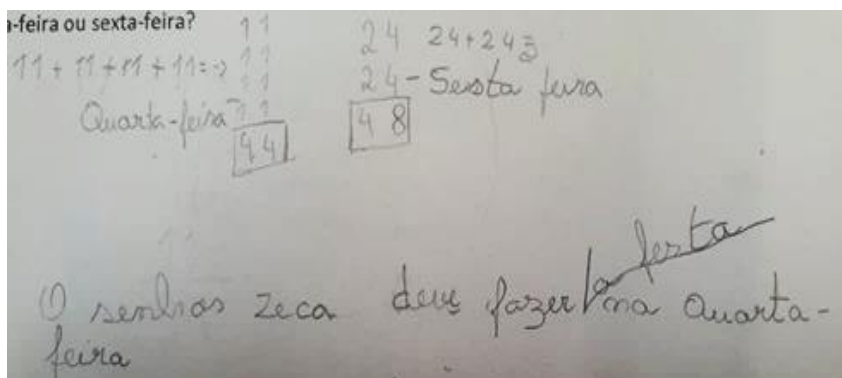


Figura 23 - Resolução da tarefa 4 do aluno 1

Outros alunos demonstraram mais destreza na manipulação dos dados surgindo novas formas de alcançar o resultado pretendido e utilizando diferentes operações aritméticas. O aluno 11 optou por obter o preço das pizzas à quarta-feira multiplicando o preço das pizzas sem desconto, depois multiplicar o desconto de 2€ em cada uma das pizzas e subtrair essa promoção ao preço inicial. Para alcançar o valor das quatro pizzas à sexta realizou a multiplicação do preço por dois, visto que 24€ ($24 \times 2 = 48$) dava direito a duas pizzas.

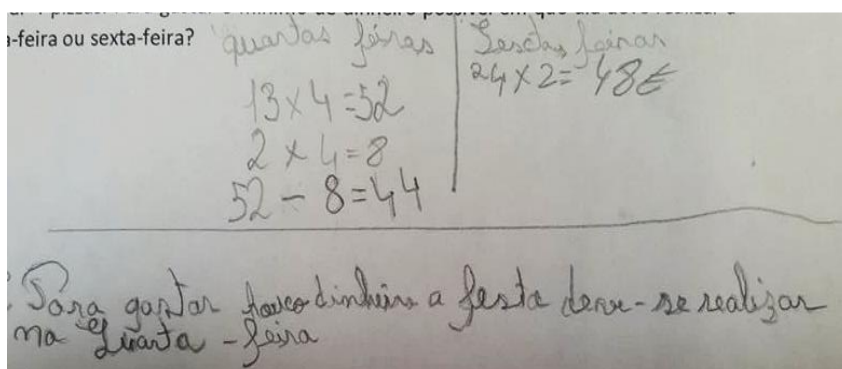


Figura 24 - Resolução da tarefa 4 do aluno 11

O aluno 16 e o aluno 8 optaram por outra estratégia para alcançar o resultado. Iniciaram por subtrair ao preço de uma pizza os 2€ de desconto e como se pretendiam quatro pizzas multiplicou por esse número. A estratégia da descoberta do valor a pagar por duas pizzas à sexta-feira foi a mesma que o exemplo anterior ($24 \times 2 = 48$ €) e de quase todos os alunos que conseguiram o resultado.

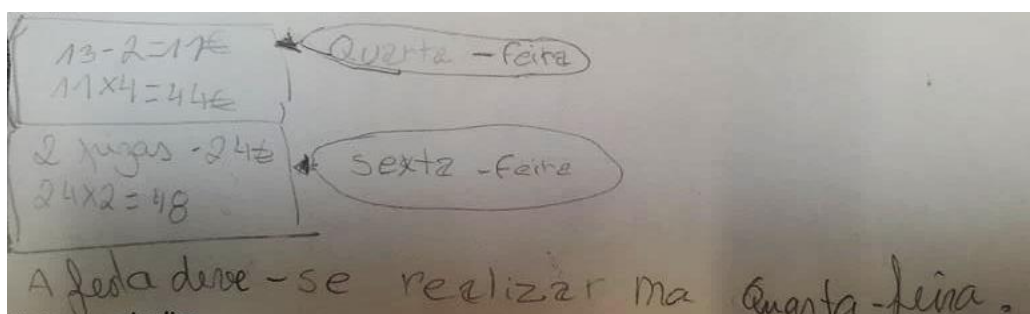


Figura 25- Resolução da Tarefa 4 do aluno 16

quarta-feira ou sexta-feira?

<p>quarta-feira</p> $\begin{array}{r} 13 \\ - 2 \\ \hline 11 \end{array}$ <p>$11 \times 4 = 44$</p>	<p>sexta-feira</p> $24 \times 2 = 48$
--	---------------------------------------

R.: Devia realizar a festa na quarta-feira.

Figura 26 - Resolução da tarefa 4 do aluno 8

Uma das dificuldades reveladas pelo grupo é o da interpretação de enunciados e a seleção dos dados relevantes para responder à questão. Esta dificuldade também foi notória nesta tarefa. No entanto, todos os alunos conseguiram concretizá-la. O facto de os alunos demonstrarem diferentes raciocínios para atingir o objetivo revela que há diferentes caminhos e todos corretos para alcançar a resposta. Este aspeto motiva os alunos a tentar novas estratégias.

Tarefa 5

O mealheiro que duplica

Imagina que decides poupar. Para te motivares decides guardar durante um ano, no final de cada mês, uma determinada quantia no mealheiro.

A. Se no final do 1º mês guardares no teu mealheiro 1 euro, e no final de cada um dos meses seguintes lá colocares um valor igual ao que ele tiver, quanto terás no fim do ano?

B. No final de que mês terás no mealheiro metade do valor que vais conseguir amealhar durante um ano. Em que mês isso aconteceu?

Este problema tem duas alíneas, na primeira (A) podemos verificar várias estratégias que são reflexo do raciocínio utilizado e na segunda alínea (B) os alunos resolveram o problema usando o algoritmo da divisão, mas surgindo algumas dificuldades.

Relativamente à alínea A. o aluno 4 optou por numerar os doze meses e escrever por baixo a quantidade em euros que teria que colocar em cada mês. Contudo, não conseguiu responder corretamente porque não completou a resposta do problema. Ao indicar o montante que colocou no mealheiro em cada mês esqueceu-se de calcular o total de dinheiro que teria ao fim de um ano, que era o que pedia o problema. Esta dificuldade foi transversal a praticamente metade da turma. Os alunos ao indicar o valor correspondente a cada mês associavam que o que colocavam no 12º mês seria a resposta ao problema.

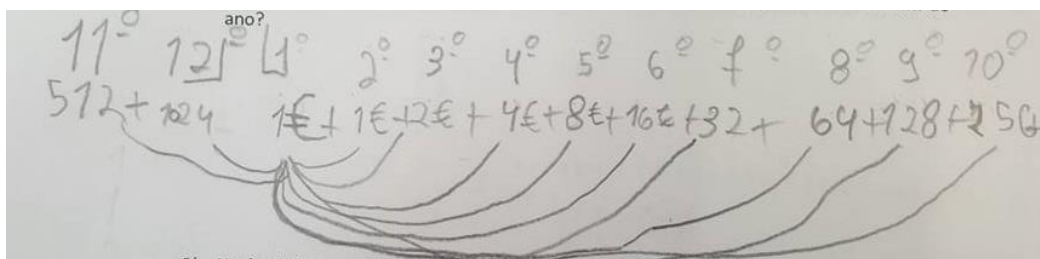


Figura 27 - Resolução da tarefa 5 do aluno 4

O aluno 8, seguiu-se pelo mesmo pensamento que o aluno 4, o de associar a cada mês o valor em euros do que teria que colocar dentro do mealheiro chegando ao 12º mês com o mesmo montante. No entanto, o seu pensamento foi mais completo porque percebeu que os 1204 € não era o valor que teria no fim do ano, mas sim apenas o que teria que colocar no ultimo mês. Multiplicou esse valor por dois e obteve a resposta ao problema. O facto de o aluno ter multiplicado por dois o montante que correspondia ao ultimo mês revela uma estratégia mais perspicaz para a resolução do problema. Por ter interpretado bem o problema percebeu que seria o dobro do dinheiro que obteria sem precisar somar todos os valores antecedentes.

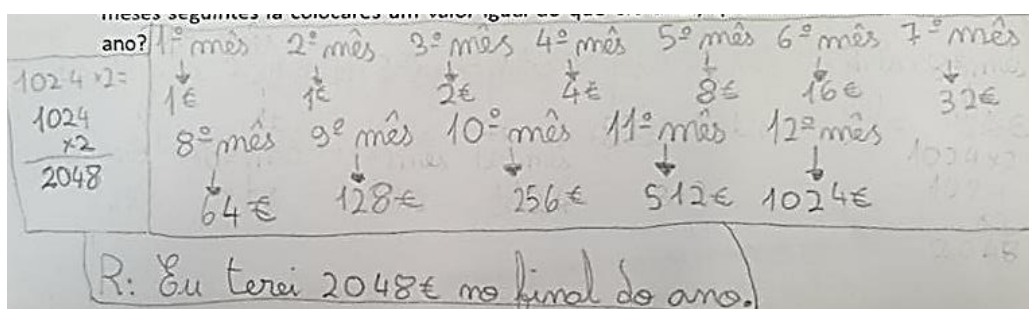


Figura 28 - Resolução da tarefa 5 do aluno 8

Por oposição ao exemplo anterior, o aluno 12 necessitou de valores correspondentes aos 12 meses para obter o resultado pretendido.

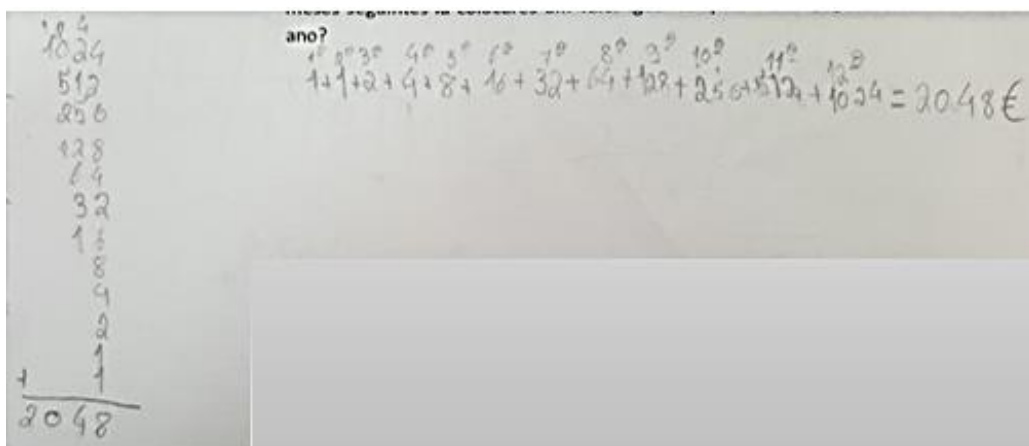


Figura 29 - Resolução da tarefa 5 do aluno 12

O aluno 11 optou por outra estratégia de resolução. Construiu uma tabela com os doze meses e ao contrário dos exemplos anteriores em que indicavam em cada mês o valor que

teriam que colocar no mealheiro, indicou o valor que consegue poupar em cada um dos meses. Mentalmente, porque não apresenta cálculos, duplicou o montante que tinha que guardar, chegando ao último mês com o valor do que conseguia guardar durante um ano.

10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	110	120
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60

Figura 30 - Resolução da tarefa 5 do aluno 11

É de salientar que por vezes os alunos enganaram-se nos cálculos, mas com a colaboração foram superadas. Foi vantajoso reparar que os alunos conseguiram resolver o problema de formas diversificadas e que a apresentação das diferentes estratégias esclarecia e alargava os conhecimentos do grupo.

Em relação à alínea B. todos os alunos revelaram a mesma estratégia para resolver a tarefa. Ao lerem o problema identificaram a palavra “metade” que sugeria para a divisão por 2. A dificuldade apresentada nesta tarefa foi a realização do algoritmo que ainda não estava bem consolidada por alguns dos alunos.

Nenhum dos alunos teve a iniciativa de mostrar através dos cálculos e da estratégia que tinha usado na alínea A qual o mês que apresentava metade de 2048€. Depois da correção em grande grupo do cálculo através do algoritmo. Para que não restassem dúvidas a professora questionou os alunos se não podiam ter indicado logo o mês sem ter recorrido à divisão.

Professora: Precisavam deste cálculo através do algoritmo para conseguir responder a esta questão? (os alunos inicialmente disseram que sim, só a partir da divisão por dois é que se pode saber qual era o mês)

Aluno 8: Afinal não. Porque na tabela que eu fiz em cima (alínea A) já sabia que o mês de dezembro era o dobro do mês de novembro. Logo já podia dizer que novembro era metade do mês de dezembro sem precisar fazer a conta.

Essa descoberta só foi feita depois de todos concluírem a resolução do problema através do algoritmo da divisão.

Tarefa 6

A nota de 100 €

Eu tenho uma nota de 100 euros. Como posso trocar o dinheiro que tenho utilizando todas as moedas e notas menores que a minha?

Com esta tarefa pretendia-se que os alunos fizessem a equivalência de uma nota de 100€, utilizando todas as notas e moedas a baixo desse valor.

O enunciado foi distribuído pelos alunos e cada um tentou resolver o problema efetuando os cálculos e os desenhos necessários à resolução. Nesta tarefa pretende-se analisar as estratégias utilizadas para a resolução dos problemas e as dificuldades dos alunos.

A maior dificuldade relacionou-se com a representação dos cêntimos. Alguns dos alunos representaram 1€ da mesma maneira que representavam 1 cêntimo, o que levava a grande dificuldade na realização do cálculo.

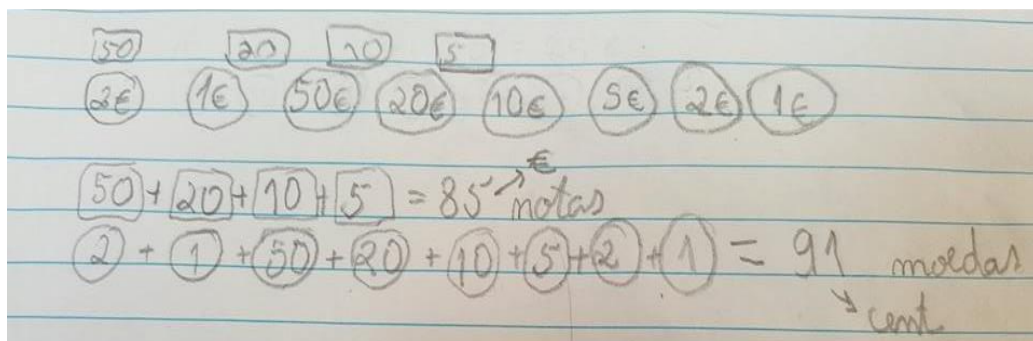


Figura 31 - Representação de moedas de cêntimo pelo aluno 1

Foi, então, necessário esclarecer em grande grupo a representação dos cêntimos.

Professora: Porque é importante representarmos corretamente os cêntimos?

Aluno 15: Porque se pusermos só 20 podem ser 20€ ou 20 cêntimos.

Professora: Porque 20 cêntimos se escreve assim: 0,20 (a professora escreveu no quadro)

Aluno 6: Porque é menor que 1€.

Professora: Vocês já sabem fazer leitura e escrita de números decimais, certo? Quando escrevemos um número decimal como chamamos ao número que é imediatamente a seguir à vírgula?

Alunos: Décima

Professora: E o número a seguir?

Alunos: Centésima e depois milésima.

Professora: Quantos cêntimos tem 1€?

Aluno 13: Tem 100 cêntimos.

Professora: Isso quer dizer que 1€ está dividido em 100 partes iguais. Se está dividido em centésimas quantos números depois da vírgula vamos precisar para representar os cêntimos?

Aluno 13: De dois números, o das décimas e das centésimas.

Professora: Como represento 50 cêntimos?

Aluno 20: Zero vírgula cinquenta.

Professora: E para representar 5 cêntimos?

Aluno 13: Zero vírgula zero cinco. Porque são cinco cêntimos. São zero décimas e cinco centésimas.

Professora: E se eu quiser somar 20€ mais 0,05€?

Aluno 13: Vinte vírgula zero cinco.

Professora: Quando queremos fazer o algoritmo com números decimais temos que ter as vírgulas alinhadas. Escrever um número inteiro, por exemplo 20, assim (20) ou assim (20,00) faz diferença?

Aluno 13: Não, porque só zeros depois da vírgula não contam.

Professora: Então quando eu estou a calcular com números decimais, sei que tenho que ter muito cuidado com as vírgulas e para que não haja dúvidas posso escrever por exemplo (e escreveu $20,00 + 0,05 = 20,05$ em algoritmo).

Depois da explicação em grande grupo de como se devem representar os cêntimos, os alunos continuaram a resolver o problema. Foi importante esclarecer este assunto pois, muitos

dos erros que estavam a surgir relacionavam-se com essa dificuldade. No entanto, outras dificuldades surgiram antes de finalmente se esclarecer as várias estratégias encontradas pelo grupo.

É frequente os alunos demonstrarem dificuldades na interpretação dos enunciados. Isso revelou-se num exemplo de tentativa de resolução por parte do aluno 16, que ao contrário do que era pedido, não utilizou todas as notas e moedas inferiores a 100€, mas apenas encontrou formas de trocar os 100€ não obedecendo à regra do enunciado.

Handwritten mathematical work by student 16 showing various combinations of 50, 20, 10, 5, and 1€ coins that sum to 100€:

$$50 + 50 = 100€$$

$$20 + 20 + 20 + 20 + 20 = 100€$$

$$50 + 20 + 10 + 20 = 100€$$

$$50 + 5 + 20 + 10 + 5 + 10 = 100€$$

$$0,20 + 0,50 + 0,50 + 0,50 + 50 + 20 + 10 + 5 + 5 + 5 + 0,50 + 0,50 + 0,50 + 0,50 + 0,50 + 0,20 + 0,20 + 0,20 = 100€$$

Figura 32 - Evidencia do aluno 16 na interpretação da tarefa 6

Para se solucionar esta questão pediu-se ao aluno para tornar a reler o enunciado com atenção para que conseguisse perceber porquê que a sua resposta não estava correta. Depois disso facilmente o aluno percebeu o que tinha que fazer. Noutros casos, a falta de organização dos dados que pretende utilizar fez com que o aluno se esquecesse de algum elemento. Foi o caso da resolução do aluno 6. Neste exemplo o aluno não utilizou a nota de 50€, nem as moedas de 0,50€, 0,20€ e 0,10€.

Handwritten mathematical work by student 6 showing calculations for 20, 10, 5, and 1€ coins, with some corrections and a final result of 68:

$$20 + 20 + 10 = 50 + 10 = 60 + 2 + 1 = 63 + 5 = 68$$

$$7 + 0,05 \times 100 = 5 + 0,02 \times 100 = 2 = 75$$

$$5 + 10 = 25 + 5 + 10 = 100$$

$$= 68$$

Figura 33 - Evidencia do aluno 6 na organização dos dados da tarefa 6

Esta tarefa era uma tarefa aberta, em que os alunos podiam encontrar mais do que uma solução para o problema. Foi importante verificar que os alunos encontraram diferentes estratégias para a resolução da tarefa. Alguns dos alunos optaram pelo cálculo mental outros pela resolução utilizando o algoritmo. O importante foi verificar as dificuldades dos alunos e conseguir dissipá-las através da partilha das várias estratégias alcançadas pelo grupo.

Um dos alunos (aluno 13), por se destacar na rapidez de raciocínio matemático acabou por realizar três soluções para o problema.

$$50+20+10+5+2+1+0,50+0,20+0,10+0,05+0,02+0,01=88,88+10=98,88+0,02=98,90+0,10=99,00+1=100,00$$

1 nota de 50€, 1 nota de 20€, 2 notas de 10€, 1 nota de 5€, 1 moeda de 2€, 2 moedas de 1€, 1 moeda de 50cen., 1 moeda de 20cen., 2 moedas de 10cen., 1 moeda de 5cen., 2 moedas de 2cen., e 1 moeda 1cen..

Figura 34 - Resolução nº1 do aluno 13 à tarefa 6

$$50+20+10+5+2+1+0,50+0,20+0,10+0,05+0,02+0,01=88,88+10=98,88+0,01=98,89+0,01=98,90+0,05=98,95+0,02=98,97+0,03=98,99+0,01=99,00+0,50=99,50+0,20=99,70+0,20=99,90+0,10=100,00$$

1 nota de 50€, 1 nota de 20€, 2 notas de 10€, 1 nota de 5€, 1 moeda de 2€, 1 moeda de 1€, 2 moedas de 50cen., 3 moedas de 20cen., 2 moedas de 10cen., 2 moedas de 5cen., 3 moedas de 2cen., 4 moedas de 1cen..

Figura 35 - Resolução nº2 do aluno 13 à tarefa 6

$$50+20+10+5+2+1+0,50+0,20+0,10+0,05+0,02+0,01=88,88+5=93,88+2=95,88+2=97,88+1=98,88+0,01=98,89+0,01=98,90+0,05=98,95+0,05=99,00+0,50=99,50+0,50=100,00$$

1 nota de 50€, 1 nota de 20€, 1 nota de 10€, 2 notas de 5€, 3 moedas de 2€, 2 moedas de 1€, 3 moedas de 50cen., 1 moeda de 20cen., 1 moeda de 10cen., 3 moedas de 5cen., 1 moeda de 2cen., e 3 moedas de 1cen..

Figura 36 - Resolução nº3 do aluno 13 à tarefa 6

Este aluno revela que compreendeu claramente como se pode realizar equivalência de uma nota de 100€ utilizando notas e moedas diferentes sem grande dificuldade. Note-se, ainda que o aluno também se revelou muito participativo no diálogo inicial o que evidencia uma compreensão eficiente e perspicaz do que era pretendido com a tarefa.

Para além desta proposta de resolução, outras foram apresentadas e em que se recorreu a outro tipo de estratégias. Esta foi a estratégia do aluno 18.

1 nota de 50€	50	90	99€
1 nota de 20€	20	+ 9	+ 1€
1 nota de 10€	10	99€	100€
1 nota de 5€	5		
1 moeda de 2€	+5	0,50 C	
1 moeda de 1€	+90	0,20 C	
1 moeda de 50 Centimos	2	0,10 C	
1 moeda de 20 Centimos	2	0,05 C	
1 moeda de 10 Centimos	1	0,02 C	
1 moeda de 5 Centimos	1	0,01 C	
1 moeda de 2 Centimos	+1	0,02 C	
1 moeda de 1 Centimo	+9	0,10	
		1,00	

Figura 37 - Resolução do aluno 18 à tarefa 6

Na generalidade os alunos optaram por calcular o valor alcançado com a soma das notas ($50+20+10+5=85€$), calcular a soma do valor das moedas ($2+1+0.5+0.2+0.10+0.05+0.02+0.01=3,88$) e depois selecionar algumas das moedas de forma a que a sua soma fosse 11,12€.

Esta foi a estratégia do aluno 14.

50 + 20 + 10 + 5 = 85€		1 + 2 = 3		1 + 2 = 3,88€	
notas:		moedas		moedas	
50	0,50	1	1	2	2
20	0,20	2	2	3	3
10	0,10	3	3	3	3
+ 5	0,05				
85	+ 0,88				
	90,88				

50 euros	
20 euros	
10 euros	
5 euros	
0,1 centimos	
0,2 centimos	→ 3,88€
0,5 centimos	
0,10 centimos	
0,50 centimos	
1 euro	
2 euros	
10 euros	
1 euro	
0,10 centimos	
0,02 centimo	

Figura 38 - Resolução do aluno 14 à tarefa 6

Tarefa 7

Vou atingir o meu objetivo

Como foi salientado no capítulo da revisão da literatura existem três grandes motivos que revelam a importância dos consumidores realizarem poupanças. É imprescindível que se efetuem poupanças para fazer face a situações imprevistas do dia a dia; para acautelar o futuro e para que seja possível a realização de sonhos que envolvam dinheiro (Marques, 2014). Poupar não tem que estar associado a uma ideia negativa, mas pode estar relacionada com a motivação de concretizar um objetivo. Esta tarefa pretendeu, isso mesmo, que os alunos percebessem a importância da poupança, não só para solucionar situações imprevistas que se

relacionem com bens essenciais e acautelar o futuro, bem como a sua relevância para concretizarem objetivos, sonhos e desejos que dependam da sua condição financeira.

Neste sentido, foi pedido previamente aos alunos que escolhessem algo (algum objeto, algum bem) que gostassem de ter, um sonho que gostassem de concretizar e que pesquisassem em casa o preço dele. Depois dessa pesquisa houve um momento em grande grupo de partilha das suas opções. pretendendo relacionar os diferentes valores dos objetos, perceber de que tipo de bens se tratava, no que diz respeito à sua necessidade, que benefício lhes traria, mas acima de tudo o que teriam que fazer para o conseguirem, salientando a importância da poupança.

Os desejos dos alunos relacionaram-se, na sua esmagadora maioria, com os sonhos de adquirirem bens relacionados com as novas tecnologias. A aquisição de um telemóvel foi a escolha maioritária dos participantes. Sete alunos revelaram o sonho de comprarem um telemóvel, seguido de cinco alunos que revelaram a vontade de ter um computador, quatro queriam um vídeo jogo, dois, uma playstation, um, uma câmara de filmar e outro uma televisão. Três alunos demonstraram ter o sonho de ter um animal de estimação. Os alunos chegaram à conclusão que estes bens não eram bens de primeira necessidade, no entanto, era um desejo que cada um gostava de ver realizado.

Aluno 13: Não são bens essenciais, porque se não os tivemos até agora é porque conseguimos viver sem eles. Mas eu gostava de ter um computador.

Professora: E o que precisas para conseguir o teu objetivo?

Aluno 13: Juntar dinheiro.

Professora: Então precisas poupar.

Aluna 13: E é preciso poupar muito dinheiro porque um computador é uma coisa cara.

Posteriormente foi distribuído aos alunos uma folha onde tiveram que escrever individualmente o objeto que escolheram, o preço que pesquisaram, as tarefas que poderiam realizar a fim de obterem rendimentos e por último preverem o tempo que demorariam a poupar para alcançar o objetivo.

O que gostava e comprar (objetivo)

Qual o preço? _____

Como posso poupar esse dinheiro?

Fontes de rendimento	Rendimentos

Quanto tempo preciso poupar para conseguir o meu objetivo?

Figura 39 - Recurso utilizado para a tarefa 7

Todos os alunos pesquisaram o preço do bem que desejavam alcançar e compreenderam o que significavam as palavras “fontes de rendimento” e “rendimento”. Com facilidade enumeraram tarefas que podiam realizar para alcançar rendimentos e datas comemorativas onde já é habito receberem dinheiro dos familiares. O aspeto que se revelou de maior dificuldade foi o cálculo do período temporal durante o qual necessitavam poupar para atingir o objetivo.

Os alunos identificaram várias tarefas que podiam realizar no seu quotidiano e na qual poderiam, eventualmente, receber algum contributo imaginando um montante que poderiam receber por cada tarefa. Todos os alunos identificaram diferentes fontes de rendimento e avaliaram o montante que podiam arrecadar com a sua realização. Segue-se o exemplo do aluno 7, que identificou várias fontes de rendimento e o seu valor.

O que gostava de comprar (objetivo)?
 Samsung Galaxy Note 4 preto livre.

Qual o preço? 415,00€

Como posso poupar esse dinheiro?

Fontes de rendimento	Rendimento
Festa de Natal	50€
Festa de Páscoa	100€
Festa da Passagem de Ano	50€
Todos os meses fazer a cama	2€
Ajudar a fazer a comida	2€
Plantar heras matas	5€
Fazer a cama	1€
Deixar a mesa	2€
No meu aniversário	50€
Limpar a casa	5€
Ajudar a dar banho do meu cão	5€
Todos os meses aspirar a casa	5€
Todos os meses a lavar a chão	5€
Todos os meses passear o cão	2€

Figura 40 - Identificação das fontes de rendimento e respetivo valor pelo aluno 8

A maior dificuldade surgiu no momento em que foi proposto aos alunos calcular o período temporal necessário para conseguir poupar o dinheiro no valor dos bens que cada um definiu como objetivo. Alguns dos alunos conseguiram chegar a uma resposta assumindo que o rendimento que conseguiram através das várias fontes derivou de acontecimentos que se realizaram durante um ano e, por isso, bastava adicionar os seus valores para determinar o montante que conseguiam no período de um ano. Caso a soma das parcelas fosse igual ou superior ao preço do objetivo que o aluno definiu, um ano, seria o tempo necessário para conseguir amealhar o dinheiro, mencionando o que sobrava. Caso a soma das parcelas fosse inferior, o aluno adicionava pelo número de anos até atingir o valor pretendido.

No exemplo que se segue, do aluno 8, está visível essa mesma estratégia de se focar no dinheiro que consegue amealhar num período de um ano. Demonstrou, ainda, compreender que quando refere nas fontes de rendimento que o valor é mensal não se pode esquecer que tem que calcular o rendimento pelos doze meses do ano. Este aluno revela esse raciocínio nos cálculos apresentados, visto que as três últimas parcelas que adicionou à operação já são o cálculo dos rendimentos pelos doze meses do ano, uma vez que são tarefas mensais (exemplo: “todos os meses aspirar a casa 5€”, $12 \times 5 = 60$).

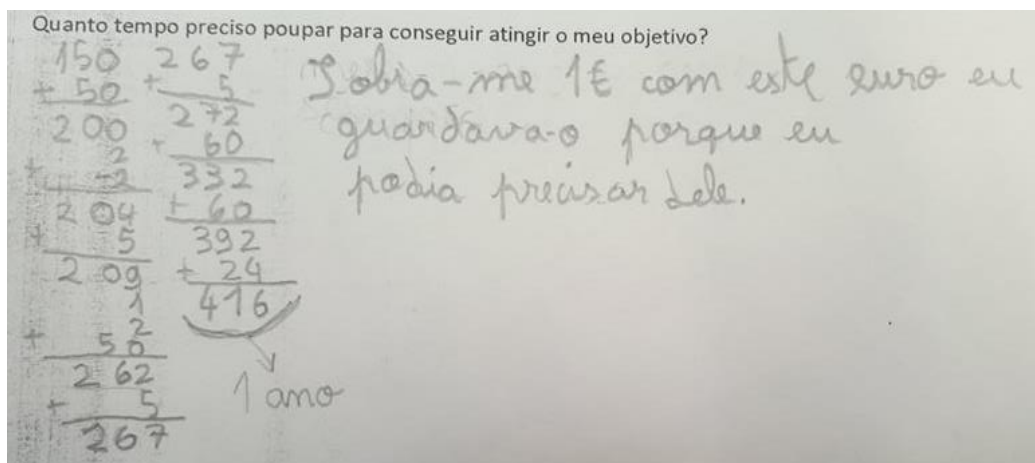


Figura 41 - cálculo do tempo que é necessário poupar para conseguir o objetivo pelo aluno 8

O aluno 7, pretendia poupar para conseguir comprar um computador no valor de 795,50€ e também seguiu pela mesma linha de pensamento, utilizando o período de um ano para conseguir o objetivo. No entanto, não selecionou fontes de rendimento periódicas (como no caso anterior, em que havia rendimentos mensais) optando por demonstrar que teria que repetir tarefas ao longo do ano no sentido de amearhar mais dinheiro, o que é visível nos cálculos apresentados e também na resposta que o aluno redige, salientando quais as tarefas que não vai repetir. Por outro lado, o aluno, não identificou quantas vezes repetiu cada tarefa o que pode dificultar a sua compreensão uma vez que há tarefas com o mesmo valor de rendimento como se pode verificar na seguinte figura.

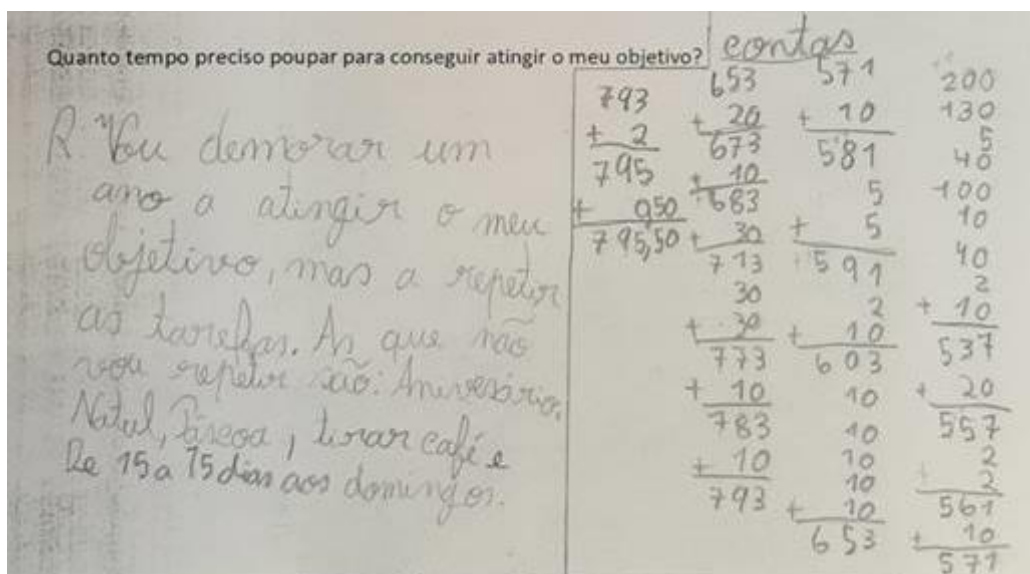


Figura 42 - Cálculo do tempo que é necessário poupar para atingir o objetivo pelo aluno 7

O exemplo do aluno 10 revela o mesmo pensamento do que consegue poupar no período de um ano. No entanto, mostra de forma mais objetiva as tarefas, o número de vezes que as repete e o rendimento que consegue obter com as repetições.

O que gostava de comprar (objetivo)?
 O que eu gostava de ter é camera de filmar.

Qual o preço? 219,99.

Como posso poupar esse dinheiro?

Fontes de rendimento	Rendimento
aspirar a questao seguinte emuita mais	2€ por semana
lavar o carro	10€ por mês 4
limpar o pó	1€ por semana
ajudar a avó a cultivar a hort.	2€ por semana
lavar o chão	1€ por semana
lavar a roupa	2€ por semana
ajudar a fazer o trabalho para a lera	4€ por semana
lista de aniversário	50€ por ano 4
dia da mãe	1€ por ano 1
dia do pai	1€ por ano 1
Natal	40€ por ano 1
Dia de criança	40€ por ano 1
Total	220

Vou precisar 1 ano

8
 40
 4
 8
 4
 8
 16
 50
 1
 1
 40
 40
 220

Figura 43 - Resolução do aluno 10 à tarefa 7

O aluno 19 optou por outra estratégia, enunciou as fontes de rendimento, o valor do rendimento, calculou o valor em função do número de vezes que tinha que repetir a tarefa e ainda adicionou como fonte de rendimento os 8€ que tinha no mealheiro, revelando já a preocupação de poupar. Na altura de prever o tempo que necessitava para conseguir atingir o valor pretendido, os seus cálculos revelam que pensou que cada rendimento seria obtido em dias diferentes. Calculou em dias as quatro semanas que mencionou em duas fontes de rendimento e adicionou os restantes dias das restantes fontes de rendimento, obtendo um total de 38 dias para conseguir amealhar o dinheiro para a compra do telemóvel. O dinheiro que conseguiu poupar foi superior ao que necessitava para o objeto em causa e seria interessante propor ao aluno que tentasse calcular apenas o tempo necessário para conseguir o dinheiro do valor do objeto. O aluno calculou amealhar 73€ em 38 dias mas só precisava de 60,98€, e uma vez que todos os valores de rendimentos de cada fonte eram inferiores a essa diferença ($73 - 60,98 = 12,02$) poderia conseguir o resultado em menos tempo.

O que gostava de comprar (objetivo)?
 Gostava de comprar um Samsung galaxy trend lite.

Qual o preço? O preço é "60,98€"

Como posso poupar esse dinheiro?

Fontes de rendimento	Rendimento
Trabalhar as semanas tempo a pé	4€ por semana (2) = 8€
Dia do meu aniversário	10€ = 10€ (1)
Presentes + notas	10€ = 10€ (1)
Fazer compras na casa dos meus avós	2€ por dia (2) = 4€
Limpar o pé à minha avó	2€ por semana (2) = 4€
Guardar o meu avô	1€ por dia (2) = 2€
Ajudar na horta	5€ = 5€ (1)
Presentes a casa	10€ = 10€ (1)
Finalizar	2€ = 2€

Quanto tempo preciso poupar para conseguir atingir o meu objetivo?

7
 x 2
 14
 + 14
 28

28
 1
 1
 3
 2
 1
 + 2
 38 dias

R. É preciso poupar durante 28 dias.

Figura 44 - Resolução do aluno 19 à tarefa 7

O aluno 12 realizou a tarefa através de diferente forma, identificou apenas o rendimento que conseguia alcançar em três datas comemorativas em que recebia contribuições dos familiares. A primeira na sua data de aniversário (27 de março) e a última no natal.

O que gostava de comprar (objetivo)?
 Um Samsung galaxy S6.

Qual o preço? 534,99

Como posso poupar esse dinheiro?

Fontes de rendimento	Rendimento
27 de Março	100€
1º	200€
3º	200€

Figura 45 - Identificação das fontes de rendimento e respetivo valor pelo aluno 12

Para calcular o tempo que demoraria a conseguir amealhar o valor pretendido para um telemóvel (534,99€) identificou quantos dias tem cada mês entre abril e novembro (8 meses) e

os dias entre 27 de março e o fim desse mês (4 dias) mais os 25 dias do mês de dezembro (até ao natal). Este aluno foi o único que sugeriu ainda que não tem apenas rendimentos, mas também tem despesas e é por isso importante mencioná-las quando pretendemos poupar. Mencionou as suas fontes de despesa (apesar de indicar apenas que contou com um mês de despesas) e o que sobrou da sua poupança de 8 meses e 29 dias.

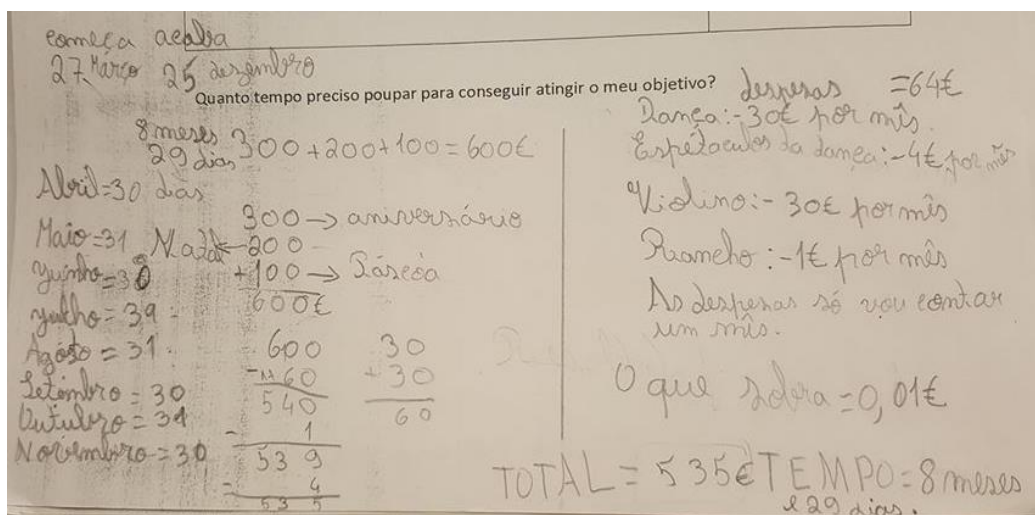


Figura 46 - Cálculo do tempo que é necessário poupar para atingir o objetivo pelo aluno 12

Nove dos vinte e três alunos tiveram mais dificuldade em realizar a tarefa. Uma das dificuldades foi compreenderem que há fontes de rendimento que acontecem apenas uma vez no ano numa data específica (por exemplo o natal) e que há um período de tempo entre essas datas (exemplo a páscoa). A maior dificuldade foi realizarem os cálculos sem misturar os rendimentos semanais mensais ou anuais. Ou seja, se o aluno pretender calcular o tempo em semanas, terá que converter os seus rendimentos todos calculados à semana e multiplicar pelo número de semanas que lhe conceda a obtenção do valor que pretende. Um dos exemplos é a resolução do aluno 14. Este aluno menciona as suas fontes de rendimento, o respetivo montante e com que frequência (exemplo: “dar banho ao meu cão – 10€ uma vez por semana”; “lavar a louça – 5€ por dia”; “arrumar o meu quarto – 10€ por mês”), mas no momento de calcular o tempo necessário para obter o rendimento que pretende, surgiram erros e dificuldades porque o aluno apenas adicionou o montante que tinha escrito.

Fontes de rendimento	Rendimento
Todos as semanas tirar o carro	10€
Festa de aniversário (mãe)	75€
Festa de Natal	85€
Todos as semanas tirar o café	4€
Guardar 5 ou 4 no teste	10€
Fazer o carro 10-15 dias	2€ por semana
Dar banho ao meu cão	10€ por semana
Ajudar a limpar o carro do meu cão	5€ por semana
Arrumar o meu quarto	10€ por mês
Lavar a louça	5€ por dia
Arrumar a gata gem	por mês 30€

Quanto tempo preciso poupar para conseguir atingir o meu objetivo?

1 de setembro

25 de dezembro

Setembro, outubro, novembro, dezembro,

at	30
	75
	85
	4
	10
	2
	10
	5
	10
	+ 50
	261

R.: Atesiso de ~~10~~ 3 meses e 25 dias porque quero

Figura 47 - Resolução do aluno 14 à tarefa 7

A grande dificuldade revelada pelos alunos deveu-se a esta questão dos cálculos tendo em conta o seu rendimento em dias, semanas, meses ou anos. Refletindo, agora, sobre a atividade, seria mais adequado a professora ter definido com os alunos, logo no início, em que período de tempo iriam calcular os rendimentos. Só depois partir para o cálculo dos meses e posteriormente, para o cálculo dos anos.

Sendo esta uma tarefa aberta em que cada um dos alunos escolheu um bem que gostasse de poder adquirir, e se obtiveram valores bastante diversificados, trabalhar com a turma a questão do tempo que cada um demoraria a atingir o objetivo foi uma tarefa exigente. E apesar das explicações ao longo da tarefa, em relação à importância de identificarem qual o rendimento de cada fonte, tendo em conta o número de vezes em que obtinham esse rendimento os alunos tiveram dificuldade de separar o rendimento diário, do semanal, mensal ou esporádico (por exemplo o rendimento que obtêm no aniversário). Esta foi a maior

dificuldade para a realização da tarefa na sua totalidade. Refletindo sobre esta experiência, uma das possibilidades seria a proposta ser colocada através de uma indicação específica, pedindo por exemplo o rendimento semanal a cada aluno e só posteriormente cada aluno multiplicaria o rendimento que conseguia alcançar pelas semanas que precisasse para obter o montante necessário.

Embora se tenham constatado alguns obstáculos na realização desta tarefa e inicialmente quase todos os alunos tivessem tido dificuldades em perceber que se colocavam um rendimento como semanal tinham que calcular o valor dessas semanas, no final da tarefa 19 dos alunos conseguiram concretizá-la e através de diferentes estratégias, alcançando uma resposta. Quatro alunos não acabaram a tarefa por ainda confundirem os rendimentos diários, semanais ou outros.

Tarefa 8

História “EuRico e a porquinha Poupança” (2ª parte)

A última tarefa foi a abordagem à segunda parte da história “EuRico e a porquinha Poupança (Anexo 6). Esta parte da história remete para o tema Ética e o objetivo de compreender a importância da ética nas questões financeiras do REF. É crucial que os alunos desde muito cedo percebam a gravidade inerente a um comportamento enganador ou fraudulento nas questões financeiras para perceberem os comportamentos corretos e incorretos relacionados com o dinheiro.

Nesta tarefa pretendeu-se exatamente que os participantes se pronunciassem acerca de uma atitude incorreta por parte de uma personagem da história. Os alunos começaram por ler a primeira parte do texto abordado na primeira tarefa desta proposta didática e assim concluir a obra, lendo-a na íntegra para terem presente todos os seus momentos.

Depois disso, cada aluno escreveu um pequeno texto individual em que explicasse a sua opinião acerca do comportamento daquela personagem na história. E todos os alunos identificaram a sua atitude como incorreta alegando motivos morais e legais no que diz respeito à sua conduta. Em termos estatísticos foram mais os alunos que argumentaram apenas com motivos de índole moral, cerca de 60,9% (um total de 14 alunos). Os restantes 39,1% (nove alunos) salientaram ainda consequências legais que podem advir de comportamentos incorretos.

A seguinte tabela revela os motivos morais e legais que os alunos escreveram para sustentar que a atitude da personagem da história foi incorreta.

Quadro 7 - Opiniões dos alunos sobre a atitude de uma personagem da história

<p>Motivos morais</p>	<p>“Eu acho que o comportamento do malfeitor é incorreto porque roubar é mau porque aqueles objetos ou outras coisas podem ser importantes ou especiais, como a Poupança era especial e importante para a família.”</p> <p>“Eu não concordo com a atitude... a pessoa que roubou alguma coisa a outra pessoa também não gostava que a outra pessoa o fizesse à outra. Eu não gostava que me roubassem coisas a mim.”</p> <p>Roubar é feio porque se roubarem as pessoas quando nos virem chamam a policia e cada vez que roubarmos elas perdem todo o respeito por nós. E primeiro não se deve fazer o que nós não gostamos que nos façam a nós.”</p> <p>“Porque não se deve roubar as coisas dos outros ... e ele não gostava que lhe roubassem uma coisa que era dele. Também porque, ele tinha um cavalo e podia fazer muita coisa com ele.”</p> <p>O nome malfeitor nota-se que tem a palavra mal e ele é mau. Ele se calhar como viu que a Poupança tinha uma moeda ao pescoço pensou que a porquinha era valiosa. Agora o malfeitor devia aprender a lição e pedir ao EuRico perdão porque cometeu um erro.”</p> <p>“Também mentiu a uma criança e mentir é feio”</p> <p>“Porque a pessoa que roubou não ia gostar que lhe roubassem a ele, e a pessoa que foi roubada fica falida, fica sem nada, e fá-la sentir triste, com dor no coração e mesmo a pessoa que roubou não fica com o coração vazio, fica com o coração cheio, cheio de pecados.”</p>
<p>Motivos legais</p>	<p>“Isso é crime e pode ir para a prisão”</p> <p>“pode sofrer muitas consequências por exemplo: pode por esse crime receber de um a três anos de cadeia e pode receber uma vida triste e solitária.”</p> <p>“Porque se roubares vais para a prisão.”</p>

As opiniões foram partilhadas em grande grupo e os motivos morais, mais do que os legais foram evidenciados pelos alunos. A questão do respeito pelas coisas dos outros, os sentimentos que surgem como consequência de atitudes erradas que se fazem e os valores que devem ser valorizados na sociedade foram demonstrados nos textos dos alunos.

Esta consciência ética e moral que se trabalhou com a abordagem à história também tem vindo a ser trabalhada ao longo da formação dos alunos e um deles revelou no seu texto a relação com outras atividades desenvolvidas anteriormente. Isso é muito vantajoso porque não se pretende que as atividades sejam isoladas, mas sim façam sentido, se relacionem de diferentes formas e sobretudo que sejam os alunos a relacioná-las.

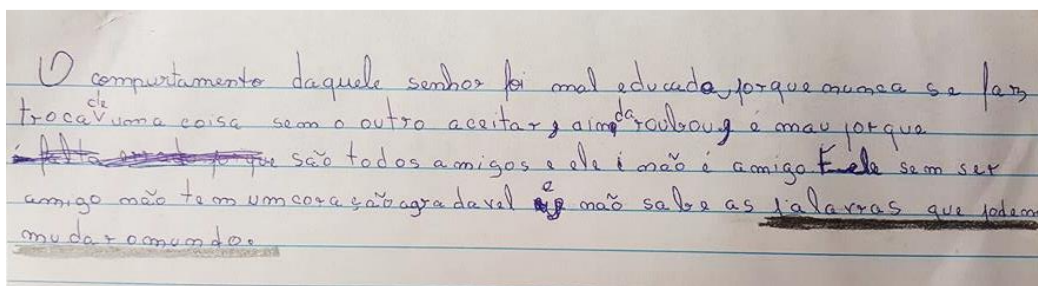


Figura 48 - Evidencia da opinião do aluno 10

O aluno quando refere a personagem da história “não sabe as palavras que podem mudar o mundo” está a referir-se a uma atividade desenvolvida na turma num momento bem anterior ao desta tarefa ilustrada pela figura 49.

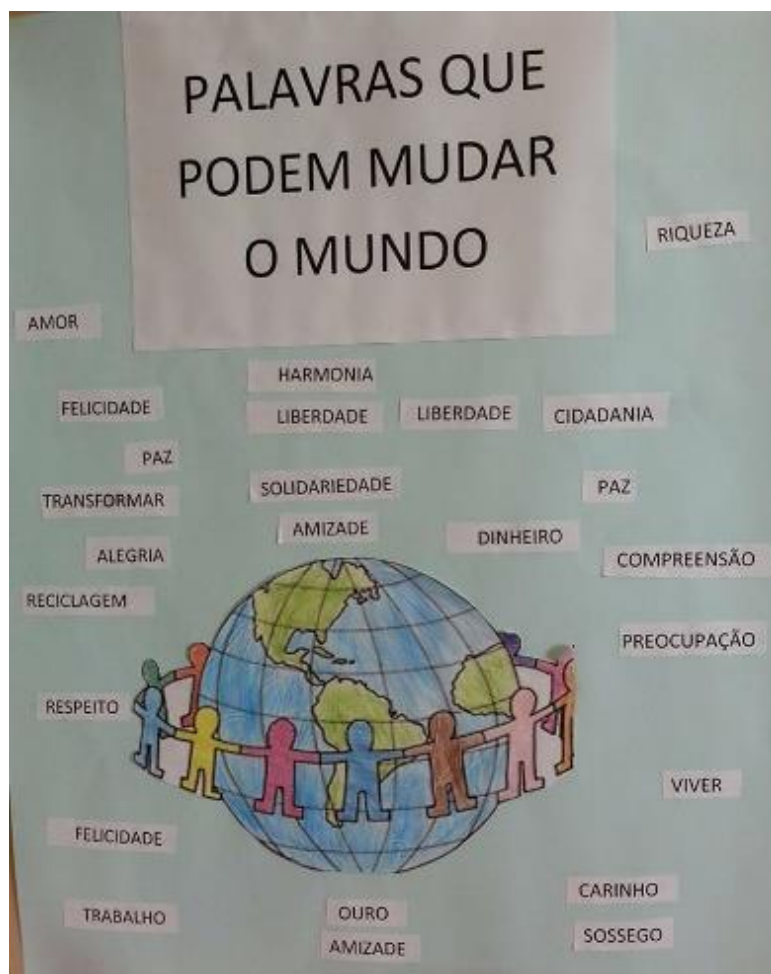


Figura 49 - Cartaz com palavras que podem mudar o mundo

Esta atividade pretendia consciencializar os alunos para aspetos que podem melhorar o mundo onde vivemos. As palavras que se podem relacionar com este assunto tratado na história e que foram escolhidas pela turma foram: respeito, cidadania, amizade, felicidade, amor e liberdade. Outro aspeto interessante é que outras palavras escolhidas para mudar o mundo também se relacionam com a educação financeira: trabalho, dinheiro, riqueza e solidariedade.

Aluno 13: As palavras dinheiro e riqueza estão ligadas com saber usar o dinheiro.
Aluno 6: Outra palavra é trabalho porque só se ganha dinheiro com o trabalho e um emprego.
Professora: Não haverá mais nenhuma palavra que se possa associar a educação financeira?
Aluno 19: Há. A palavra solidariedade.
Professora: Porquê?
Aluno 19: Por causa de doar... ser solidário é ajudar os outros e doar também.

Questionários finais

Os questionários finais ministrados aos participantes integravam 12 perguntas. Foram retiradas as primeiras questões: 1ª tens peteiro? e 2ª em que é que gastas o dinheiro do teu peteiro, e 3ª Como consegues arranjar o dinheiro do teu mealheiro? por considerar que as respostas não se alteram num intervalo de tempo tão curto. Por outro lado, foram acrescentadas, na parte final, duas questões: O que é Educação Financeira? e O que aprendeste com a abordagem ao tema: Educação Financeira? para se poder perceber a opinião dos alunos acerca do que aprenderam e o que foi mais significativo para eles.

Apresenta-se a análise das respostas a cada questão, e posteriormente compara-se com o questionário inicial.

Questão 1 – Como consegues arranjar o dinheiro do teu mealheiro?

Os participantes conseguem amealhar dinheiro no seu mealheiro principalmente através de recompensas por serviços ou trabalhos prestados aos pais e à família, seguindo-se as festas de aniversário e outras comemorações, como a Páscoa e o Natal, o contributo dos pais e da família, a poupança e finalmente, em minoria, a mesada.



Gráfico 10 -Análise da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro

Questão 2– Assinala com um X a opção correta. Gastas o teu dinheiro porque:

- 1- tens necessidade, e só gastas mesmo no que precisas.
- 2- queres ter algo, mesmo que não seja essencial.
- 3- queres ter o mesmo que os teus amigos têm.

Dezoito dos vinte e três alunos optaram pela primeira opção, três não responderam porque afirmaram que nunca gastaram dinheiro do seu mealheiro e dois porque entendem que gastam mesmo quando não é essencial.

Questão 3 – Compras tudo o que tens vontade? Porquê?

A esta questão, apenas um aluno respondeu afirmativamente justificando: “Sim. Porque me apetece ter brinquedos que eu não tenho.”. Este foi um dos alunos que optou pela segunda opção na questão anterior (gasto o meu dinheiro porque quero ter algo, mesmo que não seja necessário). Os restantes vinte e dois alunos responderam negativamente e surgiram variadas justificações para não comprarem tudo o que têm vontade. Quatro dos alunos revelam não gastar dinheiro do mealheiro e os restantes revelam preocupação na necessidade de poupar.

Quadro 8 - Análise à questão: Compras tudo o que tens vontade? Porquê?

Compras tudo o que tens vontade?	Justificações dos alunos
Sim	Porque me apetece ter brinquedos que eu não tenho.
Não (não gasto dinheiro do mealheiro)	Porque não gasto dinheiro Não gasto em nada Nunca comprei nada que me apetece. Porque assim gasto dinheiro.
Conhecimento de que não se deve gastar o dinheiro de forma inconsciente/ preocupação	Porque há coisas que não são essenciais. Porque se eu gastar dinheiro em bens supérfluos depois não tenho dinheiro para comprar os bens essenciais. Porque quando precisar posso não ter. Porque se gastar o meu dinheiro em tudo o que quero a certa altura acabou-se. Porque quando precisamos às vezes não temos. Porque não necessito. Porque é preciso poupar (dois alunos). Porque se gasto dinheiro à toa depois não tenho para os bens essenciais. Porque nos devemos poupar, e só devemos usar o dinheiro quando necessitamos.

	Só compro o que eu quero mesmo.
	Porque é necessário poupar.
	Porque podemos não gostar dessa coisa e precisamos desse dinheiro.
	Porque se comprar tudo o que me apetece fico falido.
	Eu gostava de ter muitas coisas e comprá-las, mas ao fim de algum tempo ficava sem dinheiro.
	Porque não há necessidade.
	Porque se eu comprar tudo o que me apetece depois já não vou ter dinheiro para comprar o que eu preciso.
	Porque há bens essenciais e bens supérfluos.

Às questões 4 e 5 – Dá exemplos do que é necessário comprar; Dá exemplos do que é desnecessário comprar, respetivamente, as sugestões dos alunos foram variadas.

Nos exemplos do que é necessário comprar há um consenso bem explícito nas categorias de vestuário e alimentação, seguido de material escolar seguindo-se com acentuado distanciamento calçado e habitação. As restantes surgem em visível minoria. Alguns dos alunos consideram que o material escolar e alguns brinquedos também são necessários. Quando referem alguns brinquedos é por considerarem que é importante as crianças terem “um ou outro brinquedo” (aluno 9) porque enquanto criança devem brincar. Exemplos como eletrodomésticos, medicamentos, produtos de limpeza e água surgiram isoladamente.

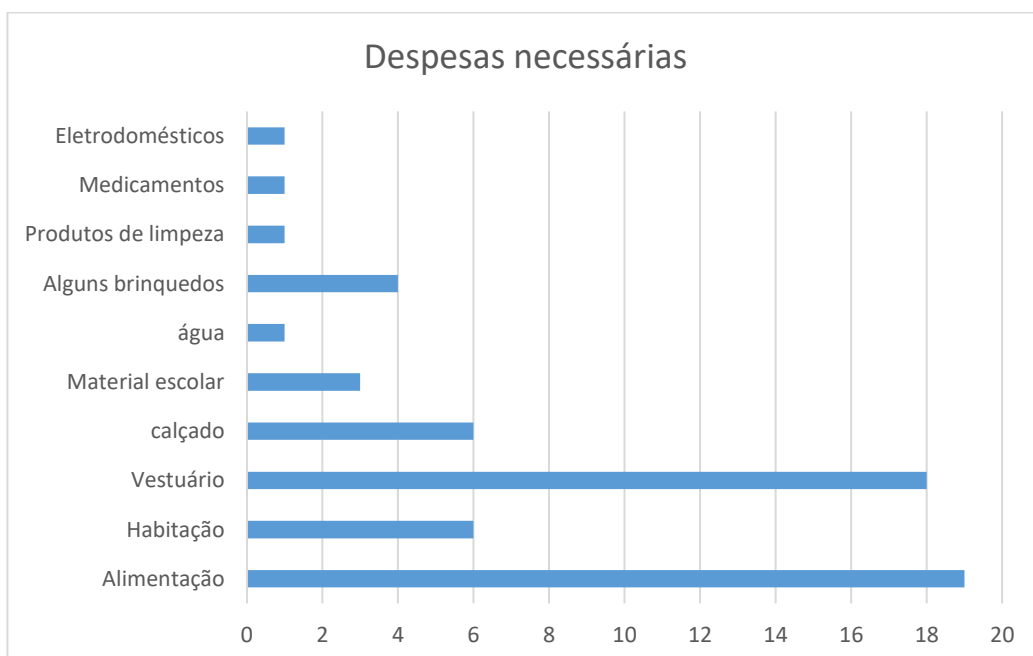


Gráfico 11 - Exemplos de despesas necessárias

Os resultados da questão sobre os exemplos de despesas desnecessárias revelaram os jogos e vídeo jogos e os brinquedos em categoria de destaque. No entanto, quatro dos doze alunos que mencionaram os brinquedos afirmam que “muitos brinquedos” são um exemplo de algo necessário, concordando com os quatro alunos que na questão dos exemplos necessários colocaram apenas alguns brinquedos. As guloseimas, os computadores e tablets surgem com menos frequência e apenas um aluno refere coisas caras e outro os cigarros.

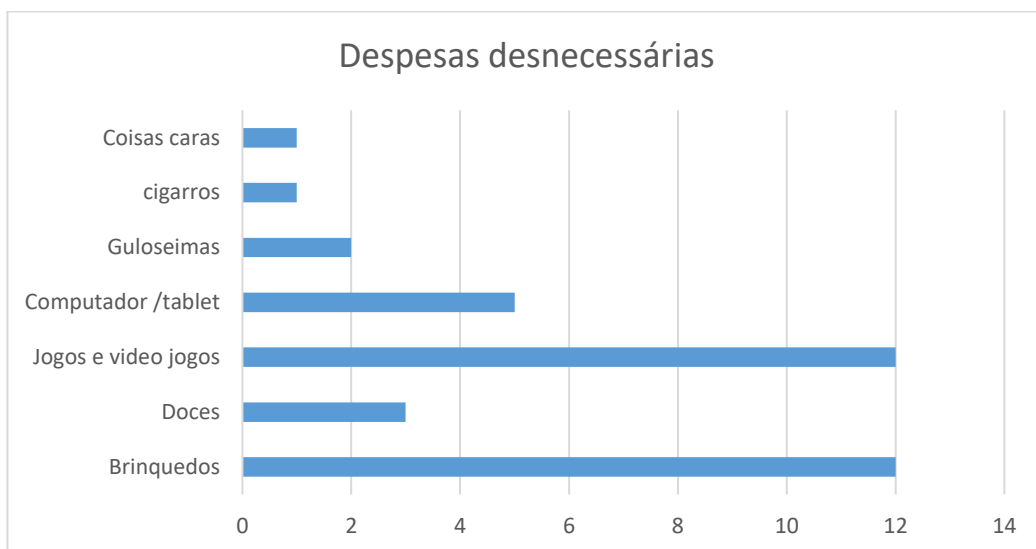


Gráfico 12 - Exemplos de despesas desnecessárias

Questão 6 – O que é poupar?

Os vinte e um alunos consideraram que poupar era não gastar / guardar, juntar ou poupar através de um exemplo.

Tabela 1 - O que é poupar?

Não gastar / Guardar	<p>É não gastar o dinheiro à toa.</p> <p>É não gastar o dinheiro em bens supérfluos.</p> <p>É não gastar dinheiro no que não é essencial.</p> <p>É não gastar dinheiro como não gastar em coisas desnecessárias.</p> <p>É não gastar o dinheiro em coisas desnecessárias.</p> <p>É não gastar dinheiro no que não precisamos.</p> <p>É não gastar o dinheiro é saber gerir o dinheiro.</p> <p>É não gastar dinheiro nos bens supérfluos, mas sim nos bens essenciais.</p> <p>É uma forma de comprar bens essenciais de forma a não gastar todo o nosso dinheiro.</p> <p>É dinheiro que nós não gastamos e guardamos para que mais tarde precisaremos.</p> <p>É guardar o dinheiro que recebemos para depois comprar o que precisamos.</p>
-------------------------	---

	É guardar o dinheiro para depois podermos comprar uma coisa mais cara.
Juntar	É juntar o dinheiro para ter o que nós queremos. É juntar dinheiro para um bem essencial ou um bem supérfluo. Quer dizer que é juntar.
Resposta através de exemplo	É que por exemplo se eu quero comprar um telemóvel que custa 300€ e eu tenho 2€ tenho de poupar dinheiro.

Um aluno respondeu que:

É uma fonte de dinheiro

Um aluno respondeu que:

É trocar o dinheiro por coisas, por o seu valor.

Este alunos possivelmente leu mal a questão, pensando que a pergunta seria - o que é comprar?.

Questão 7 – Costumas poupar? Porquê? Vinte e um alunos assinalaram a opção sim e as justificações apresentadas relacionaram-se com o facto de contribuir para a concretização de objetivos e preocupação em acautelar o futuro

Tabela 2 – Porque é que se deve poupar?

Concretização de objetivos	<p>Porque se poupar posso atingir os meus objetivos.</p> <p>Porque vou ganhando dinheiro e depois posso comprar uma coisa desnecessária que eu queira muito.</p> <p>Porque quando quiser comprar alguma coisa tenho dinheiro para a comprar.</p> <p>Porque quando crescer quero ter um carro bom.</p> <p>Porque é importante para termos alguma coisa importante.</p> <p>Porque quero comprar um objeto novo.</p> <p>Porque depois não tenho dinheiro para comprar uma coisa necessária.</p> <p>Porque se eu não poupar não tenho dinheiro.</p>
Preocupação em acautelar o futuro	<p>Porque é importante.</p> <p>Porque depois fico sem dinheiro para os bens essenciais, se não poupar.</p> <p>Porque se eu poupar posso precisar do dinheiro que eu poupei para uma coisa que eu precise.</p>

<p>Porque se eu poupar e algum dia precisar de dinheiro tenho.</p> <p>Porque um dia posso precisar.</p> <p>Para comprar o que preciso.</p> <p>Porque há coisas que precisamos e não temos e se pouparmos temos.</p> <p>Porque quando precisarmos já o temos.</p> <p>Porque assim conseguimos mais dinheiro quando formos grandes.</p> <p>Porque quando for maior vou comprar um telemóvel.</p> <p>Porque se eu não poupar no futuro poderei não ter dinheiro para comprar o que preciso.</p> <p>Porque assim tenho um futuro melhor.</p> <p>Porque se gastar o dinheiro todo fico sem ele.</p>
--

Dois dos alunos responderam que costumam poupar às vezes. Um não justificou o motivo e o outro afirmou:

Porque quando quero poupar numa coisa muito cara eu poupo.

Na questão 8 – Qual é a moeda que usamos no nosso país? Todos os participantes responderam “o euro” e alguns ainda representaram o símbolo, embora não fosse pedido.

Na questão 9 – Conheces outro país com outra moeda oficial? Se respondeste sim qual o país e qual a moeda. Vinte dos alunos souberam responder a esta questão, identificando um país e a sua respetiva moeda oficial (Inglaterra, Estados Unidos da América, Canadá, Suíça, Dinamarca e Brasil).

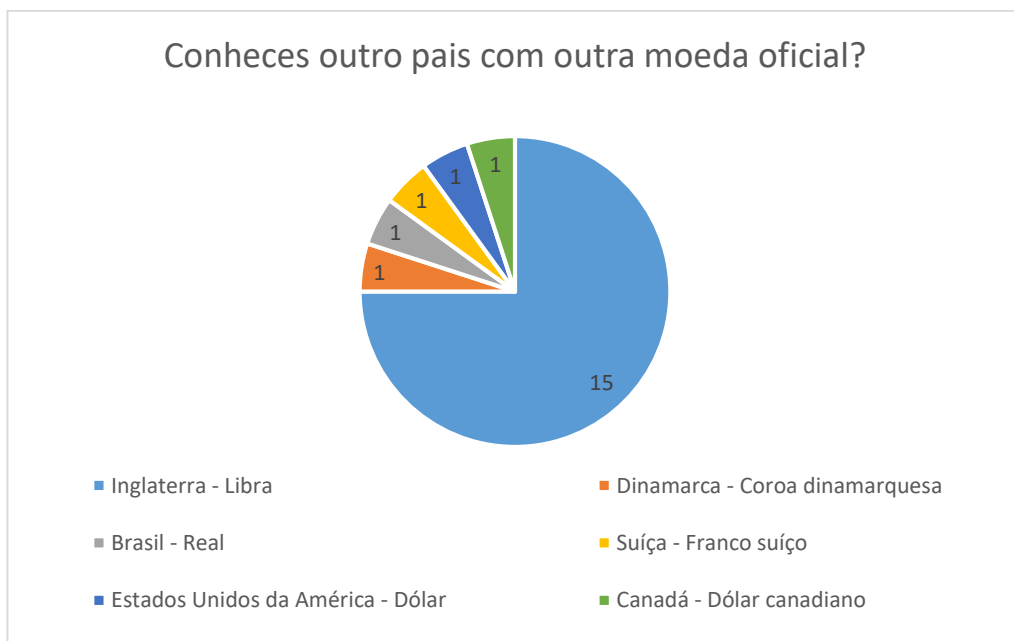


Gráfico 13 - Conhecimento de países com outra moeda oficial para além do euro

Os restantes três alunos identificaram corretamente um país com outra moeda oficial, mas não souberam identificá-la (dois identificaram a Inglaterra e um os Estados Unidos da América).

Na questão 10 – Na tua opinião pode-se enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro? obteve-se 100% de respostas negativas. Apenas dois alunos fundamentaram as respostas ligando as justificações a aspetos legais e os restantes através de aspetos morais.

Tabela 3 – Opinião dos alunos em relação a poder-se enganar ou mentir para se ganhar dinheiro

Aspetos legais	<p>Porque estamos a cometer um crime e pôr pessoas preocupadas.</p> <p>Porque a pessoa a quem nós roubamos dinheiro pode ir fazer queixa de nós à policia e nós somos chamados lá.</p>
Aspetos morais	<p>Porque estamos a sabotar alguém ou a roubar.</p> <p>Porque estamos a mentir para ganhar dinheiro e isso é falta de educação.</p> <p>Porque por exemplo se eu digo à minha mãe que perdi 50€ e não perdi a minha mãe já não me vai dar mais 50€.</p> <p>Porque a pessoa que tinha o dinheiro trabalhou muito para o ter e a outra pessoa fica com esse dinheiro.</p> <p>Porque é falta de educação e é roubar.</p> <p>Não se deve mentir nem enganar as outras pessoas.</p> <p>Porque vai-se ver logo que eu quero dinheiro.</p> <p>Porque isso é um ato errado.</p> <p>Porque é feio e não vale a pena porque também não gostava que lhe acontecesse.</p> <p>Porque se nós mentimos não ganhamos, isso não é poupar isso é tirar o dinheiro.</p> <p>Porque assim se mentirmos fica-nos mal e mentir é feio.</p> <p>Porque estamos a enganar pessoas que podem necessitar muito dele e porque temos de aprender a ganhá-lo sozinhos.</p> <p>Porque nós é que temos que ganhar o nosso dinheiro.</p> <p>Porque não se faz.</p> <p>Porque mentir é falta de educação para com os outros.</p> <p>Porque isso é feio e isso também pode ser roubar.</p> <p>Porque é roubar e isso é feio.</p> <p>Porque nós damos dinheiro às pessoas que pedem e se for uma pessoa a mentir nós estamos a gastar dinheiro.</p> <p>Porque é má educação.</p> <p>Porque em 1º isso é feio em 2º também não gostava se me enganassem.</p> <p>Porque se nos descobrirem perdemos amigos e o dinheiro.</p>

Na questão 11 – É importante aprender a usar o dinheiro? Porquê? Obteve-se 100% de respostas afirmativas. E resultam justificações relacionadas com a preocupação com o futuro, a noção de desperdício e desconhecimento do uso do dinheiro.

Quadro 9 - Importância da aprendizagem do uso do dinheiro

Tipo de justificação	Justificação dos alunos
Preocupação com o futuro	<p>Porque se nós usarmos o dinheiro em coisas que não precisamos depois vamos abrir as mãos para o meio da rua.</p> <p>Porque se não soubermos podemos ser assaltados.</p> <p>Porque assim quando formos grandes sabemos usá-lo.</p> <p>Porque quando formos maiores sabemos usar o dinheiro.</p> <p>Porque se não o soubermos gerir quando crescermos podemos precisar dele e não o temos.</p> <p>Porque havemos de precisar.</p> <p>Porque se gastarmos o dinheiro mais tarde não temos.</p> <p>Porque quando crescermos vamos ter de usar o dinheiro para comprar comida e assim.</p> <p>Porque ao longo da nossa vida vamos ter um emprego e precisamos de saber usar o dinheiro.</p>
Noção de desperdício	<p>Para não gastarmos no que não precisamos.</p> <p>Porque assim conseguimos orientá-lo bem e não gastamos em coisas que queremos e depois não. E assim gastamos o dinheiro para nada.</p> <p>Porque se comprar aquilo que quiser é perder o dinheiro.</p> <p>Porque se nós gastamos muito dinheiro em coisas que não precisamos depois não temos para o que precisamos.</p> <p>Porque se não aprendemos, um dia podemos precisar e não temos.</p> <p>Porque se nós não soubermos usar o dinheiro depois não o temos para as coisas essenciais.</p> <p>Porque se gastarmos dinheiro à toa ficamos sem ele.</p> <p>Porque se nós o gastarmos sem necessidade depois se precisarmos não o temos.</p> <p>Porque só posso comprar coisas essenciais. Por exemplo se eu quero comprar uma bola de futebol que custa 50€ e outra custa 5€ é melhor comprar a mais barata.</p> <p>Porque mais tarde podemos comprar o que nós precisamos.</p> <p>Porque assim podemos comprar alguma coisa.</p> <p>Porque se não soubermos usar o dinheiro ficamos falidos.</p>
Desconhecimento do uso do dinheiro	<p>Porque se alguém me pedir algum dinheiro das minhas compras não saberia contá-lo.</p> <p>Porque se um dia queremos comprar não vamos estar muito tempo na caixa.</p>

Questão 12 – O que é a Educação Financeira?

De forma geral todos os alunos referem Educação financeira como um processo que os leva a aprender a gerir, a usar o dinheiro dando bastante ênfase à poupança.

Tabela 4 – O que é a Educação Financeira

Poupar	<p>É aprender a poupar para uma coisa que mais tarde precisamos etc...</p> <p>É a aprender a poupar e a usar o dinheiro.</p> <p>É poupar o dinheiro.</p> <p>É aprender a poupar.</p> <p>É poupar o nosso dinheiro.</p> <p>É poupar.</p> <p>É aprender a saber poupar.</p> <p>É aprender a gerir o dinheiro e ganhar dinheiro (poupar).</p>
Gerir	<p>É aprender a gerir o dinheiro.</p> <p>Quer dizer que é para aprender a gerir o dinheiro.</p> <p>É saber gerir o dinheiro e os países que têm o euro.</p> <p>É aprender a gerir o dinheiro, fala-nos sobre dinheiro.</p>
usar	<p>É o dinheiro e aprender a usá-lo.</p> <p>É aprender a usar o dinheiro em bens essenciais (poupar) etc.</p> <p>É aprender a usar o dinheiro e também a gerir o dinheiro.</p> <p>É saber usar o dinheiro e saber poupá-lo.</p> <p>É o nosso dinheiro e o que gastamos.</p>
Poupar e gerir	<p>É o que nos ensina a poupar e a gerir o dinheiro.</p> <p>É aprender a poupar e gerir o dinheiro.</p> <p>É uma coisa que nos ensina a poupar e a gerir o nosso dinheiro.</p> <p>É o que nos ajuda a gerir o dinheiro para poupar.</p> <p>É aprender sobre o dinheiro.</p> <p>É o que eu aprendo sobre o dinheiro.</p>

Questão 13 – O que aprendeste com a abordagem ao tema: Educação Financeira?

Com a proposta didática pretendia-se que os alunos reconheçam a necessidade do Planeamento e Gestão do Orçamento, os Sistemas e produtos Financeiros Básicos e a responsabilidade Ética nas questões financeiras para despertarem para a necessidade da Poupança e compreendessem a sua importância. As respostas que se obtiveram a esta questão destacam importância do tema Poupança, mas também os demais temas abordados.

Quadro 10 -Aprendizagens dos alunos em função do tema do REF

Tema do REF	Afirmações dos alunos
Planeamento e gestão do Orçamento	<p>Aprendi que temos de saber gerir o dinheiro, primeiro para comprar os bens essenciais e depois os bens supérfluos.</p> <p>Eu aprendi a poupar mais um pouco, a ver quanto custa cada um dos objetos, a organizar o meu dinheiro e só comprar com ele coisas úteis (essenciais).</p>

	<p>Aprendi a gerir o dinheiro, aprendi a não gastar o dinheiro à toa, a gastar o dinheiro nos bens necessários não nos bens supérfluos.</p> <p>Aprendi a gastar o dinheiro em coisas boas, também aprendi que não se deve gastar o dinheiro em coisas supérfluas.</p>
Sistema e Produtos Financeiros Básicos	<p>Aprendi o que o dinheiro é, aprendi a usá-lo e os países que têm a nossa moeda que é o euro.</p> <p>Aprendi a poupar, aprendi a reconhecer os países com o euro, e a gerir o dinheiro.</p> <p>Aprendi a gerir o meu dinheiro e a não gastar à toa. E aprendi novas moedas.</p> <p>Aprendi que nós devemos gerir o dinheiro, quais são os países que têm o euro na Europa e os que não têm.</p>
Poupança	<p>Aprendi que tenho que gastar o dinheiro em coisas que eu preciso e também aprendi que para atingir os meus objetivos tenho que lutar ou seja trabalhar.</p> <p>Aprendi que não devo gastar o dinheiro à toa porque mais tarde precisarei de dinheiro e não terei.</p> <p>Aprendi que devo poupar e não gastar muito dinheiro.</p> <p>Eu aprendi a poupar e a gerir o dinheiro com o EuRico.</p> <p>Eu aprendi que se deve poupar para conseguirmos fazer objetivos e aprender a usar o dinheiro.</p> <p>Aprendi a gerir e a poupar o dinheiro.</p> <p>Aprendi que poupar é muito importante, a gerir e orientar o nosso dinheiro para não o gastarmos em coisas que nós não precisamos como jogos de vídeo.</p> <p>Aprendi que devemos usar o dinheiro com cabeça e poupá-lo para quando precisarmos.</p> <p>Eu aprendi a poupar o dinheiro, onde gastar o meu dinheiro.</p> <p>Aprendi que devemos poupar para termos uma vida melhor e só se deve comprar coisas essenciais.</p> <p>Aprendi que tenho que poupar água, eletricidade...</p> <p>Aprendi que devemos poupar o dinheiro que recebemos para um dia mais tarde poder utilizar esse dinheiro e aprendi que nós precisamos de aprender a usar o dinheiro.</p>
Ética	<p>Aprendi que não podemos usar o dinheiro quando nos apetece ou quando nós queremos. Aprendi também que não se deve mentir nem enganar nem roubar o dinheiro.</p> <p>Aprendi que poupar é bom, aprendi também que não se deve gastar o dinheiro à toa e que roubar é feio.</p>

A análise do segundo questionário possibilita perceber até que ponto a proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança influenciou nos conhecimentos dos alunos acerca desse tema. Este estudo tem como último objetivo desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança,

no entanto, pressupõe que é vantajoso que os alunos desenvolvam conhecimentos financeiros em diferentes temas do REF para que o ato de poupar se torne mais consciente e aprofundado.

Nesta análise, foi notório que a maioria (43%) dos inquiridos referem obter rendimentos através da recompensa por trabalhos prestados. Este facto revela que o trabalho que se fez incutiu nos alunos o valor do trabalho para conseguir concretizar um objetivo, e obter dinheiro. Os inquiridos revelam compreender de forma significativa a diferença entre precisar e querer e aplicam convenientemente os conceitos de necessário e supérfluo, dando exemplo para cada um dos casos.

Foi notório o conhecimento da moeda oficial no nosso país, por parte de todos os alunos e um conhecimento bastante bom acerca de outros países que usam moedas diferentes.

Relativamente à ética e à responsabilidade social em questões financeiras, todos os participantes conseguiram justificar um motivo pelo qual não se deve ter um comportamento enganador ou fraudulento nas questões financeiras, enunciando sobretudo justificações relativas aos valores morais.

Em relação à poupança o questionário revela que para os alunos o ato consciente da poupança ainda não está muito presente. Quatro deles afirmam nunca ter gasto o dinheiro, ou seja, não estão a optar pela poupança por vontade própria. No entanto, nenhum deles assume que isso não é poupar, todos afirmam que poupam dinheiro, o que revela contradição. No entanto, e apesar desse paradoxo entre se poupam ou não, é inegável a preocupação com a importância da poupança em várias respostas do questionário. É bastante visível a ênfase dada à poupança quando se referem à abordagem à Educação financeira como um processo que os leva a aprender a gerir o dinheiro.

No que remete à opinião dos alunos sobre a importância de aprender a usar o dinheiro todos os alunos respondem afirmadamente o que revela a compreensão e perceção de que é decisivo para o seu dia a dia aprender a usar o dinheiro. As respostas explicativas às duas últimas questões revelam destaque à poupança.

Em suma, os alunos revelam ter conhecimentos bastante bons nos vários temas do REF Planeamento e Gestão do Orçamento, em relação ao tema Sistemas e Produtos Financeiros Básicos e à Ética. No que refere ao tema Poupança revelam ter conhecimento elevado dessa necessidade, sabem que é importante poupar, mas em relação aos seus comportamentos de poupança surgem algumas dúvidas, sendo relevante desenvolver nos alunos a real consciência desse ato.

Comparação dos questionários

Questão 3 do 1º questionário/questão 1 do 2º questionário

Como consegues arranjar o dinheiro do teu mealheiro?

As formas de os participantes conseguirem juntar dinheiro no seu mealheiro são diversas. Enquanto no primeiro questionário maioritariamente referiram conseguir através das contribuições dos pais e da família, no segundo questionário grande parte dos alunos referiu ser devido a trabalhos prestados.

As festas de aniversário e comemorações como o Natal e a Páscoa também se revelam momentos de aumento do saldo do mealheiro dos alunos nos dois questionários e em mesmo número. É de relevar que enquanto no 1.º questionário o bom comportamento e as boas notas foram indicados como motivo de conseguir dinheiro, no segundo questionário já não foram mencionados, surgindo a poupança como motivo através do qual conseguem dinheiro para o seu mealheiro. Uma minoria continua a referir a mesada.

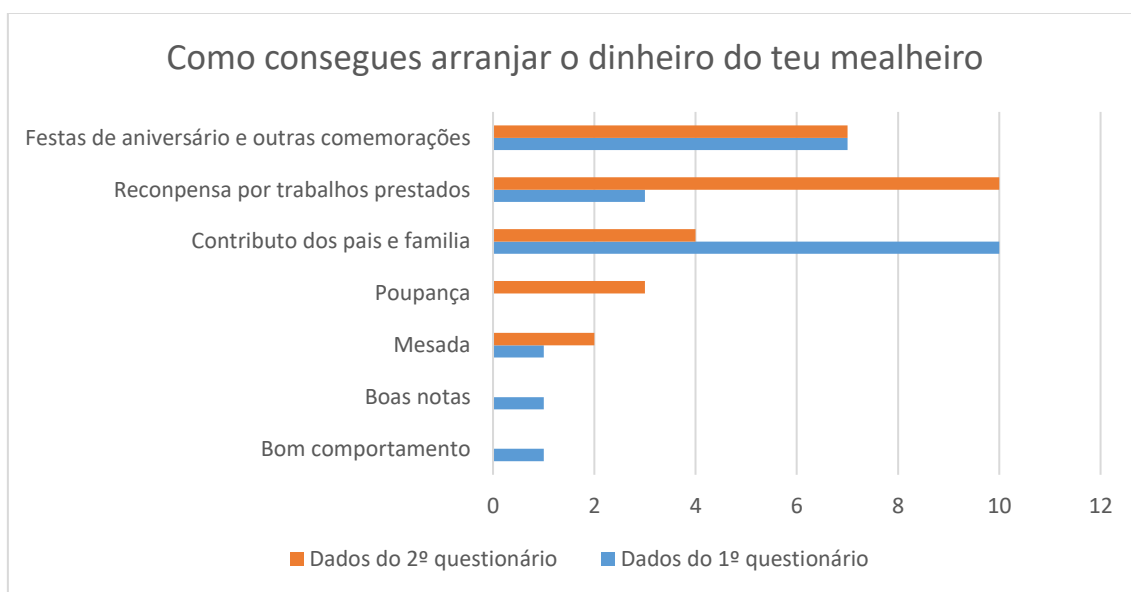


Gráfico 14 – Análise comparativa da questão: como consegues arranjar o teu dinheiro

Questão 4 do 1º questionário/questão 2 do 2º questionário

Na questão 4 – Assinala com um X a opção correta. Gastas o teu dinheiro porque:

- 4- tens necessidade, e só gastas mesmo no que precisas.
- 5- queres ter algo, mesmo que não seja necessário.
- 6- queres ter o mesmo que os teus amigos têm.

Em ambos os questionários a esmagadora maioria optou pela primeira opção. A única alteração que se verificou foi que um dos alunos que mencionou comprar por ter necessidade

assumi no segundo questionário não optar por nenhuma das alternativas de resposta porque afinal não gasta dinheiro do seu mealheiro.

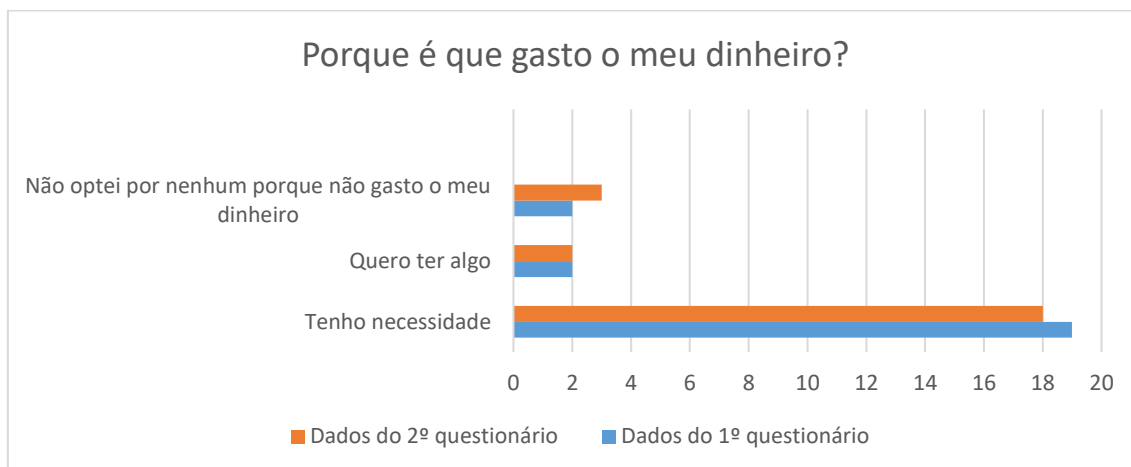


Gráfico 15 – Análise comparativa da questão: porque é que gasto o meu dinheiro

Questão 5 do 1º questionário/questão 3 do 2º questionário

Compras tudo o que tens vontade?

Em ambos os questionários apenas um aluno respondeu afirmadamente. No primeiro questionário justificou: "Porque eu quero" e no segundo: "Sim. Porque me apetece ter brinquedos que eu não tenho." Desta forma, o resultado manteve-se e este caso pode dever-se ao facto de ser muito difícil mudar hábitos e comportamentos. Por este motivo é que abordar o tema da educação financeira deve ser um processo sistemático para que se consigam resultados nomeadamente a nível dos comportamentos.

As restantes respostas negativas alegam motivos diferenciados. À semelhança do 1.º questionário também no segundo surgem quatro alunos em que os pais não lhes permitem gastar dinheiro do seu mealheiro e os restantes 15 revelaram ter algum conhecimento que não se deve gastar o dinheiro de forma inconsciente e preocupação com a poupança.

Quadro 11 - Análise comparativa dos questionários à questão: comparas tudo o que tens vontade?

Motivação das justificações	Justificações no 1.º questionário	Justificações no 2º questionário
Os pais não permitem	Não, com o meu dinheiro não posso comprar nada Não, porque os meus pais não deixam (2) A minha mãe não deixa	Porque não gasto dinheiro Não gasto em nada Nunca comprei nada que me apetece. Porque assim gasto dinheiro.

<p>Conhecimento de que não se deve gastar o dinheiro de forma inconsciente/preocupação com a poupança</p>	<p>Não, porque ninguém tem dinheiro infinito”</p> <p>Não, porque assim gasto todo o meu dinheiro no que não preciso”</p> <p>Se eu gasto todo o meu dinheiro fico sem nenhum porque tenho que poupar”</p> <p>Não, porque não se ganha o dinheiro muito facilmente” (aluno que revelou a realização de tarefas para conseguir obter dinheiro para o seu mealheiro).</p> <p>Não, porque no fim do mês estava com o meu mealheiro vazio”</p> <p>Não, porque ficamos pobres”</p> <p>Não, porque depois não quero as coisas e gasto sem necessidade”</p> <p>Não, porque há coisas que preciso e que não preciso”</p> <p>Não, porque se não quando for grande não tenho dinheiro para as coisas que mais preciso”</p> <p>Não. Eu tenho que poupar para coisas essenciais”</p>	<p>Porque há coisas que não são essenciais.</p> <p>Porque se eu gastar dinheiro em bens supérfluos depois não tenho dinheiro para comprar os bens essenciais.</p> <p>Porque quando precisar posso não ter.</p> <p>Porque se gastar o meu dinheiro em tudo o que quero a certa altura acabou-se.</p> <p>Porque quando precisamos as vezes não temos.</p> <p>Porque não necessito</p> <p>Porque é preciso poupar. (2)</p> <p>Porque se gasto dinheiro à toa depois não tenho para os bens essenciais.</p> <p>Porque nos devemos poupar, e só devemos usar o dinheiro quando necessitamos.</p> <p>Só compro o que eu quero mesmo.</p> <p>Porque é necessário poupar.</p> <p>Porque podemos não gostar dessa coisa e precisamos desse dinheiro.</p> <p>Porque se comprar tudo o que me apetece fico falido.</p>
---	--	---

Questão 6 e 7 do 1º questionário/questão 4 e 5 do 2º questionário

Dá exemplos do que é necessário comprar; Dá exemplos do que é desnecessário comprar.

A estas questões, respetivamente, as sugestões dos alunos foram variadas em ambos os questionários. No que respeita aos exemplos do que é necessário comprar o vestuário e a alimentação continuaram a ser os mais aludidos como bens essenciais. As gomas e os impostos já não foram referidos e surgiram três novas referências habitação, produtos de limpeza e alguns brinquedos. É de salientar que todos os alunos que referiram esta categoria sublinharam a palavra “alguns”.

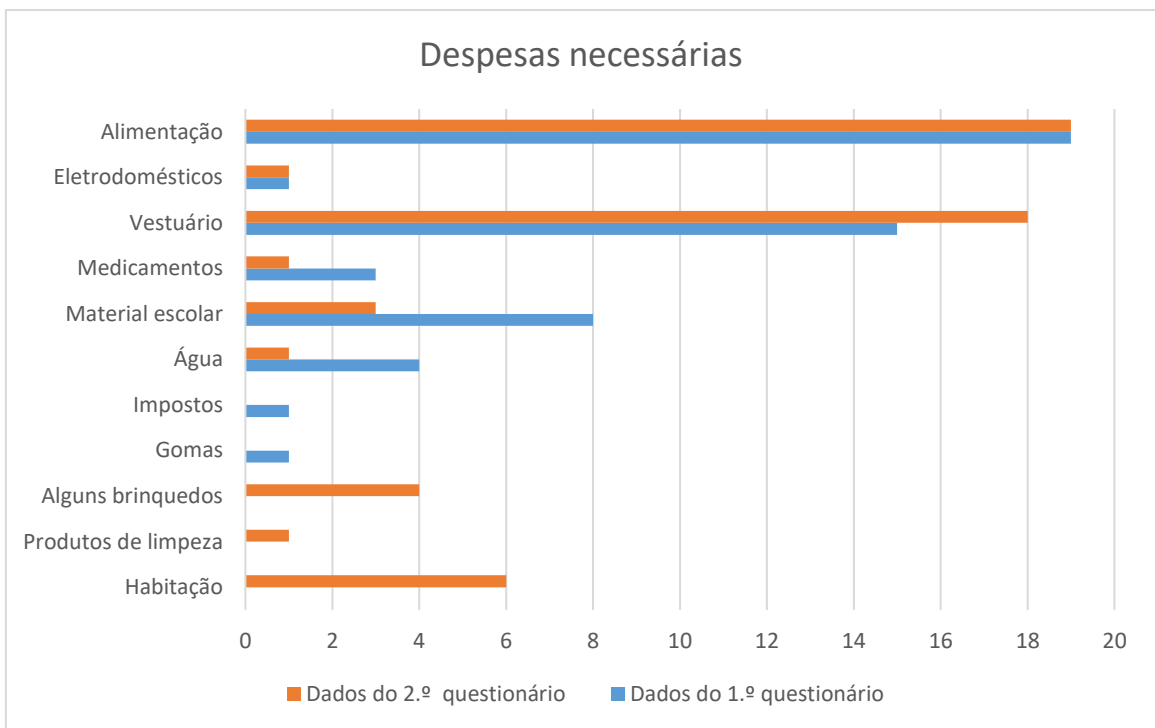


Gráfico 16 – Análise comparativa dos exemplos de despesas necessárias

Os resultados comparativos a esta questão revelam que os brinquedos continuam em categoria de destaque acrescentando no segundo questionário os videojogos. Houve uma notória evolução na referência em relação aos objetos tecnológicos, telemóveis, tablets e computadores e um decréscimo no que refere às guloseimas, coisas caras e aos cigarros.

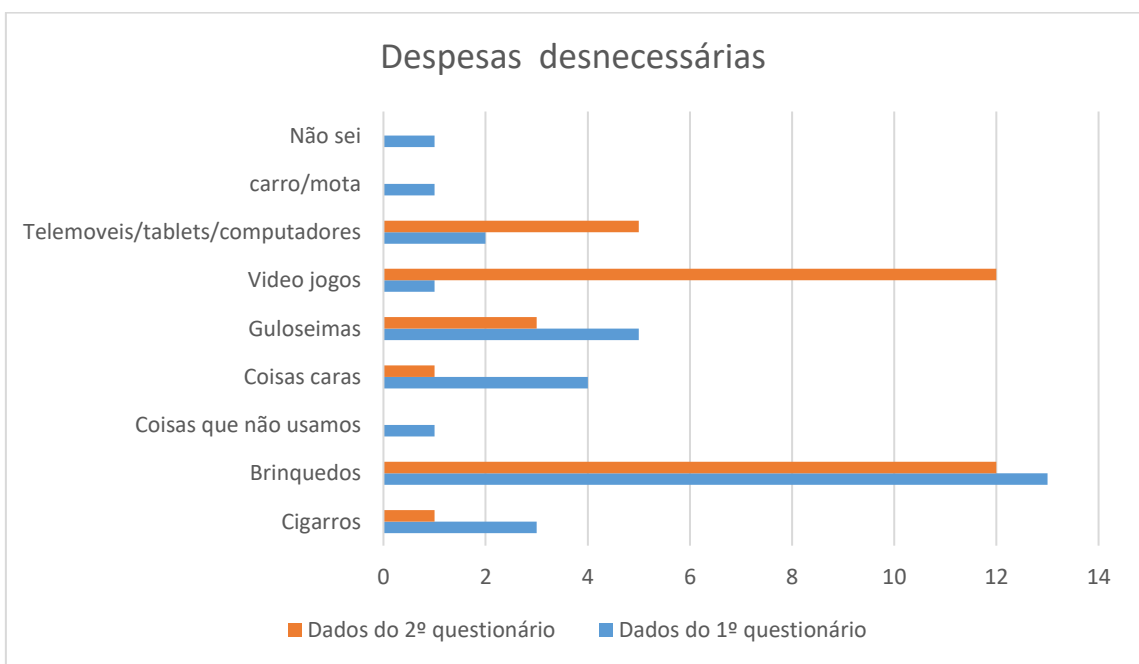


Gráfico 17 – Análise comparativa dos exemplos de despesas desnecessárias

Questão 8 do 1º questionário/questão 6 do 2º questionário

O que é poupar?

Comparando as respostas obtidas no primeiro e segundo questionário é visível que a compreensão do que é o ato de poupar amentou. Nesta segunda fase os alunos respondem de forma mais elaborada e clara do que pensam ser a poupança, aplicam conceitos que aprenderam com esta proposta didática e revelam um entendimento mais preciso da importância de poupar.

Quadro 12 - O que é poupar?

Afirmações dos alunos no 1.º questionário	Afirmações dos alunos no 2º questionário
<p>É comprar o que é necessário.</p> <p>É tentar gastar pouco dinheiro.</p> <p>É não gastar dinheiro a torto e a direito.</p> <p>É não gastar muito dinheiro.</p> <p>É não gastar em coisas caras.</p> <p>É juntar moedas para algumas coisas.</p> <p>É guardar.</p> <p>É só comprar coisas essenciais</p> <p>Poupar é não gastar nada.</p> <p>Ganhar dinheiro.</p>	<p>É juntar o dinheiro para ter o que nos queremos.</p> <p>É não gastar o dinheiro à toa.</p> <p>É não gastar o dinheiro em bens supérfluos.</p> <p>É não gastar dinheiro no que não é essencial.</p> <p>É não gastar dinheiro como não gastar em coisas desnecessárias.</p> <p>É dinheiro que nós não gastamos e guardamos para que mais tarde precisaremos.</p> <p>É uma forma de comprar bens essenciais de forma a não gastar todo o nosso dinheiro.</p> <p>Quer dizer que é juntar.</p> <p>É guardar o dinheiro para depois podermos comprar uma coisa mais cara.</p> <p>É juntar dinheiro para um bem essencial ou um bem supérfluo.</p> <p>É que por exemplo se eu quero comprar um telemóvel que custa 300€ e eu tenho 2€ tenho de poupar dinheiro.</p> <p>É não gastar o dinheiro em coisas desnecessárias.</p> <p>É não gastar dinheiro no que não precisamos.</p> <p>É guardar o dinheiro que recebemos para depois comprar o que precisamos.</p> <p>É não gastar o dinheiro é saber gerir o dinheiro.</p> <p>É não gastar dinheiro nos bens supérfluos, mas sim nos bens essenciais.</p> <p>É uma fonte de dinheiro</p> <p>É trocar o dinheiro por coisas, por o seu valor.</p>

Questão 9 do 1º questionário/questão 7 do 2º questionário

Costumas poupar? Porquê?

No primeiro questionário vinte alunos assinalaram a opção sim e as justificações apresentadas relacionavam-se em perspetivas para o futuro. No segundo questionário vinte e um alunos assinalaram a mesma opção e o tipo de justificações manteve-se. A evolução entre o primeiro momento e o segundo foi a troca das duas respostas negativas por a expressão “às vezes”, o que já revela maior sensibilidade para o tema da poupança e a mudança de atitude em relação ao ato de poupar.

Quadro 13 – Motivos dos alunos para poupar

Costumas poupar?	Justificações dos alunos no 1.º questionário	Justificações dos alunos no 2.º questionário
Sim	Preocupação com o futuro	
	<p>Porque depois não tenho dinheiro.</p> <p>Porque guardo o dinheiro para quando for mesmo preciso.</p> <p>Porque quando crescer quero comprar um carro muito rápido.</p> <p>Eu mesmo que poupe não posso comprar nada e poupo para quando for grande.</p> <p>Para ter uma vida melhor.</p> <p>Posso precisar no dinheiro outro dia.</p> <p>Sim porque assim não fico pobre.</p> <p>Porque é essencial.</p> <p>Porque preciso.</p>	<p>Porque assim conseguimos mais dinheiro quando formos grandes.</p> <p>Porque um dia posso precisar.</p> <p>Porque é importante.</p> <p>Porque quando crescer quero ter um carro bom.</p> <p>Porque se eu não poupar no futuro poderei não ter dinheiro para comprar o que preciso.</p> <p>Porque assim tenho um futuro melhor.</p> <p>Porque se eu poupar e algum dia precisar de dinheiro tenho.</p>
	Concretização de desejos	
	<p>Porque se poupar posso atingir os meus objetivos.</p> <p>Porque vou ganhando dinheiro e depois posso comprar uma coisa desnecessária que eu queira muito.</p> <p>Porque quando quiser comprar alguma coisa tenho dinheiro para a comprar.</p> <p>Porque quando for maior vou comprar um telemóvel.</p> <p>Porque é importante para termos alguma coisa importante.</p>	

		Porque quero comprar um objeto novo.
	Combate a situações de risco	
	Porque não se ganha o dinheiro facilmente. Porque não compro coisas caras. Porque Às vezes preciso de coisas e não tenho dinheiro para comprar. Eu só quero gastar em coisas importantes. Porque se não o pouparmos podemos ficar sem ele.	Porque quando precisarmos já o temos. Porque há coisas que precisamos e não temos e se pouparmos temos. Porque depois fico sem dinheiro para os bens essenciais, se não poupar. Porque se eu não poupar não tenho dinheiro. Porque se eu poupar posso precisar do dinheiro que eu poupei para uma coisa que eu precise. Para comprar o que preciso. Porque depois não tenho dinheiro para comprar uma coisa necessária. Porque se gastar o dinheiro todo fico sem ele.
Não	Não sei Se gasto com brinquedos e gomas	
Às vezes		Porque quando quero poupar numa coisa muito cara eu poupo

Questão 10 do 1.º questionário/questão 8 do 2.º questionário

Qual é a moeda que usamos no nosso país?

Enquanto no primeiro questionário apenas vinte respostas foram corretas mencionando o euro como moeda oficial, no segundo questionário todos os alunos responderam acertadamente. Notando-se uma evolução dos três alunos que não conseguiram responder inicialmente.

Questão 11 do 1.º questionário/questão 9 do 2.º questionário

Conheces outro país com outra moeda oficial? Se respondeste sim qual o país e qual a moeda.

No primeiro questionário poucos alunos souberam responder a esta questão. Só quatro dos cinco alunos que souberam identificar um país com outra moeda oficial (Inglaterra, Estados Unidos da América e Brasil) nomearam qual a moeda oficial do país que escolheu. No segundo questionário vinte alunos souberam responder a esta questão, identificando um país e a sua respetiva moeda oficial (Inglaterra, Estados Unidos da América, Canadá, Suíça, Dinamarca e

Brasil). Os restantes três alunos identificaram corretamente um país com outra moeda oficial, mas não souberam identifica-la (dois identificaram a Inglaterra e um os Estados Unidos da América).

É visível a evolução dos alunos em relação ao conhecimento sobre países que partilham da nossa moeda oficial. Enquanto numa primeira fase apenas 17% dos alunos conseguiu responder acertadamente, no segundo questionário houve 87% de respostas corretas.

Questão 12 do 1.º questionário/questão 10 do 2.º questionário.

Na tua opinião pode-se enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro?

No primeiro questionário vinte e dois alunos afirmaram que não e apenas dezasseis dos alunos mencionaram uma razão para não o dever fazer. Um aluno respondeu afirmativamente, mas justificando com “Não sei”.

No segundo questionário obteve-se 100% de respostas negativas. Houve ainda um acréscimo de justificações ligadas a aspetos morais, relativamente às respostas alegando motivos legais. Os alunos revelaram, assim, uma consciência maior em relação à ética que se deve ter nas relações financeiras.

Questão 13 do 1.º questionário/questão 10 do 2.º questionário.

É importante aprender a usar o dinheiro? Porquê?

No primeiro questionário vinte e dois alunos, responderam afirmativamente, enquanto que no segundo todos os alunos o fizeram. E todos justificaram com respostas relacionadas com a preocupação com o futuro, a noção de desperdício e desconhecimento do uso do dinheiro à semelhança das respostas iniciais. A diferença é que no primeiro questionário ainda houve duas respostas afirmativas sem justificação, no segundo todos os alunos conseguiram justificar.

A análise comparativa dos questionários possibilita avaliar a evolução dos conhecimentos dos alunos em função da proposta didática. Os conhecimentos obtidos no primeiro questionário foram razoáveis. No entanto, houve uma evolução significativa nos conhecimentos dos alunos tanto a nível da compreensão e diferença entre o necessário e supérfluo, conceito que desconheciam, mas ao longo da proposta didática e do segundo questionário já aplicavam de forma adequada. Os conhecimentos sobre a moeda e outros países com moedas diferentes que também evoluiu muito. Os conhecimentos sobre compreender a importância da ética nas questões financeiras e sobretudo, compreender a importância da poupança e quais os seus objetivos. As respostas dos alunos ao longo do segundo questionário foram mais esclarecedoras do que em relação ao primeiro em que eram mais curtas e vagas.

É importante salientar que apesar de se verificarem razoáveis alterações em relação aos conhecimentos obtidos pelos alunos não se conseguiu certificar as alterações em relação aos comportamentos face ao dinheiro. Este facto suporta a ideia que a educação financeira tem que ser abordada ao longo do tempo para que se consigam obter mudanças significativas. É muito importante que se aumente o conhecimento sobre o tema e a sensibilidade para o mesmo, mas a mudança de atitude no dia a dia não acontece de forma repentina, é essencial um trabalho sistemático, abordado de diferentes perspetivas e desde muito cedo.

Conclusões

Nesta secção são apresentadas as conclusões do estudo dando-se resposta à questão orientadora definida inicialmente e respetivos objetivos, são identificadas as limitações do trabalho e apresentadas as recomendações para futuras investigações.

A preocupação com a literacia financeira dos cidadãos é cada vez mais iminente. Um dos motivos que leva vários países e organizações mundiais a debruçar-se sobre este aspeto de formação dos cidadãos é a difícil conjuntura económica que, de forma global, se está a atravessar, e que revela a falta de formação em educação financeira por parte da população. É por isso, essencial, dotar os jovens de capacidades financeiras que lhes permitam fazer face às necessidades da sociedade atual. No entanto, este processo educativo que pretende auxiliar os consumidores a orçar e a gerir, a poupar e a investir é um processo demorado, complexo, que exige um trabalho sistemático e prolongado para que os resultados se tornem visíveis. Vivemos numa sociedade de consumo, em que as ofertas e possibilidades do sistema financeiro são cada vez mais complexas e é imprescindível adquirir conhecimentos para que se possam tomar decisões conscientes, informadas, fundamentadas e seguras. Assim sendo, todas as ações que são desenvolvidas nesse sentido merecem ser encaradas como caminho percorrido em direção ao objetivo de formar cidadãos cada vez mais habilitados para as questões financeiras, por mínimas que possam ser.

O reconhecimento da importância da educação financeira levou à criação do PNFF que evidencia a necessidade de se “promover a adoção de comportamentos financeiros adequados” (PNFF, 2011, p.3) sendo um dos cinco objetivos deste instrumento precisamente “Desenvolver hábitos de poupança” (p.11). A consciencialização para a importância da poupança toma ainda mais destaque quando se verifica que o nível de endividamento da população tem vindo a aumentar nos últimos anos (Banco de Portugal, 2011). Desta forma, se destaca o valor da aprendizagem das questões financeiras para se conseguir alcançar a consciencialização para a poupança desde tenras idades.

Este estudo partiu, por isso, da seguinte questão orientadora: se as crianças não têm a oportunidade de aprender a usar o dinheiro, como irão então aprender livremente a optar pela poupança? E foram definidos quatro objetivos: 1-Identificar o conhecimento prévio dos alunos relativamente a aspetos financeiros básicos; 2-Desenvolver a capacidade de resolver problemas envolvendo dinheiro, tomando decisões justificadas; 3-Identificar dificuldades dos alunos face às tarefas propostas; 4-Desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a

exploração de conteúdos relativos à poupança. Para se concretizarem os objetivos pretendidos foi realizada uma proposta didática com oito tarefas.

No que refere ao 1.º objetivo - *Identificar o conhecimento prévio dos alunos relativamente a aspetos financeiros básicos* – o questionário inicial possibilitou perceber que os alunos revelam ter razoáveis conhecimentos prévios sobre Educação Financeira. Embora as respostas dadas se mostrem curtas e pouco desenvolvidas, e parte deles evidencie não poder gastar dinheiro do seu mealheiro, têm presentes alguns conceitos importantes. É visível que sabem exemplificar bens necessários e bens supérfluos, consideram importante poupar e não gastar em tudo o que têm vontade. No entanto, parte deles não gasta dinheiro, não o manipula e isso é fundamental para tomar opções conscientemente. Relativamente ao tema do REF (MEC, 2013 b), Planeamento e Gestão do Orçamento e Ética os alunos revelam ter razoáveis conhecimentos prévios. Em relação ao tema Sistemas e Produtos Financeiros Básicos os conhecimentos são mais reduzidos, pois nem todos os alunos sabem qual a moeda nacional, e os seus conhecimentos acerca das moedas que existem noutros países são muito reduzidos. Apenas um aluno revelou conhecer um país com outra moeda para além do Euro e qual o seu nome.

No que refere ao 2.º objetivo - *Desenvolver a capacidade de resolver problemas envolvendo dinheiro, tomando decisões justificadas*; e 3.º - *Identificar dificuldades dos alunos face às tarefas propostas* – as tarefas delineadas pretendem fazer face a ambos os objetivos, na medida, em que se pretendeu desenvolver a capacidade de resolver problemas que envolviam dinheiro e, ao mesmo tempo, verificar as dificuldades e as diferentes estratégias utilizadas pelos alunos. A primeira tarefa partiu de expressões produzidas anteriormente pelos alunos, numa atividade relacionada com a data comemorativa de 5 de outubro, em que os alunos fizeram referência a situações relativas a dinheiro, como um recurso importante. Deu-se início à abordagem do tema da educação financeira de uma forma contextualizada partindo da discussão grupal dessas frases já escritas pelos alunos. Vários conceitos importantes foram abordados para o trabalho da educação financeira nesse momento. As expressões escritas pelos alunos permitiram um diálogo partilhado onde se aprofundou a diferença entre querer e precisar, a importância do emprego e do trabalho como fonte de rendimento, a importância do doar, a introdução da palavra “supérfluo” desconhecida dos alunos, evidenciar a moeda enquanto meio de pagamento e destacar a importância da poupança para se poder alcançar objetivos e solucionar imprevistos. Os alunos ao longo do diálogo partilharam opiniões, deram exemplos de situações em que já doaram, deram exemplos de bens que se podem adequar a despesas necessárias e supérfluas e reconheceram a importância do dinheiro na sociedade em que vivem.

Na segunda tarefa a questão da poupança foi mais evidenciada e aprofundada pelos alunos, que conseguiram destacar os três grandes motivos pelos quais se devem fazer poupanças. Como refere a Marques (2014) existem três grandes motivos para se dever poupar: poupar para fazer face a situações imprevistas; poupar para acautelar o futuro e poupar para que seja possível a realização de sonhos que envolvam dinheiro. Os alunos, mesmo sem conhecerem esses três motivos, escreveram sobre a importância de poupar e conseguiram evidenciar essas três razões. Alguns alunos até mencionaram mais do que uma única razão.

Na terceira tarefa foi abordada de forma resumida o meio de pagamento ao longo da história, pois os alunos já tinham conhecimento da história da moeda, e aprofundada informação sobre o euro na Europa. Os alunos tinham muito pouco conhecimento dos países que usavam ou não o euro como moeda oficial e que outras moedas existiam em determinados países. Através do jogo interativo – Guito: gerir e poupar – os alunos tomaram conhecimento, dos países que pertencem à Europa, dos que pertencem à União Europeia e ainda dos que pertencem à zona Euro. Desta forma, interativa e divertida, foram diferenciados estes três conceitos e os alunos aprofundaram os conhecimentos acerca das moedas utilizadas nos diferentes países da Europa.

Estas três tarefas permitiram que os alunos tomassem consciência da importância de tomar decisões pensadas e justificadas, no que refere ao ato de poupar e adquirir conhecimentos acerca da moeda. Partiu-se da construção desse conhecimento para a realização de tarefas seguintes (4, 5, 6 e 7) que pretendiam desenvolver a capacidade de resolver problemas que envolvessem dinheiro. Uma das dificuldades encontradas foi a interpretação dos enunciados, que é transversal a outras áreas, mas que em situações matemáticas se torna evidente. Para solucionar essa dificuldade foi importante ler o enunciado, questionar o aluno de forma a que ele percebesse o que era pedido e recorrer e insistir no trabalho de interpretação. Grande parte dos alunos também demonstrou muita dificuldade em representar cêntimos o que dificultava a realização de cálculos, e por isso, foi crucial um trabalho focado nesse sentido. É fundamental que os alunos saibam representar as verbas para não se enganarem a calcular. Por último, a dificuldade de calcular o tempo para se conseguir atingir determinado valor (tarefa 7), em função dos rendimentos, também ofereceu alguma resistência. Nesta tarefa, alguns alunos não diferenciaram os rendimentos obtidos semanalmente, mensalmente ou em situações esporádicas. Mencionavam um rendimento como semanal como no exemplo: “Todas as semanas fazer a cama: 2€” (aluno 8) mas depois só adicionavam o valor de uma única vez, como se tratasse de um rendimento esporádico. A questão do cálculo temporal mostrou-se difícil para os alunos nesse sentido, o que levou a que uma das estratégias criadas fosse a de optarem por mencionar os rendimentos alcançados durante um ano em

determinadas tarefas e adicionar os seus valores para determinar o que conseguiram amealhar num ano. A partir daí calculavam quantos anos demorariam a alcançar o objetivo. No entanto, é importante referir que na resolução das tarefas os alunos mostraram diversidade nas estratégias utilizadas. Uma das estratégias foi somar todos os rendimentos alcançados com cada tarefa e depois repetir algumas até chegar ao objetivo, ou colocar o valor de cada rendimento e multiplicar pelo número de vezes que iria realizar a tarefa e por fim adicionar os montantes obtidos. A partilha em grande grupo contribuiu para alargar os conhecimentos de cada um.

No que refere ao objetivo 4 - *Desenhar, implementar, refletir e avaliar uma proposta didática para a exploração de conteúdos relativos à poupança* – este estudo focou-se em abordar vários temas da educação financeira para alargar conhecimentos relativos à importância da poupança. O estudo foi desenhado na perspetiva de que é crucial desenvolver atividades no tema Planeamento e Gestão do Orçamento, Sistemas e Produtos Financeiros Básicos e Ética para que se aprenda a poupar de forma consciente, informada e segura.

Através da comparação dos questionários, e apesar de não se notar uma diferença muito significativa entre os resultados, foi notório a evolução dos conhecimentos dos alunos. Revelaram respostas mais concretas e mais esclarecidas sobre os diferentes temas e mais informados e muito mais sensíveis à importância da poupança. Apesar de não se conseguir afirmar que houve significativas alterações em relação aos comportamentos face ao dinheiro, notou-se evolução, no destaque que dão à importância da poupança, e os motivos pelos quais se deve poupar, a utilização de termos como “despesa supérflua” ou “despesa necessária” e a diferenciação do querer de precisar. O que permite suportar a ideia reforçada pela literatura (por exemplo a OCDE e o Banco de Portugal) que a educação financeira tem que ser abordada ao longo do tempo para que se consigam obter mudanças significativas. Este não é um processo imediato, é muito importante que se aumente o conhecimento sobre o tema, mas a mudança de atitude no dia a dia não acontece de forma repentina, é essencial um trabalho sistemático, abordado de diferentes perspetivas logo em idades jovens.

Quanto mais informação se tem sobre a realidade do mundo, nomeadamente no âmbito financeiro, mais facilmente se aprende a optar, pelo que nos traz mais vantagens a longo prazo. E para se aprender a poupar não só é necessário perceber a importância desse ato, mas também, é relevante compreender a planear e gerir um orçamento tendo acesso ao dinheiro e podendo experimentar, manipular e aprender a gastar. Sem a oportunidade de poder aprender a gastar o dinheiro é mais difícil a opção livre e consciente pela poupança. A OCDE (2013) define a Literacia Financeira como “o conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros e competência, motivação, confiança para aplicar esses conhecimentos, com o objetivo de tomar decisões concretas (...) e melhorar o bem estar financeiro dos indivíduos e da sociedade” (p.

p.144). Ter consciência da importância da poupança e aprender a poupar é fundamental para melhorar o bem estar financeiro de cada um.

Durante o desenvolvimento deste estudo foi notório que muitas crianças ainda não tinham a oportunidade de usar o dinheiro, de fazer compras com o dinheiro e por isso não tinham a oportunidade de optar informadamente, podendo decidir livremente pela poupança. Este estudo ajuda-nos a perceber a importância do uso do dinheiro por parte das crianças para que desenvolvam uma consciência para a poupança, sempre cientes dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações

No decorrer desta investigação foram encontradas limitações que influenciaram e encaminharam o estudo. Desde logo, os moldes em que a organização da própria Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) se caracteriza e ainda, a dimensão do tema deste estudo.

A PES II, desde logo, concede um curto intervalo de tempo para a realização da investigação. Sendo a limitação temporal um constrangimento à realização do estudo, possivelmente com mais tempo poderia usufruir de evidências mais significativas. Este curto intervalo temporal, se por um lado, contribuiu para a focalização da visão do investigador em algo mais específico que pode ser visto como facilitador para o trabalho, por outro lado, também evidenciou a dificuldade que é focar um tema amplo como este.

Outro aspeto a salientar é a alternância semanal da intervenção educativa com o par pedagógico que de certa forma quebra a continuidade do trabalho e reduz ainda mais o tempo da realização do estudo, mas que contribui e facilita aquando da recolha de dados no terreno. Estas limitações são travessais a grande parte dos estudos realizados no âmbito dos mestrados profissionalizantes nomeadamente em educação.

Sendo o 4º ano de escolaridade, à semelhança dos demais contextos, cada vez mais exigente em termos da extensão e cumprimento do currículo e o professor-investigador, inexperiente em ambas as matérias, pode ser encarado como uma limitação. Pensar, delinear e desenvolver um estudo ao mesmo tempo que se tem que planear e implementar as aulas em função dos conteúdos obrigatórios e sempre na tentativa de articular ambas as tarefas para que faça sentido no seu contexto em alguns momentos foi uma dificuldade.

No entanto, surgiram outras limitações consequentes das especificidades do próprio tema em causa. Educação financeira é ainda um tema escassamente tratado e abordado em idades tão tenras e não existe ainda resposta suficiente a esta necessidade que é visivelmente

emergente. Uma das limitações do estudo, nesse aspeto, é a falta de formação na área do investigador em causa que garantidamente lhe daria outra bagagem e uma visão mais clara e objetiva de como abordar este assunto. Esta é uma necessidade que pode ser contrariada com o aumento de iniciativas e projetos criados para formarem professores e educadores que priorizem temas atuais como este.

É também importante um trabalho sistemático e de preferência em associação com os encarregados de educação. Os alunos são constantemente confrontados com situações relacionadas com dinheiro no meio onde vivem e nas famílias a que pertencem. É essencial que haja uma articulação entre a escola e a família no sentido de fazer crescer atitudes corretas face à educação financeira. É essa articulação entre ambos os contextos, e a oportunidade dos alunos em contactar com o dinheiro que contribuirá para uma atitude mais consciente, informada e esclarecida de como ganhar, cuidar e saber gastar o seu rendimento. Neste sentido, uma sugestão para futuros estudos seria a realização de uma investigação em que se tentasse fazer um trabalho colaborativo entre a escola e a família. Um dos aspetos que se evidenciou neste estudo foi o de que apesar de todas as crianças terem mealheiro a muitas nunca lhes foi dada a oportunidade de gastar o seu dinheiro. Se não é dada às crianças a oportunidade de fazer escolhas pensadas, e de experienciar essas opções com o dinheiro do seu mealheiro como irão aprender a optar pela poupança por própria iniciativa? No futuro terão que ser responsáveis pela gestão das próprias finanças e é absolutamente fundamental que aprendam a fazer escolhos conscientes, pensadas, e com critério. Assim sendo, um trabalho colaborativo em que as famílias concordassem em fornecer aos filhos uma quantia periódica e em simultâneo se desenvolvesse a educação financeira nas escolas seria uma opção para se abrir um caminho nesse sentido. É importante que os alunos desde muito cedo aprendam a tomar decisões para que sintam as consequências e implicações das mesmas.

CAPÍTULO III-REFLEXÃO GLOBAL NO ÂMBITO DE PES I E PES II

Reflexão final da PES I e PES II

No âmbito da Unidade Curricular Prática Pedagógica Supervisionada I e II (PES I e PES II) diversas foram as aprendizagens efetuadas, umas de cariz mais teórico, no aprofundamento da literatura que fundamenta a prática pedagógica e do trabalho autónomo a fim de aperfeiçoar conhecimentos; outras de carácter mais prático, intervindo e no contexto formal no âmbito do pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico (1.ºCEB). Considerando, portanto, que é a mobilização e o cruzamento desses vários instrumentos/aprendizagens que potenciam o desenvolvimento enquanto futura profissional de educação nos diferentes contextos.

Assim sendo refletir sobre o trabalho desenvolvido ao longo desta etapa de formação de forma a traduzir as aprendizagens atingidas, bem como as competências elencadas nos DL 240 e 241 de 2001 que aprova o perfil geral e específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º CEB. Segundo o DL 241/2001 o educador de infância e o professor são responsáveis pela “conceção e desenvolvimento do respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (p.3). Por este motivo, a PES nos respetivos contextos tonou-se fundamental no desenvolvimento de forma significativa das diferentes exigências referidas por estes documentos. Esta aprendizagem foi construída em parceria com diferentes impulsionadores, os orientadores cooperantes, os supervisores institucionais e o par pedagógico, bem como através da postura reflexiva, indagadora assumida pela mestranda para edificar o seu desenvolvimento profissional. Como refere Roldão

O trabalho colaborativo tem condições para ser mais produtivo, na medida em que as interações sistemáticas e orientadas, descritas no plano das teorias da cognição, são essenciais à dinamização dos processos cognitivos e à sua progressão; por outro, a dinâmica de exposição do pensamento, discussão de dados e ideias, procura do consenso e superação de conflitos tendem a aumentar o grau de motivação dos participantes numa dada actividade, incentivando maior envolvimento na apropriação de novo conhecimento, na resolução de problemas e na construção de estratégias (2007, p. 26)

Foi crucial para o crescimento do referido perfil profissional da mestranda o processo de observação inicial. Pois, o exercício da profissão de educador e professor apoia-se, antes de mais, num processo de observação que “deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada e exigida pela prática quotidiana” (Estrela, 1990, p.29). Por esta razão, as três semanas de observação no terreno de ambos os contextos foram fundamentais para uma intervenção posterior melhor alicerçada. Neste sentido, foram criadas algumas ferramentas que permitiram efetuar uma observação —armada nomeadamente o

registo escrito: da caracterização e organização do espaço educativo e dos materiais existentes; do tempo dedicado a determinado tipo de função, de forma a perceber as rotinas de cada contexto; da organização do grupo nas diferentes tarefas e ainda a interação entre intervenientes de cada contexto observado.

O cruzamento das observações das formandas associadas ao diálogo com os orientadores cooperantes permitiu a obtenção de informações mais consistentes acerca do conhecimento dos contextos nas diferentes dimensões. Como sublinhavam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “a observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (MEC, 1997 p.25). Este processo foi importante para conhecer as capacidades, interesses, dificuldades e necessidades das crianças e, portanto, fundamentais para as etapas que se seguiram, nomeadamente a planificação das intervenções. Esta fase de planeamento das ações exigiu bastante dedicação da mestrandas, no sentido, de se realizar numa perspetiva em que partisse dos interesses e motivações das crianças, base essencial para uma adequada prática pedagógica, pois “A motivação para as aprendizagens sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças” (Formosinho, 2011, p.100).

No contexto pré-escolar tentou-se sempre que o foco fossem atividades que vão ao encontro da participação democrática das crianças e que as mesmas fossem chamadas a partilhar o seu pensamento e tomar decisões conjuntas, colocando-as como sujeitos do processo educativo. Formosinho (2011) defende a organização do ambiente educativo construído na base de dimensões, sendo uma delas a planificação com as crianças. Tendo por base o processo de observação, escuta e a negociação. Dando à criança o poder para se escutar, para escutar os outros e comunicar, promovendo assim uma aprendizagem experiencial cooperativa.

No âmbito do 1.º CEB também se tentou seguir a mesma perspetiva no sentido de articular os conteúdos programáticos, alicerçados na participação, no questionamento, em que as crianças fossem chamadas a partilhar o seu pensamento e a consolidar com trabalho escrito, pretendendo, por isso, partir dessa base para lhes proporcionar momentos de aprendizagem ativa, participativa e significativa num ambiente sereno e de tranquilidade. No entanto, nem sempre foi fácil conseguir esta envolvimento e conduzir as sessões sempre nesse sentido construtivo como o desejado. Vários foram os desafios encontrados ao longo deste período de formação. Inicialmente, a preocupação com o cumprimento do plano e a gestão do tempo, mas que com a prática foi diminuindo e substituído pela necessidade maior de que as crianças retirassem aprendizagens significativa das atividades, e fossem ao encontro dos seus interesses e motivações espontâneas. A planificação é importante porque “orienta a ação futura” (Diogo,

2010, p.65) todavia, uma das suas características é a “flexibilidade: a planificação didática deve ser suficientemente flexível para que possa ajustar-se às circunstâncias e acontecimentos da sala” (Fernando Diogo, 2010 p.65). Esta realidade esteve muito presente no contexto, várias foram as ocasiões em que houve necessidade de se proceder a alterações seguindo os interesses das crianças e ajustando os objetivos ao rumo que as situações proporcionaram. A gestão do grupo também foi uma dimensão que ofereceu alguns desafios, pelo facto de serem grupos heterogéneos, com particularidades individuais e necessidades distintas. Estas dificuldades são próprias desta fase de formação, mas a colaboração dos orientadores cooperantes e do par pedagógico foram importantes para o crescimento profissional desejável.

A prática pedagógica intensiva durante duas semanas, foi, sem dúvida, um aspeto a salientar como positivo, pois é fundamental para a formação profissional a perspetiva do contexto na íntegra. Só participando e intervindo sem interrupção é que se consegue perceber coerentemente a rotina de forma global do contexto. Contudo, no contexto de pré-escolar essa experiência não foi possível inteiramente. Devido a obras no telhado as crianças do jardim de infância tiveram que ser transferidas para outro local o que veio alterar as rotinas a que as crianças estavam habituadas. Desta forma, não foi possível usufruir das totais vantagens do exercício de uma semana intensiva e dirigir rotinas que são específicas dos restantes dias da semana numa situação regular. Relativamente ao 1.º CEB foi importante perceber as rotinas que se mantêm diariamente, mas também as atividades que são específicas dos vários dias da semana, e planear para uma semana inteira torna mais evidente o real trabalho de um professor.

É importante referir o projeto de empreendedorismo que foi desenvolvido em contexto pré-escolar e que consistiu na criação de um jardim na escola intitulado “Jardim Mágico das Flores” que acabou por se alargar à comunidade escolar e contou com a colaboração de encarregados de educação, Junta de Freguesia e Câmara Municipal. As crianças fizeram sementeiras, trataram das plantas, convidaram os colaboradores, pintaram pneus, construíram um protótipo e com a colaboração de todos construíram um jardim reutilizando pneus.

Segundo Oliveira e Serrazina (2002), vários são os autores que defendem que o poder da reflexão sobre a prática é catalisador de melhores práticas pois, “É ao refletir sobre a ação que se consciencializa o conhecimento (...) e se reformula o pensamento” (p.4). Sendo este o primeiro passo para quebrar rotinas, possibilitar a análise de opções dependendo da situação e reforçar a sua autonomia (Cardoso, Peixoto, Serrano e Moreira, 1996). De acordo com Dewey (1910, referido por Alarcão, 1996), a função do pensamento reflexivo, é o de transformar uma situação complexa numa situação que seja clara e coerente. Ser capaz de analisar as suas práticas, consciencializando as possíveis falhas e lacunas para, em consequência, encontrar

novas formas de agir, no sentido da sua progressiva melhoria e desenvolvimento. Foi neste sentido que ao longo deste processo formativo se deveram as várias etapas reflexivas. Sempre que se reflete sobre a prática, o conhecimento amplia-se, reestrutura-se e promove a aquisição de novos conhecimentos que potencializam o melhoramento de situações futuras (Silva, 2011). Desta forma a reflexão é vista como um instrumento de formação, transformação e desenvolvimento através do qual se pode melhorar e tornar mais consciente a prática profissional. Como tal, para Alarcão e Roldão (2008), a reflexão é considerada como “promotora do conhecimento profissional, na medida em que implica o questionamento permanente de si mesmo e das ações” (p.30). Nesta linha de pensamento, a reflexão assume-se como uma postura que o docente deve adotar para se tornar um melhor profissional, e é a esta razão que se deveu os vários momentos reflexivos ao longo do trabalho desenvolvido na prática pedagógica. Esta perspetiva foi fundamental para identificar o evoluir no meu processo de formação profissional, identificar os meus pontos fortes para os solidificar e investir neles mas, também, reconhecer os pontos fracos e perspetivar estratégias de os superar e aprender com os erros. Pois, e como refere Freire:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (1991, p. 32)

Em suma, a PES I e a PES II, foram sem dúvida etapas fundamentais de aprendizagem prática e articulação teórica sobre a experiência pedagógica, mas as aprendizagens não se encerram. A formação contínua, a vontade de conhecer e saber mais, a recetividade a novas perspetivas, a capacidade reflexiva e o trabalho em colaborativo são essenciais enquanto profissional de educação.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I. & Roldão, M. C., (2008). *Supervisão um contexto de desenvolvimento profissional de professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Alarcão, I., (1996). Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores, in Alarcão, I. (Org.) *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão* (pp.11-36). Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I., (2001). *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Aritmed Editora.
- Almeida, L., & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. (7ª ed.) Lisboa: Editora McGraw-Hill.
- Banco de Portugal. (2010). *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa*. Lisboa.
- Banco de Portugal. (2011). *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa 2010*. Acedido em 12 de abril de 2016 em: <https://www.bportugal.pt/pt-PT/OBancoeoEurosistema/ComunicadoseNotasdeInformacao/Documents/RelatorioInqueritoLiteraciaFinanceira.pdf>
- Banco Central do Brasil. (2014). *Semana Nacional de Educação Financeira: Orientar para a educação financeira nas escolas*. BCB.
- Beuren, I. M., (2003). *Como elaborar trabalhos bibliográficos em contabilidade: Teoria e prática*. São Paulo: Atlas.
- Blanchet, A., Ghiglione, R., Massonnat, J., & Tragnon, A. (1989). *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Narcea
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., & Taylor, S. (1986). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: La búsqueda de significados*. Buenos Aires. Editorial Paidós.
- Boyer C. B. (1974). *História da Matemática*. São Paulo: Editora Edgard Blucher
- Campos, M. B. (2012). *Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: uma análise da produção de significado*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Cardoso, A. M., Peixoto, A. M., Serrano, M. C., & Moreira, P. (1996). *O movimento de autonomia do aluno: Estratégias a nível da supervisão*. In I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 89-122). Porto: Porto Editora.
- Carneiro, A. (2003). *Evolução e controlo do ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Carrilho, P., (2008). *O seu primeiro milhão: como poupar e fazer crescer o seu dinheiro*. Alfragide: Lua de Papel.
- Charoux, O.M.G., (2006). *Metodologia: processo de produção, registro e relato do conhecimento*. 3ª Edição. São Paulo: DVS Editora.
- Comité Nacional de Educação Financeira (2013). *Educação Financeira nas escolas: ensino médio: livro do professor*. Brasília: ConNEF. Acedido em 3 de junho de 2016: http://www.cdcc.usp.br/cda/PARAMETROSCURRICULARES/MEEnsinoMedio/professor_b1_2014.pdf
- Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. (2011). *Plano Nacional de Formação Financeira 2011-2015*. Lisboa.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- D´Aquino, C. (2008). *Educação Financeira. Como Educar o Seu Filho*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Diogo, F. (2010). *Desenvolvimento Curricular e Planificação*. Porto: Plural Editores.
- Domingos, R., (2013) *Educação Financeira e sustentabilidade caminham juntas*. Acedido em 12 de abril de 2016: <http://www.infomoney.com.br/blogs/financas-em-casa/post/3090896/educacao-financeira-sustentabilidade-caminham-juntas>
- Decreto-Lei n.º240/2001, de 30 de agosto. *Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores ensino básico e secundário*. Diário da República – I Série – A. N.º201.
- Decreto-Lei n.º241/2001, de 30 de agosto. *Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico*. Diário da República – Série I – A. N.º201.
- Decreto – Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. *Princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário*.
- Decreto – Lei n.º 176/2014. *Introdução da disciplina de Inglês no currículo, como disciplina obrigatória*. Diário da República n.º 240/2014, Série I de 2014-12-12
- Erickson, F., (1986). *Qualitative methods in research on teaching*. Acedido em 5 de julho de 2016: http://courses.education.illinois.edu/ci550/course_materials/Frederick_Erickson_Article.pdf
- Estrela, A., (1990). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Ferreira, A. M. (2015). *Educação Financeira e Matemática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Formosinho, J. O. (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia em Participação Coleção Infância*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores - Aprendizagem profissional e ação docente*. Porto: Porto Editora.

- Freire, P., (1991). *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora.
- Freixo, M., (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hargreaves, A. (1994). *Changing Teachers, Changing Times. Teachers' Work and Culture in the Postmodern Age*. London: Cassell
- Hernández Sampieri, R., Fernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: McGrawHill.
- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (2.ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Machado, J. (2006). *As crianças e o dinheiro: aprendendo com a fábula da cigarra e da formiga*. Acedido em 3 de maio de 2016 na web site do Planeta Educação: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=686>
- Marconi, M. A, & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de Pesquisa*. (5ª ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Marques, R., Roldão, M. (1995). *Reorganização e Gestão Curricular no Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Marques, R. G. (2014). *Aflatoun: A Literacia financeira infantil para mudar o mundo*. Acedido em 23 de junho de 2016, de Saldo Positivo: <http://saldopositivo.cgd.pt/aflatoun-literaciafinanceira-infantil-para-mudar-o-mundo/>
- McMillan, J. H., & Schumacher, S. (2010). *Research in Education. Evidence-Based Inquiry*. New Jersey: Pearson.
- Miguelles, C. (2004). *Pesquisa: Por que administradores precisam entender disso?*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais.
- M.E.C. (2004). Programa de Estudo do Meio. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: M.E.C.
- M. E. C., (2013). *Programa e Metas Curriculares de Matemática do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (2013 a). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (2013 b). *Referencial de Educação Financeira para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico, o Ensino Secundário e Formação de Adultos*. Lisboa: M.E.C.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Nascimento, M. (2015). *Educação Financeira no Ensino da Matemática: um estudo de caso do Ensino Básico*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

- OCDE. (2004). *Financial Market Trends: Finance and investimento*. Acedido em 16 de julho de 2016: <http://www.cedem.org/Base%20Documentos/FinancialMarketTrends/FMT87.pdf>
- OCDE. (2005). *Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness*. Acedido em 30 de junho: <http://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>
- OCDE. (2012). *Financial Education in Schools*. Acedido em 30 de junho: https://www.oecd.org/finance/financial-education/FinEdSchool_web.pdf
- OCDE (2013). PISA 2012 Financial Literacy Framework. OCDE: Assessment and Analytical Framework
- Oliveira-Formosinho, J. et al. (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância – construindo uma práxis de participação*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Oliveira, I., & Serrazina, L. (2002). *A reflexão e o professor como investigador in: GTI – Grupo de Trabalho de Investigação, (Org), Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 29-42). Lisboa: APM
- Pappas, T. (1998). *Fascínios da Matemática: a descoberta da matemática que nos rodeia*. Lisboa. Editora Replicação.
- Patton, M. (2011). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. London: Sage Publications.
- Pina, J., Ferreira, R. (2014). *Educação Financeira e Empreendedorismo para os primeiros ciclos da aprendizagem*. Lisboa: Escobar Editora.
- Porto Editora. (2003). *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto: Porto Editora.
- Prado, R. S. (2013). *Educação Financeira no Ensino Fundamental I*. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rahmandoust, M., Shah, I., Norouzi, M., Hakimpoor, H. & Khani, N. (2011). *Teaching financial literacy to entrepreneurs for sustainable development*. OIDA International Journal of Sustainable Development, 61-66.
- Roldão, M. (2007). *Colaborar é preciso – Questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores*. Noesis (71). Lisboa: Ministério da Educação.
- Roldão, M.C. (1999) *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspectiva e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.
- Santos, B. (2006). *Este consumo que nos consome (Olhares sobre a sociedade de consumo atual)*. Porto: Campo das letras.
- Savoia, J. Saito, A., & Santana, F. (2007). *Paradigmas da educação financeira no Brasil*. Acedido em 26 de fevereiro de 2016: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>

- Schagen, S. (1997). *The evaluation of Natwest Face 2 Face with Finance*, National Foundation of Education Search.
- Sapunaru, R., Santiago, D., & Vieira, M. (2014). *Uma breve introdução às filosofias da lógica e da matemática de Bertrand Russell: conceitos e inferências a partir do número*. Acedido em 15 de abril de 2016: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/abakos/article/view/6863/8129>
- Silva, A., & Powell, A. (2013). *Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica - XI Encontro Nacional de Educação Matemática*. Curitiba.
- Silva, J., & Bustamante, A. (2009). *Crianças e um futuro menos endividado*. Acedido em 26 de fevereiro de 2016: http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/josiane_aline_tcc.pdf
- Silva, M. (2011). *Da prática colaborativa e reflexiva ao desenvolvimento profissional do educador de infância*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Educação Física de Lisboa.
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (2001). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte, LDA.
- Szto, P., Furman, R., & Langer, C. (2005). *Poetry and photography: An exploration into collaborative research processes*. *Qualitative Social Work: Research and Practice*, 4(2), 135-156
- Thomaz, L., Oliveira, R., (2009). *A educação e a formação do cidadão crítico, autónomo e participativo*. Acedido em 15 de abril de 2016: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1709-8.pdf>
- UNESCO. (2005). *Aspects of Literacy Assessment: Topics and issues from the UNESCO*. Acedido em 22 de junho de 2016: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001401/140125eo.pdf>
- Varinhos, V. M. (1996). *Elementos de probabilidade e estatística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Yin, R. K. (2009). *Case Study Research: design and methods*. London: SAGE.

Anexos

Anexos 1- Planificação de referencia			Data: 2 de novembro de 2015		
Ano /Turma:4ºB			Período: 1º		
Mestrando: Daniela Rodrigues e Natália Pontes			Período: 1º		
Temas /Conteúdos /Blocos	Competências/ Objetivos específicos/ Objetivos gerais/ Descritores	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho (incluir aprendizagens prévias se relevante)	Materiais/re cursos/espacos físicos	Tempo	Avaliação
Dia da semana: Segunda Feira					
<p>Português <u>Leitura e escrita</u></p>	<p>16. Redigir corretamente; 16.1 utilizar uma caligrafia legível</p>	<p>No decorrer da PES, a professora estagiaria irá avaliar mediante uma grelha de observação (anexo 1) o desempenho dos alunos de acordo com os critérios de avaliação definidos. Será também registado quem fez o trabalho de casa numa folha de registo para o efeito (anexo 2), bem como a participação (anexo 3).</p>	<p><u>Espaco físico:</u> Sala de aula</p>	<p>10min (09:00-09:10)</p>	<p>Escreve corretamente o sumário e o abecedário em letra maiúscula e minúscula. Utiliza uma caligrafia legível</p>
<p>Matemática <u>Números e operações</u></p>	<p>Adicionar mentalmente dois números naturais Efetuar mentalmente subtrações de números naturais Efetuar mentalmente multiplicações de números com um algarismo Efetuar mentalmente divisões exatas de números naturais</p>	<p>A aula tem inicio com as rotinas diárias. Um dos alunos vai ao quadro escrever o sumário que é ditado pela professora estagiária e todos passam para o caderno.</p> <p>Iniciar-se-á o jogo “Quem quer ser matemático”, um jogo para trabalhar o cálculo mental que será realizado todos os dias. O jogo funciona como um concurso onde é lançado um desafio de cálculo mental a cada criança e esta terá 30 segundos para responder, controlado pelo temporizador. Por cada resposta correta, é atribuído um ponto a ser apontado numa folha de registo (anexo 4). Contudo, se a resposta for imediata têm direito a dois pontos. No final de cada semana são contabilizados os pontos. O aluno que obtiver mais pontos é-lhe atribuído o título de “Matemático da semana” e é colocado na sala a sua fotografia (anexo 5) e recebem um autocolante educativo para colocarem no caderno (anexo 6). Exemplos de desafios de calculo mental: 7x8, 5x3, 10+5, 56:2, 80:2, etc.</p>	<p><u>Recursos:</u> Quadro; Giz; Caderno diário; Lápis e caneta;</p> <p>Temporizador; Folha de registo de pontuação;</p>	<p>15min (09:10-09:25)</p>	<p>Efetua mentalmente operações de multiplicar, somar, subtrair e dividir</p>
<p>Português <u>Educação Literária</u></p>	<p>23. Ler e ouvir textos literários</p>	<p>A professora estagiária começa por projetar a capa do livro intitulado “Era uma vez um Rei ... Afonso Henriques, o Conquistador” (anexo 7). E o diálogo parte da descrição do que veem na figura e da partilha do que sabem sobre a personagem dessa historia.</p>	<p>Power point</p>		<p>Expressa as suas opiniões</p>

<p>Português <u>Oralidade</u></p>	<p>24. Compreender o essencial dos textos escutados</p>	<p>- Sobre quem será esta história? - O que sabem sobre Afonso Henriques? - Que assuntos poderão ser tratados nesta história? Depois do diálogo, segue-se a audição da História na sua totalidade.</p>	<p>“era uma vez um rei...”</p>	<p>15min (09:25-09:40)</p>	
<p><u>Leitura e Escrita</u></p>	<p>24.8 Recontar histórias lidas;</p>	<p>Posteriormente será feito o reconto oral com a colaboração dos alunos. Um aluno começa a recontar e outro continua assim que solicitado pela professora. Caso algum aluno ultrapasse algum dado importante e não se lembre outro colega colabora no sentido de completar essa ideia.</p>		<p>10 min (09:40 – 09:50)</p>	<p>Reconta a história</p>
<p><u>Gramática</u></p>	<p>25. Compreender o essencial dos textos escutados e lidos</p>	<p>Que tipo de texto é o que acabamos de ler? (texto narrativo) Quais as características do texto narrativo? (Existência de um narrador - participante ou não participante, Personagens, tempo, espaço, ação) O que é um texto narrativo? (É um texto em que um narrador relata uma sequência de acontecimentos vividos pelos personagens, num determinado tempo e num determinado lugar.) Quais são as partes do texto narrativo? (Introdução – apresentação das personagens (quem), espaço(onde) e tempo (quando) desenvolvimento (acontecimentos) e conclusão (desfecho).</p>		<p>10min (09:50-10:00)</p>	<p>Expressa oralmente as suas ideias</p>
<p><u>Gramática</u></p>	<p>5. participa em atividades de expressão oral</p>	<p>A professora distribui o texto em papel para os alunos para que possam identificar:</p>	<p>Texto em papel da história</p>		<p>Reconhece as características do texto narrativo</p>
	<p>24. Compreender o essencial do texto escutado e lido - Reconhecer características essenciais do texto narrativo</p>	<p>As três partes do texto narrativo. As personagens da História, distinguindo a principal das secundárias Os acontecimentos da ação O espaço (Condado Portucalense) O tempo (quando Afonso Henriques era crianças) Estas questões serão respondidas também por escrito no preenchimento de uma tabela (anexo 8)</p>	<p>23 folhas de registo;</p>	<p>15min (10:00 – 10:15)</p>	<p>Compreende o essencial dos textos através do reconto</p> <p>Delimitar a introdução, desenvolvimento e conclusão.</p>

Intervalo – 10:30h às 11:00 h					
Piscina – 11:00h às 12:30h					
Almoço – 12:30h às 14:00h					
Português <u>Gramática</u>	29.Reconhecer classe de palavras	<p>Após o almoço,</p> <p>A professora estagiária pede aos alunos para lerem os primeiros 5 parágrafos e tendo em conta o que aí é dito, fazer a descrição de Afonso Henriques. Começando da seguinte forma: "Afonso Henriques era uma menino...." (sonhador, destemido, aventureiro, corajoso, com personalidade muito forte ...)</p> <p>Os alunos partilham o que escreveram e a professora escreve algumas das palavras (adjetivos) que os alunos disserem no quadro.</p> <p>- A que classe de palavras pertencem? (adjetivos) O que são adjetivos? O Adjetivo expressa uma qualidade ou característica do ser e se aparece diretamente ao lado de um nome. Caracteriza o nome, indicando-lhe qualidade, defeito, estado, aparência ou condição.</p> <p>Ao analisarmos a palavra "corajoso" (por exemplo) para além de expressar uma qualidade ela pode aparecer ao lado do nome: Menino corajoso. Logo é um adjetivo.</p> <p>Exemplo contrário: Palavra "coragem" também expressa uma qualidade, no entanto, não faz sentido aparecer ao lado do nome: «Menino coragem». Logo não é adjetivo.</p> <p>Para que os alunos percebam a professora parte dos exemplos que os alunos escreveram e desafia-os a dizer se é um adjetivo ou não em cada caso.</p> <p>A fase seguinte é lembrar que os adjetivos podem ser qualificativos ou numerais A professora escreve a seguinte frase no quadro:</p> <p>Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal por ser homem valente.</p>	Texto em papel da história	20 min (14:00-14:20)	Reconhece os adjetivos
		20 min (14:20-14:40)		20 min (14:40-15:00)	

	29.1 adjetivo: qualificativo e numeral	<p>- Quais os adjetivos desta frase? (Primeiro- adjetivo numeral; valente – adjetivo qualificativo)</p> <p>- O que são então adjetivos qualificativos e numerais? Adjetivos qualificativos – São palavras que atribuem uma característica ou uma qualidade a um nome. Flexionam em género, número e grau. Adjetivos numerais – São palavras que expressam uma ordem ou uma sucessão. Flexionam só em número e género e surgem entre o(s) determinante(s) e o nome.</p> <p>A professora pede aos alunos para flexionarem os dois adjetivos em número e género para se confirmar.</p> <p>Ao fazerem este exercício os alunos reparam que “valente” não se flexiona em género (mulher valente/ Homem valente). A estes adjetivos dá-se o nome de Uniformes. Os adjetivos que se flexionam em género têm o nome de Biformes (exemplo a cima “corajoso”). Seguidamente os alunos realizam a ficha de exercícios com os adjetivos. (anexo 9) Resolução em grande grupo.</p> <p>Uma vez que os alunos têm diferentes ritmos de trabalho, podem surgir momentos em que estão desocupados ao longo das aulas, os “tempos mortos”. Nestes momentos, podem recorrer à leitura de um livro ou recorrer à caixa dos desafios (anexo 10). No seu interior terá vários papelinhos com desafios/questões/problemas matemáticos, de português e de estudo do meio. Para proceder à sua resolução será fornecida uma folha para o efeito (anexo 11).</p>	Recursos que já se encontram na sala (caixa com desafios e folha de registo)	20 min (15:00: 15: 20)	
OC (TIC) – 15:00h-16:00h					
Dia da semana: Terça- Feira					
Português <u>Leitura</u> e <u>escrita</u>	21. escreve textos diversos- banda desenhada	Rotinas da manhã	23 folhas para a realização do texto de BD	15min (09:00 – 09:15)	Reconhece as características da banda desenhada

<p>Expressão Plástica</p> <p><u>Desenho</u></p>	<p>Desenho adequado ao assunto</p>	<p>A parte da manhã será dedicada à criação da história “Era uma vez um rei ...” em banda desenhada (BD).</p> <p>- Ainda se lembram da História do dia anterior? (É relembrado o essencial) Para além do texto narrativo que vimos que outros tipos de texto conhecem? (Objetivo Banda desenhada) - O que é um texto em banda desenhada? - Que características tem?</p> <p>Depois de ouvir os alunos a professora mostra uma imagem de um pequeno texto em BD (anexo 12). E relembra com os alunos o nome que se dá a cada elemento (a uma página de BD dá-se o nome de prancha; uma prancha divide-se em tiras; cada tira divide-se em vinhetas (quadrinhos)).</p> <p>Caraterísticas linguísticas: Onomatopeias (indica a reprodução de sons ou ruídos naturais); Signos cinéticos (sinais de movimento); Corpo de letra (maior ou menor para indicar voz ou som mãos ou menos intenso)</p> <p>É distribuída a cada aluno uma folha com vinhetas para que transformem a história trabalhada no dia anterior em BD (anexo 13). Os alunos terão até ao intervalo para a realização do mesmo.</p> <p>Este trabalho será apresentado na quarta feira aos colegas.</p>		<p>20min (09:15 – 09:35)</p> <p>55 min (09:35- 10:30)</p>	<p>Escreve um texto em banda desenhada</p> <p>Faz os desenhos para a banda desenhada</p>
Intervalo – 10:30h às 11:00 h					
<p>Matemática</p> <p><u>Números e operações</u></p>	<p>1. Efetuar divisões inteiras até dois algarismos</p> <p>4. efetuar divisões inteiras utilizando o algoritmo</p>	<p>Depois do intervalo seguir-se-á a abordagem à temática da divisão.</p> <p>Primeiramente a professora projeta o seguinte problema no quadro interativo e distribui por os alunos o problema em papel para que colem no caderno. Pede a um dos alunos para ler o problema:</p> <p>1. Afonso Henriques Enquanto organizava a sua biblioteca separou 36 livros. Como poderá ele arrumá-los em caixas de forma a que cada caixa fique com o mesmo número de livros? De quantas caixas necessita? Quantos livros coloca em cada caixa?</p>	<p>Enunciados dos problemas</p>	<p>10min (11:00 – 11:10)</p> <p>20 min</p>	<p>Interpreta os problemas</p> <p>Descobre números divisores de um número</p>

	<p>7. Resolver problemas</p>	<p>Os alunos realizam mentalmente todas as possibilidades e registam no caderno. Exemplo: $36:9=4$ (se dividir 36 livros por 9 caixas obterei 4 livros em cada uma). A professora circula pela sala para perceber o raciocínio dos alunos e observar os resultados a que chegam (anexo 14).</p> <p>Depois de descobrirem que é possível dividir os livros por diferentes números de caixas e mantendo a regra de cada um ter o mesmo número de livros podemos afirmar que o número de caixas encontradas são números divisores de 36. Ou seja, 36 é divisível por 36; 18;12;9; 6;4; 3;2;1. E 36 é múltiplo dos mesmos. Os resultados serão escritos no quadro até esgotar todas as hipóteses. A professora salienta o significado de cada número (que número esta a representar as caixas? O que representa este número (...)).</p> <p>Continuação do problema 2.O primo do Afonso sabia que ele gostava muito de livros e ofereceu-lhe 124 livros distribuídos igualmente por 4 caixas. Quantos livros tinha cada caixa?</p> <p>Os alunos colam o enunciado no caderno e resolvem o problema. Seguidamente um aluno vem ao quadro resolve-lo. A professora questiona o aluno acerca do significado de cada número. O aluno explica os passos do algoritmo para que todos o relembrem.</p> <p>Continuação do problema 3.Afonso entendeu que o espaço da biblioteca era pequeno e precisava de uma nova divisão dos livros, visto que agora tinha os seus livros os livros oferecidos pelo primo e mais 16 livros de Egas Moniz. Conseguiu arranjar 8 caixas. Quantos livros vai por em cada caixa?</p> <p>Os alunos resolvem o problema no caderno e só depois corrigimos no quadro. O método é o mesmo dos anteriores (anexo 15- resolução dos 3 problemas).</p> <p>posteriormente será feito o exercício 3 do manual pág. 50 e é corrigida com os alunos em aula (anexo 16).</p> <p>Uns minutos antes de terminar a aula da manhã a professora distribui pelos alunos o seguinte enunciado:</p>		<p>(11:15 – 11:35)</p> <p>15 min (11:35 – 11:50)</p> <p>20 min (11:50 – 12:10)</p> <p>15 min (12:10 – 12:25)</p> <p>5 min (12:25 – 12:30)</p>	<p>Efetua algoritmos da divisão com um algarismo</p>
--	-------------------------------------	--	--	---	--

		O Afonso tem mais 4 problemas para resolver (anexo 17). Em cada problema que conseguirem ajuda-lo poderão tirar do saco dourado um envelope que só poderão abrir no fim. Se conseguirem todos os envelopes e passarem a fase seguinte podem abrir a sua caixa mágica (anexo 18). Vamos ajudá-lo.			
Almoço – 12:30h às 14:00h					
Matemática <u>Números e operações</u>	<p>1. Efetuar divisões inteiras até dois algarismos</p> <p>4. efetuar divisões inteiras utilizando o algoritmo</p> <p>7. Resolver problemas</p>	<p>A Professora começa a aula relembrando o enunciado que tinha distribuído. E explica o objetivo do jogo caso ainda hajam dúvidas. Seguidamente distribui uma folha com os 5 problemas de Afonso. À medida que todos os alunos vão fazendo os problemas serão corrigidos no quadro.</p> <p>Os alunos conseguirão fazer a primeira parte do 1º problema pois começa por uma adição/multiplicação até perceberem que o passo seguinte é dividir por dois algarismos. Nessa altura a professora salienta que este será um bom momento para o aprenderem. Chama um aluno ao quadro e à semelhança do que acontece com a divisão por um algarismo, temos que procurar um número que multiplicado pelo divisor “caiba” (seja menor) no dividendo. O aluno começa a fazer no quadro e os restantes acompanham na ficha distribuída, para que todos percebam a dinâmica desta operação. À medida que os alunos resolvem os problemas a professora tira as dúvidas no lugar e por último um aluno é escolhido para resolver o algoritmo no quadro explicando o seu raciocínio e sendo questionado pela professora. Caso os alunos tenham resolvido o problema de maneiras diferentes será também apresentado essas resoluções.</p> <p>Sempre que é solucionado um problema e todos percebem o procedimento um aluno tira do saco um envelope, que é afixado no quadro sem o abrir. Esta será uma motivação para o empenho no trabalho.</p> <p>Realizam todos os problemas.</p>	<p>1 saco</p> <p>5 envelopes com silabas em tamanho grande</p>	<p>10 min (14:00 – 14:10)</p> <p>20min (14:10 – 14:30)</p> <p>5 min (14:30- 14:35)</p> <p>65 min (14:35 15:40)</p>	<p>Efetua divisões inteiras de um algarismo</p> <p>Efetua divisões inteiras por um número, de um algarismo utilizando o algoritmo</p> <p>Resolve problemas interpretando -os</p>

		<p>Depois de resolverem todos os problemas os envelopes são distribuídos por 4 alunos aleatoriamente, que os vão abrir. Dentro dos envelopes estarão 4 sílabas (formato grande para se ver no quadro).</p> <p>As sílabas são afixadas no quadro e os alunos tentam adivinhar o adjetivo subjacente “Des-te-mi-do”. Depois de conseguir decifrar a palavra podem abrir a caixa mágica. Na caixa estará o símbolo de uma clave de sol.</p> <p>O que poderá dizer este símbolo? (a recompensa de Afonso é uma música que as crianças vão ouvir “Afonso nasceu valente” (presente na história de segunda feira, mas que ainda não tinham ouvido).</p> <p>Caso ainda haja tempo os alunos começam a realização da ficha da pág. 66 do manual (anexo 19).</p> <p>O que não for feito na aula será para trabalho de casa.</p>	Música (Afonso nasceu valente)	20 min (15:40 – 16:00)	
Dia da semana: Quarta – Feira					
Português <u>Gramática</u>	<p>28. Conhecer propriedades das palavras e explicitar aspetos fundamentais da morfologia e sintaxe</p> <p>28.3. Identificar os graus dos adjetivos e proceder à alteração em grau</p>	<p>Rotinas da manhã</p> <p>Depois das rotinas é retomada a sessão em que falamos dos adjetivos. A professora escreve no quadro a frase:</p> <p>A Maria é mais alta que a Francisca.</p> <p>E pede aos alunos para identificarem o adjetivo da frase?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Será que o adjetivo está no seu grau normal? - O que sabem sobre os graus dos adjetivos? <p>Neste caso faz-se uma comparação da altura da Francisca com a de outra menina e sempre que se faz uma comparação o grau do adjetivo varia.</p> <p>Grau comparativos de superioridade (mais...do que)</p> <p>Grau comparativos de igualdade (tão...como)</p> <p>Grau comparativos de inferioridade (menos ... do que)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o grau representado nesta frase? (Grau comparativos de superioridade) - Como ficaria a frase nos outros graus comparativos? 		15 min (09:00-09:15)	<p>Identifica adjetivos</p> <p>Identifica os graus dos adjetivos</p> <p>Procede à alteração dos adjetivos em grau</p>

		<p>Seguidamente a professora escreve a frase: O Avô do Manuel é muito alto</p> <p>Neste caso exprime-se a qualidade no grau mais elevado sem fazer comparações (grau superlativo absoluto)</p> <p>- Que grau será este? (grau superlativo absoluto analítico)</p> <p>- E na frase: "O avô do Manuel é altíssimo" alterava a qualidade no seu grau? (não, mantém-se superlativo, mas neste caso sintético)</p> <p>- E nesta frase: "O meu avô é o mais alto de todos os seus irmãos?" Neste caso indica uma qualidade, mas posiciona o nome na classe a que pertence.</p> <p>Depois da análise das frases no quadro segue-se a visualização de um power point com mais alguns exemplos em cada grau (anexo 20).</p> <p>Posteriormente é proposta uma ficha de consolidação sobre os graus dos adjetivos Ficha 26 do caderno de atividades (anexo 21). A professora circula pela sala dando apoio individualizado caso necessário.</p>		<p>40 min (09:15 – 09:55)</p> <p>15 min (09:55-10:05)</p> <p>20 min (10:10-10:30)</p>	
Intervalo – 10:30h às 11:00 h					
Português Gramática	28.3. Identificar os graus dos adjetivos e proceder à alteração em grau	<p>Correção da ficha realizada na sessão anterior.</p> <p>A aula começa pelo momento de leitura do texto da ficha pelos vários alunos. Segue-se a sua correção.</p> <p>Há medida que vão surgindo dúvidas sobre as questões será explicado novamente, recorrendo a exemplos.</p>		<p>45 min (11:00-11:45)</p> <p>45 min (11:45 – 12:30)</p>	<p>Identifica os graus dos adjetivos</p> <p>Procede à alteração dos adjetivos em grau</p> <p>Efetua divisões inteiras de dois</p>
Matemática Números e operações	7. Resolver problemas	Correção do trabalho de casa de matemática. Explorando os problemas e corrigindo no quadro questionando o raciocínio dos alunos.			

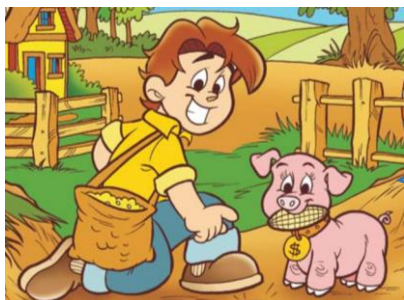
					algarismos utilizando o algoritmo e interpretando o problema
Almoço – 12:30h às 14:00h					
Estudo do meio O Passado Nacional	Conhecer personagens e factos da História Nacional	A sessão da tarde será destinada à apresentação dos trabalhos sobre os reis. Os alunos tiveram mais de um semema para pesquisar e preparar uma apresentação à turma de um rei. Desta forma, a aula iniciar-se-á com a apresentação do aluno que representa D. Afonso Henriques. Serão abordados temas como: as datas de nascimento e morte (que idade tinham quando morreram); O/s cônjuge/s; A descendência; Os feitos pelos quais são reconhecidos; E o cognome que ficaram conhecidos; O século em que viveu(...).	Pesquisa dos alunos acerca de cada rei	10 min (14:00-14:10)	Reconhece os reis da 1ª Dinastia
Português Oralidade	4. Produzir discursos com diferentes finalidades 5. Participar em atividades de expressão oral	Seguidamente será visualizado um vídeo “O Primeiro rei” (anexo 21) que retrata como Portugal deixou de ser Condado Portucalense e passou a nação. Depois desta apresentação segue-se a apresentação dos trabalhos sobre os reis da 1ª Dinastia por ordem cronológica. No fim de cada apresentação os alunos colocarão a imagem da foto de cada rei no século correspondente no friso cronológico criado na sala para o efeito. No fim da aula a professora projeta os textos de BD no quadro interativo e cada um vai ler o seu texto a turma.	Vídeo “O Primeiro Rei”	20 min (14:10-14:30) 50 min (14:30 – 15:20)	Reconhece Afonso Henriques como Rei responsável pela formação da nossa
				40 min (15:20 – 16:00)	Apresenta e expõe o seu texto de BD

Anexo 2 – Questionário Inicial

Questionário inicial sobre Educação Financeira

Nome: _____

Data ___/___/___



Olá! Eu sou o Eu Rico!

Todos os dias somos confrontados com situações relacionadas com o dinheiro.

Ajuda-me a perceber o que conheces sobre Educação Financeira.

Responde ao que se segue...

1. Tens mealheiro (peteiro)?

Sim

Não

2. Em que gastas o dinheiro do teu peteiro (mealheiro)?

3. Como consegues arranjar o teu dinheiro?

4. Assina-la com um X a opção correta.

Gastas o teu dinheiro porque:

tens necessidade, e só gastas mesmo no que precisas.

queres ter algo, mesmo que não seja essencial.

queres ter o mesmo que teus amigos têm.

5. Compras tudo o que te apetece? Porquê?

6. Dá exemplos do que é necessário comprar.

7. Dá exemplos do que é desnecessário comprar.

8. O que é poupar?

9. Costumas poupar?

Sim Não

Porquê?

10. Qual é a moeda que usamos no nosso país?

11. Conheces outro país com outra moeda oficial?

Sim Não

Se respondeste sim, qual é o país e a moeda?

12. Na tua opinião pode-se enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro?

Sim Não

Porquê?

13. É importante aprender a usar o dinheiro?

Sim Não

Porquê?

Anexo 3- Questionário Final

Questionário final sobre Educação Financeira

Nome: _____

Data ___/___/___



Olá! Eu sou o Eu Rico!

Todos os dias somos confrontados com situações relacionadas com o dinheiro.

Ajuda-me a perceber o que conheces sobre Educação Financeira.

Responde ao que se segue...

1. Como consegues arranjar o teu dinheiro?

2. Assina-la com um X a opção correta.

Gastas o teu dinheiro porque:

tens necessidade, e só gastas mesmo no que precisas.

queres ter algo, mesmo que não seja essencial.

queres ter o mesmo que teus amigos têm.

3. Compras tudo o que te apetece? Porquê?

4. Dá exemplos do que é necessário comprar.

5. Dá exemplos do que é desnecessário comprar.

6. O que é poupar?

7. Costumas poupar?

Sim Não

Porquê?

8. Qual é a moeda que usamos no nosso país?

9. Conheces outro país com outra moeda oficial?

Sim Não

Se respondeste sim, qual é o país e a moeda?

10. Na tua opinião pode-se enganar ou mentir para se poder ganhar dinheiro?

Sim Não

Porquê?

11. É importante aprender a usar o dinheiro?

Sim Não

Porquê?

12. O que é a educação Financeira?

13. O que aprendeste com a abordagem ao tema: Educação Financeira?

Anexo 4- Autorização

Estimado(a) Encarregado (a) de Educação,

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da minha integração no estágio que realizo com o grupo de alunos em que o seu educando se encontra, pretendo realizar uma investigação centrada na área curricular de Matemática.

Para a concretização da investigação será necessário proceder à recolha de dados através de diferentes meios, entre eles os registos fotográficos, áudio e vídeo das atividades referentes ao estudo. Estes registos serão confidenciais e utilizados exclusivamente na realização desta investigação. Todos os dados serão devidamente codificados garantindo, assim, o anonimato das fontes quando publicado.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe neste estudo, permitindo a recolha dos dados acima mencionados. Caso seja necessário algum esclarecimento adicional estarei disponível para esse fim.

Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Viana do Castelo, 9 de novembro de 2015

A mestranda

Natália Filipa Lima Pontes

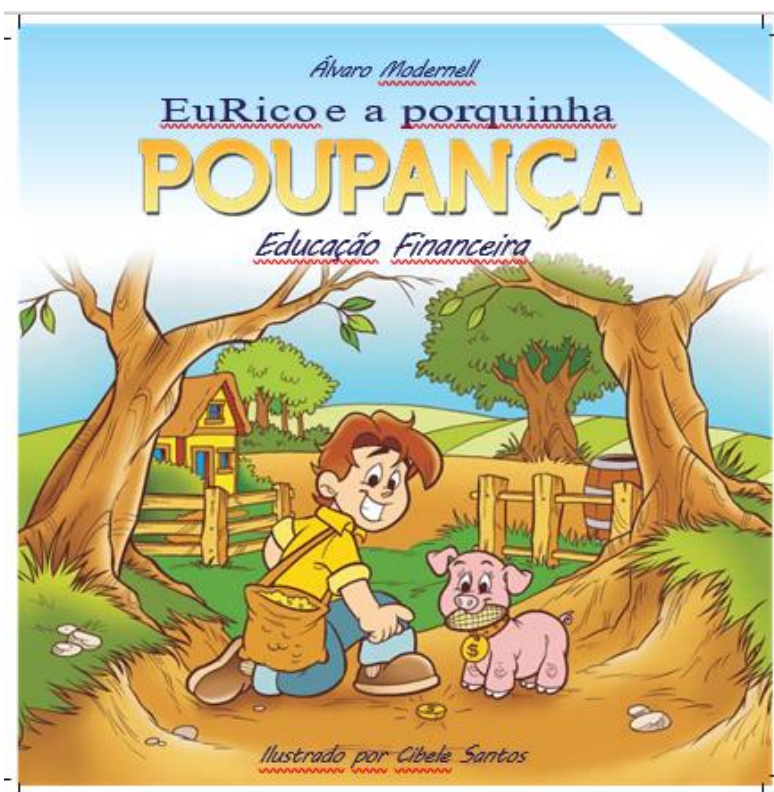
Eu, _____ Encarregado(a) de Educação do(a) _____, declaro que autorizo a participação do meu educando no estudo acima referido e a recolha de dados necessária.

Assinatura _____

Data _____

Obs.: _____

Anexo 5 - História “EuRico e a porquinha Poupança” (1ª parte)



Era uma vez um lugar muito especial, chamado Sítio da Prosperidade, cheio de plantas e animais, onde vivia o EuRico, um menino esperto e sonhador.



*EuRico era brincalhão, inteligente e cheio de energia.
Todos gostavam muito dele, inclusive os animais.*



O seu grande desejo era ter um cavalo, enorme e bonito. Mas os seus pais não o podiam comprar, porque não tinham dinheiro. Mesmo assim, o EuRico continuava a sonhar...

4

*EuRico era brincalhão, inteligente e cheio de energia.
Todos gostavam muito dele, inclusive os animais.*



O seu grande desejo era ter um cavalo, enorme e bonito. Mas os seus pais não o podiam comprar, porque não tinham dinheiro. Mesmo assim, o EuRico continuava a sonhar...

4

EuRico era brincalhão, inteligente e cheio de energia. Todos gostavam muito dele, inclusive os animais.



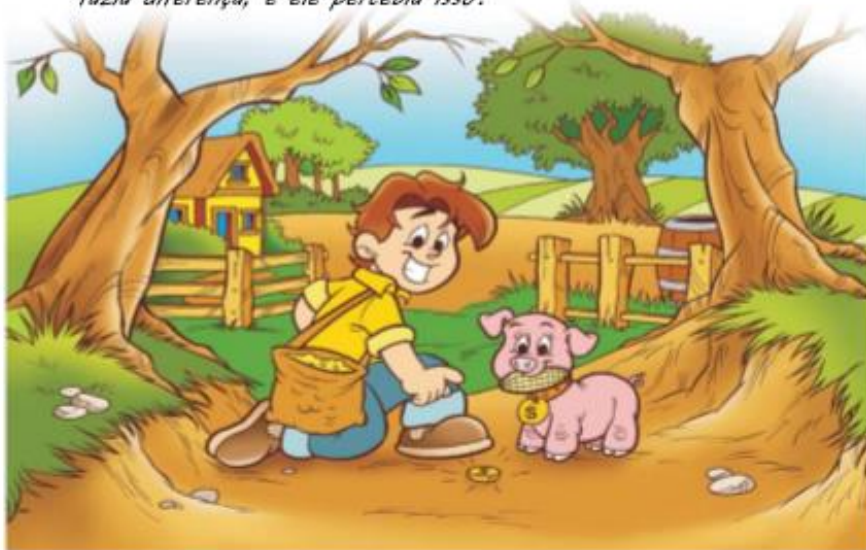
O seu grande desejo era ter um cavalo, enorme e bonito. Mas os seus pais não o podiam comprar, porque não tinham dinheiro. Mesmo assim, o EuRico continuava a sonhar...

4

Apesar de não ser exatamente o que ele queria, EuRico era um menino esperto e compreendeu a situação. Além do mais, a porquinha Poupança era muito simpática e companheira.



O tempo foi passando, e todos os dias o EuRico alimentava a Poupança, como o pai tinha recomendado. Cada grãozinho fazia diferença, e ele percebia isso.



Quando saía para brincar à caça dos tesouros, como gostava de fazer, EuRico juntava um grãozinho aqui e outro ali e guardava para a Poupança.

8

A Poupança passou a fazer parte da vida do Zequinha. Quanto mais o tempo passava, mais ela crescia e ficava cada dia mais forte.



A porquinha crescia e chamava a atenção. Todos queriam saber o que o EuRico fazia para a Poupança crescer tanto.

9



Um dia, a professora pediu que ele contasse aos colegas como a sua porquinha tinha ficado tão grande e tão bonita.

10

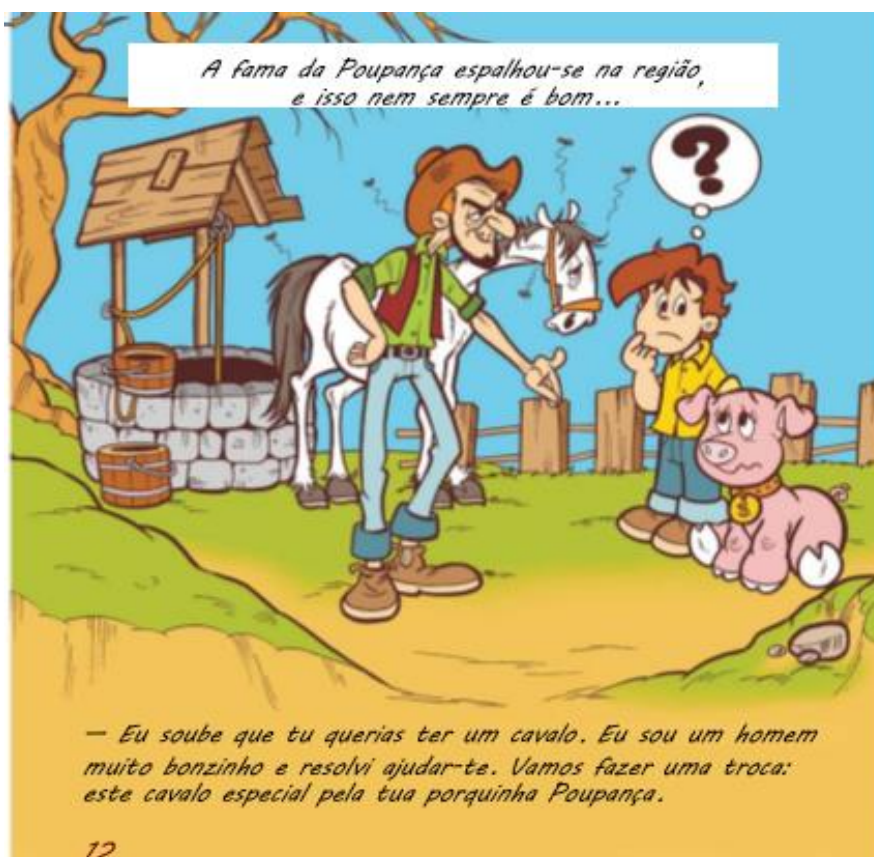
EuRico, todo orgulhoso, contou com simplicidade, demonstrando uma sabedoria pouco comum para uma criança do seu tamanho.



— A Poupança era tudo o que eu tinha. E eu nunca me esqueci do que o meu pai me disse: "Cuida bem da Poupança para ela crescer e ficar forte". Faz isso e um dia terás o teu cavalo e muito mais. Foi o que eu fiz.

11

Anexo 6 - História “EuRico e a porquinha Poupança” (parte 2)

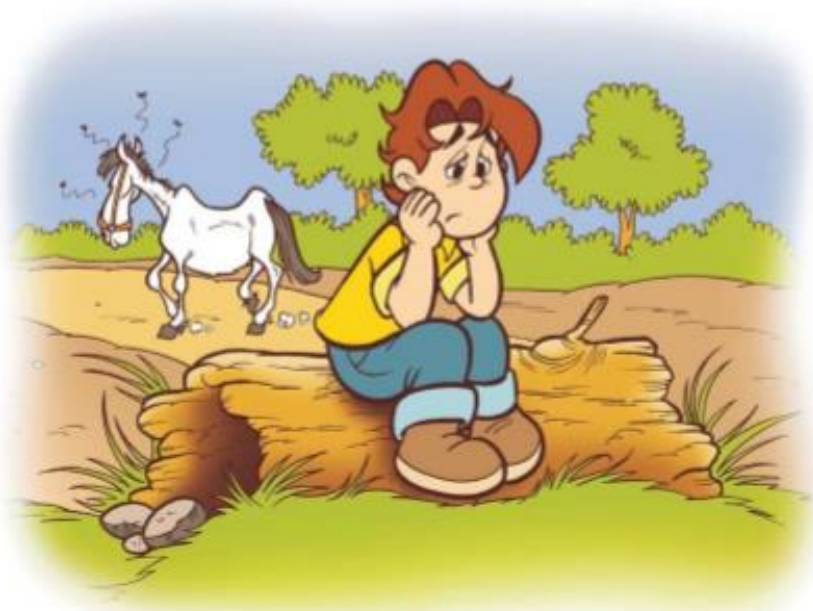


Antes que o EuRico pudesse pensar, o malfeitor pegou na porquinha e saiu a correr pela estrada. O Zequinha tentou evitar, mas não foi possível...



A coitadinha estava tão assustada que não conseguiu escapar. O malandro aproveitou-se da inocência do EuRico e fugiu com a Poupança dele. O Zequinha ficou desesperado.

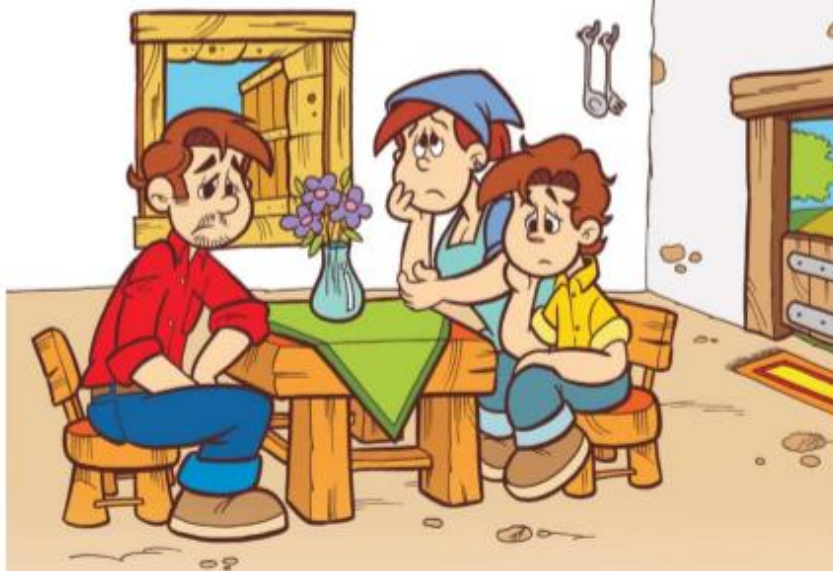
13



A Poupança era mais importante do que qualquer cavalo. O EuRico percebeu que, se ficasse com a ela, um dia poderia ter um cavalo. Mas, ficar sem a sua Poupança deixou-o triste e desanimado.

14

A partida da Poupança trouxe tristeza e incerteza para o futuro da família.



Só quem já teve um bichinho de estimação sabe como é isso. A falta que faz um amigo quando ele vai embora!

15

O senhor Zeca era um homem valente e não gostava de injustiças. Quando o Filho contou como tudo havia acontecido, ele resolveu agir, e partiu atrás do bandido para resgatar a Poupança.



Quando o encontrou, deu-lhe uma lição, por ter enganado o seu filho. Recuperou a Poupança e entregou o bandido à polícia.

16

O senhor Zeca voltou para casa com a Poupança que tinha sido roubada. Eu Rico abriu um sorriso enorme, deu pulos de alegria e contagiou a todos com sua felicidade.



Foi incrível como a presença da Poupança trouxe de volta a alegria e a esperança para toda a família.

17

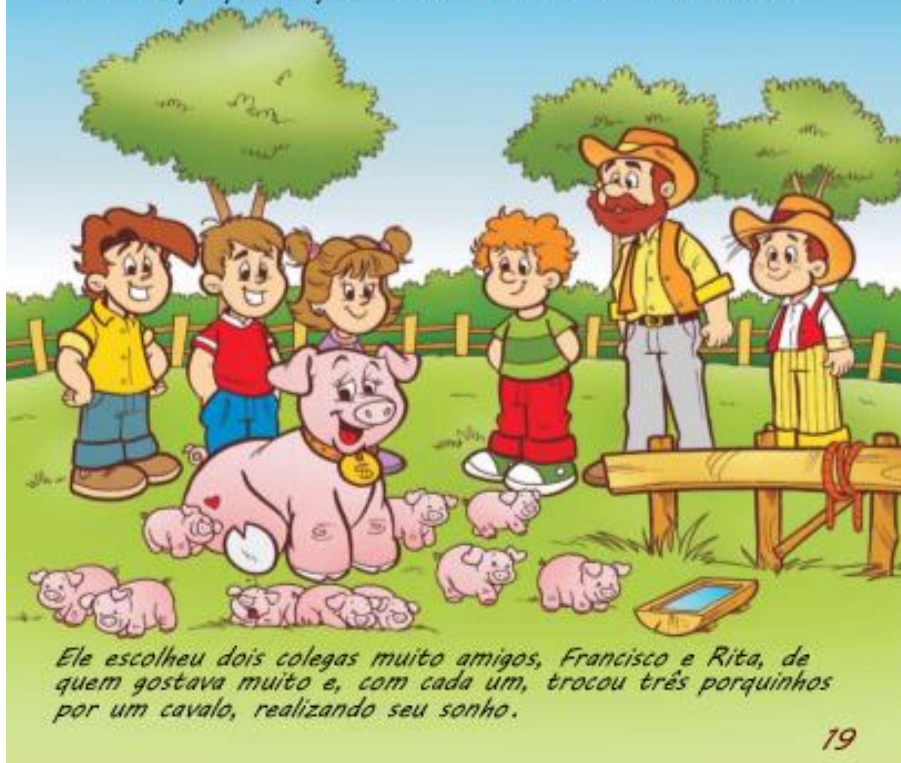
Algum tempo depois daquele susto, a Poupança teve filhinhos, surpreendendo a todos!



Nasceram dez lindos porquinhos. Este era um dos motivos pelo qual a Poupança estava tão grande, e ninguém havia percebido.

18

A história da porquinha Poupança era tão famosa que apareceu muita gente para visitar os filhotes. E todas as crianças queriam adotar os porquinhos para tentar a mesma sorte do EuRico.



Ele escolheu dois colegas muito amigos, Francisco e Rita, de quem gostava muito e, com cada um, trocou três porquinhos por um cavalo, realizando seu sonho.

19

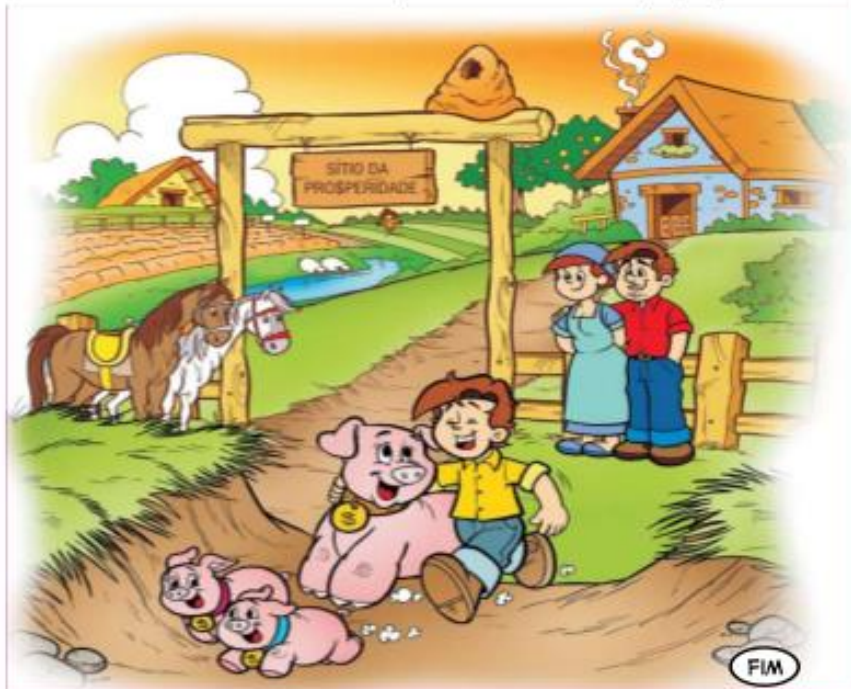
O EuRico ainda vendeu outros dois porquinhos e com o dinheiro comprou um presente para os seus pais.



EuRico sentiu-se muito feliz. Percebeu que depois da Poupança ter entrado em sua vida, tudo melhorou.

20

E, para completar a sua felicidade, ficou com um lindo casal de filhotes. Deu-lhes os nomes de Futuro e Fortuna e cuidou dos dois com o mesmo carinho que havia dedicado à poupança.



FIM

21